

AVALIAÇÃO DE SAÚDE
E SEGURANÇA EM
TRABALHADORES
DA INDÚSTRIA

RELATÓRIO
EXECUTIVO 2024



A INDÚSTRIA CRIA.
A INDÚSTRIA É MAIS.

SESI 80
anos

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI

Antonio Ricardo Alvarez Alban

Presidente

Serviço Social da Indústria - SESI

Fausto Augusto Junior

Presidente do Conselho Nacional

SESI – Departamento Nacional

Antonio Ricardo Alvarez Alban

Diretor

Paulo Mol Junior

Diretor Superintendente

AVALIAÇÃO DE SAÚDE
E SEGURANÇA EM
TRABALHADORES
DA INDÚSTRIA

RELATÓRIO
EXECUTIVO 2024



A INDÚSTRIA CRIA.
A INDÚSTRIA É MAIS.

SESI 80
anos

© 2025. SESI – Departamento Nacional

Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte.

SESI/DN

Superintendência de Saúde

FICHA CATALOGRÁFICA

S491e

Serviço Social da Indústria. Departamento Nacional.

Avaliação de saúde e segurança em trabalhadores da indústria : caderno técnico de arquitetura e engenharia / Serviço Social da Indústria. Brasília: SESI/DN, 2025.

149 p. : il.

1.Arquitetura 2. Engenharia I. Título.

CDU: 622

SESI

Serviço Social da Indústria
Departamento Nacional

Sede

Setor Bancário Norte
Quadra 1 – Bloco C
Edifício Roberto Simonsen
70040-903 – Brasília – DF
<http://www.portaldaindustria.com.br>

Serviço de Atendimento ao Cliente -
SAC
Tels.: (61) 3317-9989 / 3317-9992
sac@cni.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
1 INTRODUÇÃO	11
2 ACESSO A PLANO DE SAÚDE E PERFIL DE SAÚDE E SEGURANÇA.....	17
3 TEMPO DE TRABALHO NA EMPRESA E INDICADORES DE SAÚDE E SEGURANÇA	23
4 TRABALHADORES MAIS VELHOS SÃO MENOS PRODUTIVOS?	31
5 INDICADORES DE SAÚDE E SEGURANÇA E FATORES DE REDUÇÃO DA PRODUTIVIDADE	35
6 USO ABUSIVO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS: UM DESAFIO À ATENÇÃO DA SAÚDE INTEGRAL	41
7 COMPORTAMENTOS SEDENTÁRIOS: TEMPO DE TELAS E DE TV.....	45
8 CONDIÇÕES CRÔNICAS, COMORBIDADES E PRÁTICAS DE CONTROLE.....	49
9 EXPLORANDO FATORES RELACIONADOS À PRODUTIVIDADE: ANÁLISE DE REDES...	55
10 ANÁLISE DESCRITIVA DE FATORES COMPORTAMENTAIS	64
11 ANÁLISE DESCRITIVA DE FATORES DE BEM-ESTAR MENTAL	78
12 ANÁLISE DESCRITIVA DE INDICADORES DE MORBIDADE (ADOECIMENTO).....	90
13 ANÁLISE DESCRITIVA DE INDICADORES DE PERCEPÇÃO DE SAÚDE E AUTOCUIDADO.....	110
14 ANÁLISE DESCRITIVA DE FATORES DE REDUÇÃO DA PRODUTIVIDADE.....	118
15 ANÁLISE DESCRITIVA DE INDICADORES DE CULTURA DE SEGURANÇA	128
16 CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS.....	143

APRESENTAÇÃO

“Avaliação” e “monitoramento” são termos usados para designar um importante macro-processo na gestão da saúde e segurança no trabalho. O Serviço Social da Indústria vem realizando um esforço pioneiro em relação a isso, desde 2010, mas foi a partir de 2018 que foi implementado o sistema de Avaliação de Saúde e Segurança de Trabalhadores da Indústria, também conhecido como ASSTI. Além dos relatórios executivos que o sistema pode gerar para as empresas atendidas e do BI disponível no portal do SESI Viva+, realizou-se um estudo com reuso dos dados coletados em 2024 a fim de gerar conhecimento que possa apoiar a tomada de decisões estratégicas e ampliar o conhecimento acerca da população industrial atendida pelo SESI.

Este é o primeiro relatório elaborado com dados oriundos da nova versão do sistema ASSTI que, além de inúmeras melhorias, passou a contar com novos indicadores e uma dimensão inteiramente dedicada à análise da cultura de segurança. Além de apresentar dados descritivos de cada um dos indicadores, buscou-se recorrer a análises que pudessem responder a algumas das principais inquietações no que tange à saúde e a segurança do trabalhador do setor industrial.

Importante destacar que a elaboração desse relatório só foi possível graças ao trabalho engajado das equipes do SESI em cada um dos regionais. Igualmente relevante destacar que os dados contidos nesse relatório não podem ser extrapolados diretamente para a força industrial como um todo já que os dados analisados são somente de empresas atendidas pelo SESI. Apesar disso a integração de dados oriundos de diferentes estados e regiões brasileiras, de empresas de diferentes portes e ramos de atuação certamente poderão apontar para o cenário geral do setor industrial, principalmente em face do elevado tamanho amostral, o qual é suficiente para as análises robustas que foram realizadas.

Os dados acumulados permitem a realização de diferentes análises e de estudos específicos, mas nesse relatório a ênfase recaiu em procurar responder a algumas questões específicas, tais como:

- **O acesso a plano de saúde discrimina o perfil de saúde e segurança dos trabalhadores?**
- **O tempo de empresa é um fator que contribui para indicadores de saúde e segurança mais positivos?**

- **Trabalhadores mais velhos são menos produtivos por, em tese, terem mais doenças crônicas?**
- **Quais os fatores de estilo de vida, saúde e segurança estão mais associados à perda de produtividade nessa população;**
- **O uso abusivo de bebidas alcoólicas é um dos fatores comportamentais mais prevalentes, qual o perfil dos trabalhadores expostos a esta condição?**
- **O tempo de exposição a telas é um tema emergente na sociedade, com reconhecidas consequências na saúde, qual o perfil dos trabalhadores expostos a esta condição?**
- **Condições crônicas como obesidade, problemas de coluna e depressão tem elevada prevalência neste grupo de trabalhadores, quais os fatores associados?**
- **Quais condições crônicas estão associadas à maior adesão a comportamentos de autocuidado?**

Espera-se que os achados apresentados neste relatório possam auxiliar o planejamento de intervenções e o desenvolvimento de novos produtos/serviços capazes de atender às demandas dos trabalhadores do setor industrial. Neste relatório, optou-se por não descrever detalhes metodológicos em relação ao procedimento de coleta de dados porque o mesmo já está detalhado em Caderno Técnico específico [1]. Assim, quando pertinente e necessário a explicação de um determinado procedimento metodológico, tal detalhamento será apresentado no corpo dos capítulos.

Boa leitura!

Superintendência de Saúde

Serviço Social da Indústria



1 INTRODUÇÃO

Foram avaliados 29.381 participantes, dos quais 225 eram menores aprendizes ou estagiários com idade inferior a 18 anos. Esses dados foram excluídos, resultando numa amostra com 29.156 trabalhadores do setor industrial que foram avaliados mediante utilização do sistema ASSTI, no ano de 2024. Na Tabela 1 está apresentada uma descrição das características demográficas desses trabalhadores.

TABELA 1 – Distribuição dos trabalhadores avaliados segundo características demográficas.

Variáveis	Categorias	%
Sexo	Masculino	62,8 (18.308)
	Feminino	37,2 (10.848)
Gênero	Homem Cis	43,2 (12.596)
	Mulher Cis	26,5 (7.719)
	Homem Trans	0,3 (73)
	Mulher Trans	0,2 (52)
	Não binário	0,2 (45)
	Não me senti representado nas opções	1,2 (342)
	Não sei	0,7 (205)
	Prefiro não responder	2,8 (804)
	Sem resposta	25,1 (7.320)
	Situação conjugal	Solteiro(a)
Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)		60,6 (17.654)
Viúvo(a), desquitado(a) ou divorciado(a)		4,7 (1.378)
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	7,4 (2.150)
	Ensino fundamental completo	8,5 (2.473)
	Ensino médio ou técnico completo	33,0 (9.630)
	Curso superior incompleto	15,4 (4.481)
	Curso superior completo	35,7 (10.422)
Número de filhos	Nenhum	44,8 (13.070)
	1 filho	28,1 (8.198)
	2 filhos	18,4 (5.368)
	3 filhos	6,0 (1.752)
	4 ou mais filhos	2,6 (768)
Acesso a plano de saúde	Não	27,9 (8.129)
	Sim	72,1 (21.027)
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	26,5 (7.716)
	Entre 1 e 2 anos	17,3 (5.033)
	Entre 2 e 5 anos	19,3 (5.634)
	Entre 5 e 10 anos	13,2 (3.859)
	Mais de 10 anos	23,7 (6.914)

Do total de avaliados, aproximadamente três em cada quatro trabalhadores (~72%) foi capaz de informar a sua identidade de gênero. Cerca de 44% dos trabalhadores referiu que tinha até dois anos de trabalho na empresa, o que pode expressar, em certa medida que há ainda considerável rotatividade de mão de obra no setor. Outro aspecto observado foi a maior proporção de trabalhadores que referiram trabalhar há mais de cinco anos na empresa entre homens (38,2%), em comparação ao verificado entre as mulheres (34,1%). Tal achado também pode denotar que a rotatividade de mão de obra é diferente entre sexos, sendo maior entre as mulheres.

A proporção de trabalhadores que referiram não ter filhos foi maior entre as mulheres (48,9%) em comparação aos homens (43%). Outra associação observada foi a maior proporção de trabalhadores com escolaridade mais elevada entre as mulheres em comparação ao observado entre os homens. Por exemplo, a proporção de mulheres com escolaridade superior ao ensino médio foi de 63,7%, enquanto entre os homens este percentual foi de 43,1%.

Como esperado, a condição socioeconômica do trabalhador, expressa nesse conjunto de indicadores pelo nível de escolaridade, está diretamente associada ao acesso a um plano de saúde, conforme ilustrado na Figura 1. Uma hipótese que pode ser levantada é de que essa associação não tenha o mesmo comportamento nas diferentes regiões em face de razões econômicas e da própria qualidade dos serviços ofertados no SUS, mas as análises realizadas indicaram que o mesmo padrão se repete em todas as regiões do país (Figura 2).

FIGURA 1 - Proporção de trabalhadores que referem acesso a plano de saúde por nível de escolaridade.

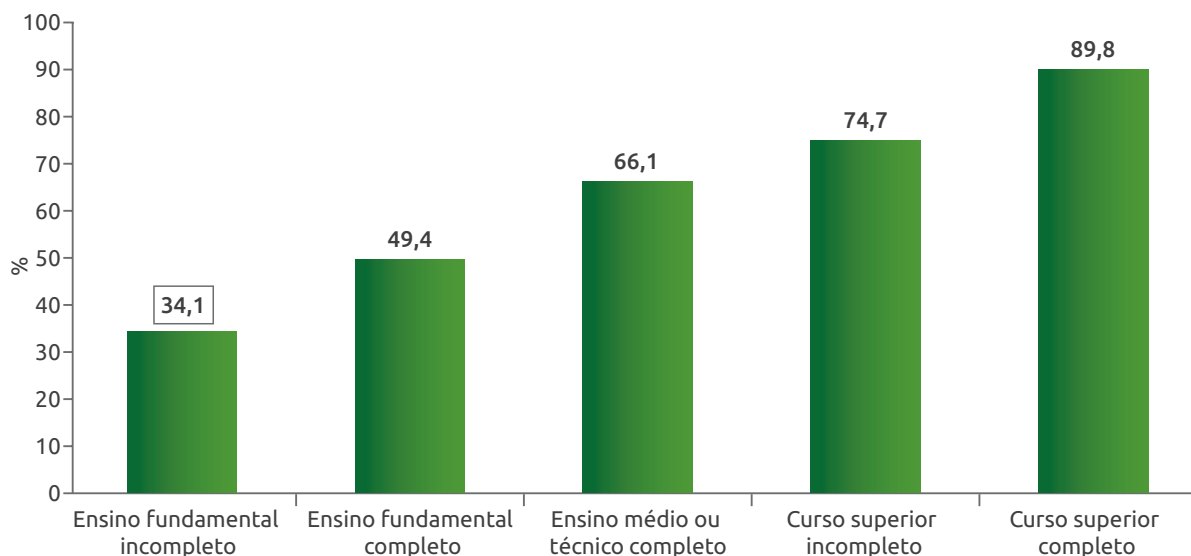
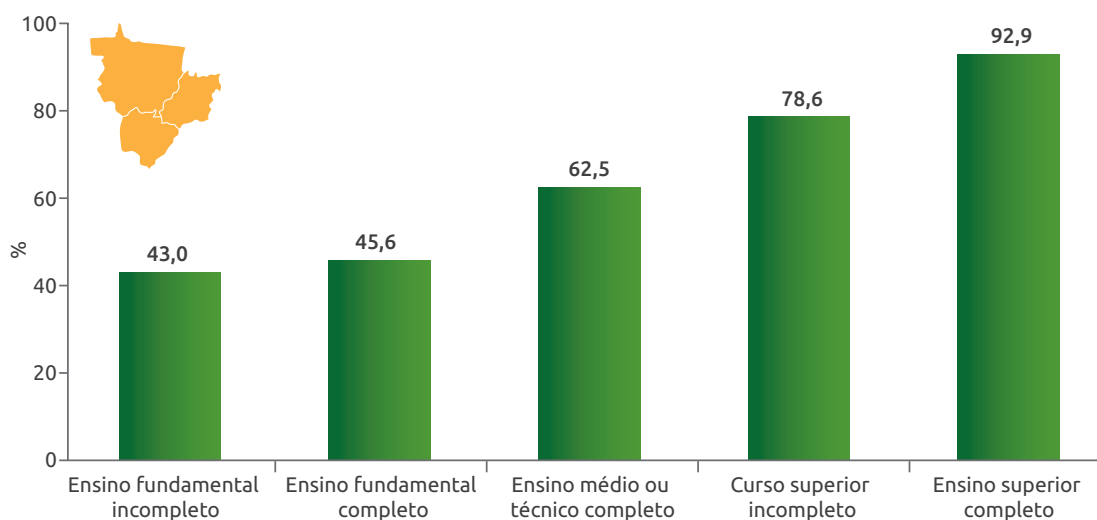
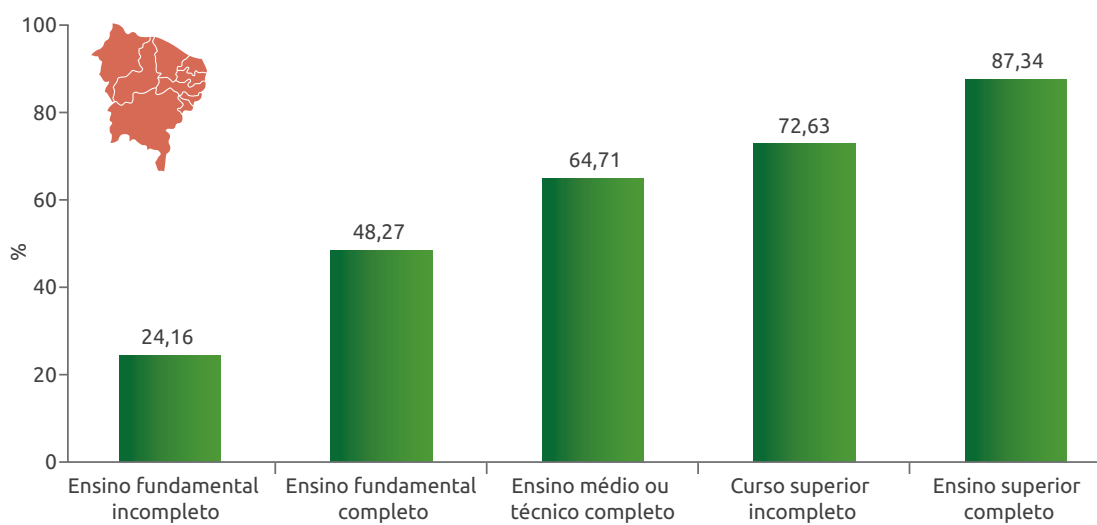
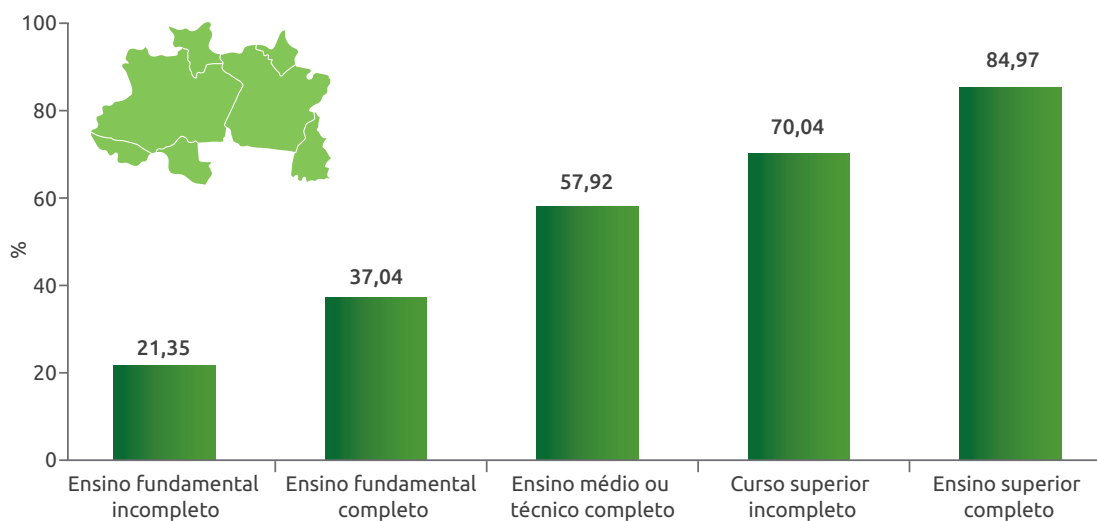
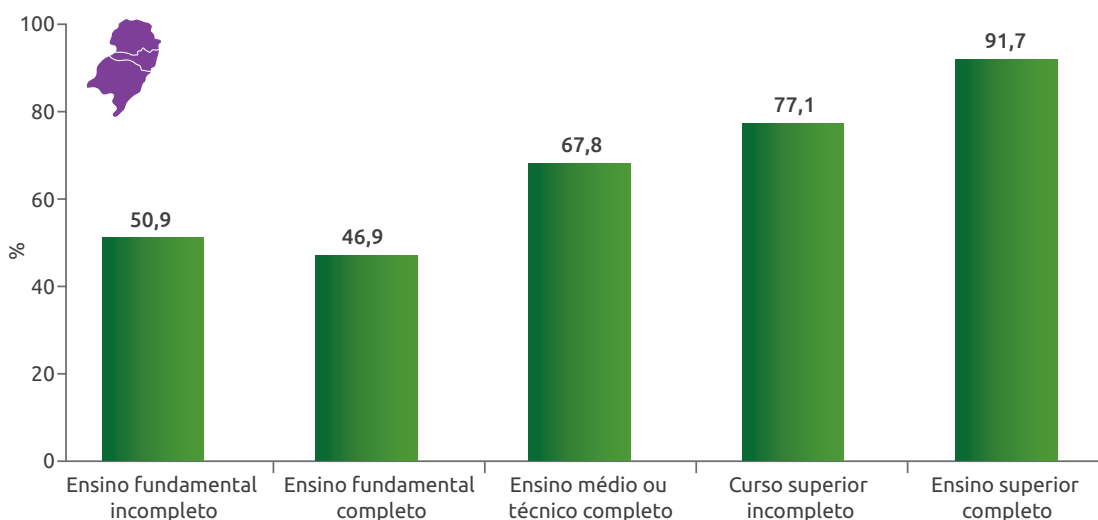
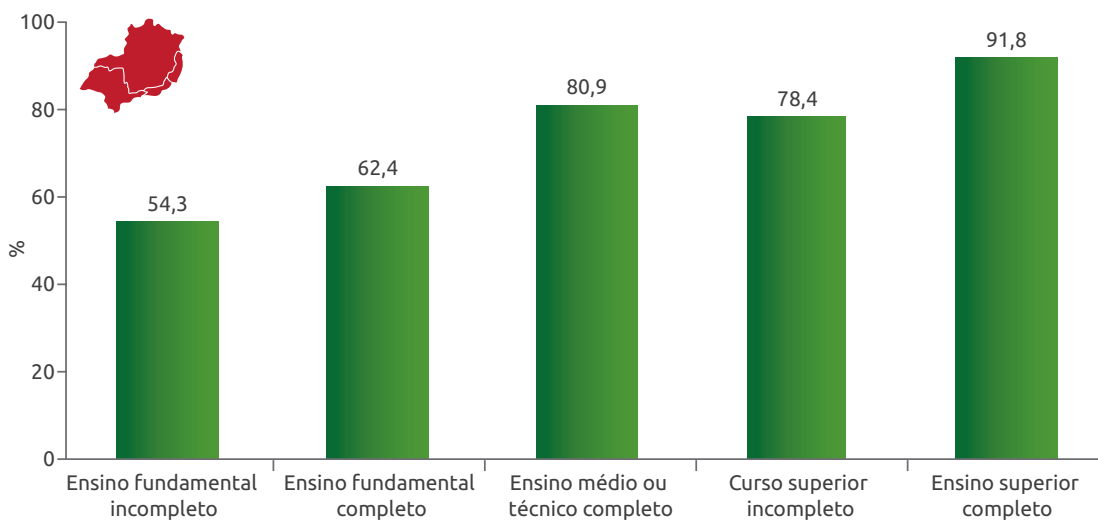


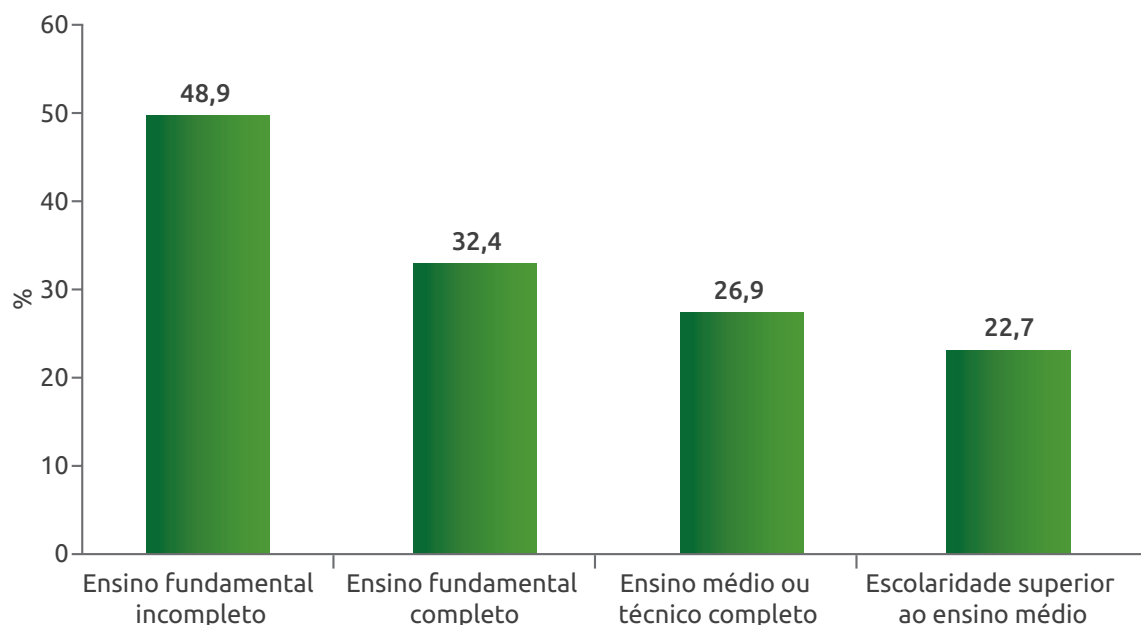
FIGURA 2 - Proporção de trabalhadores que referem acesso a plano de saúde, por nível de escolaridade e região geográfica.





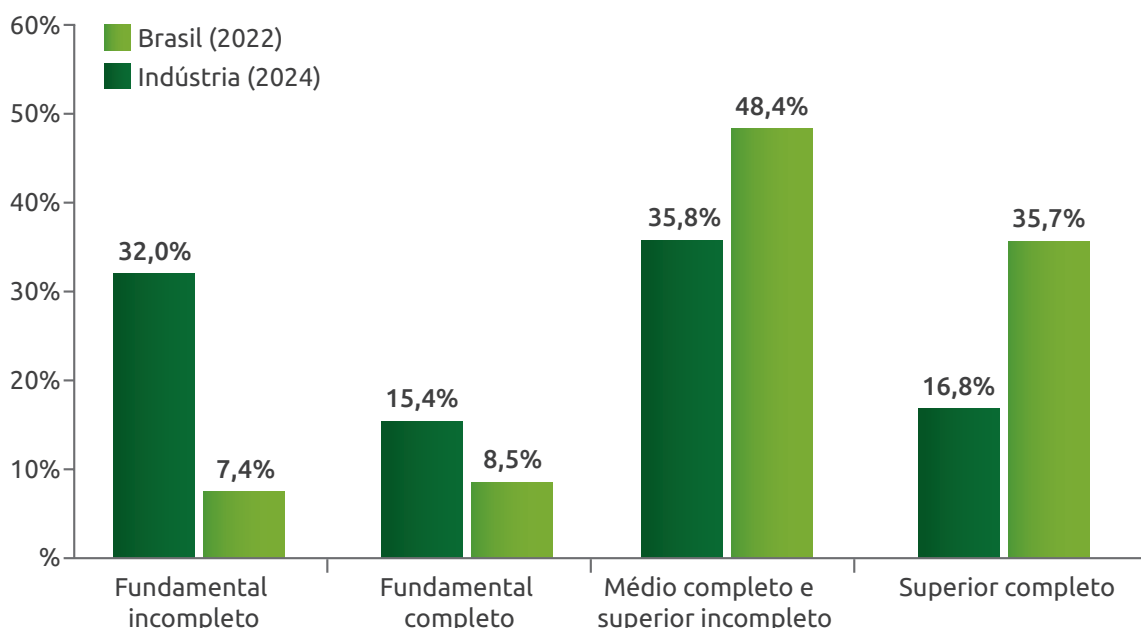
Dados do IBGE indicam que a média de filhos por casal no Brasil era de 2,38 em 2000 e caiu para 1,57 em 2023 [2]. Há, portanto, uma clara tendência de redução na taxa de fecundidade. Todavia, persistem em algumas regiões um arranjo familiar com maior número de filhos. Neste grupo de trabalhadores, verificou-se que 27% referiram ter dois ou mais filhos. Notou-se que a proporção de respondentes com dois ou mais filhos é inversamente proporcional ao nível de escolaridade, quanto maior a escolaridade menor a proporção de trabalhadores com dois ou mais filhos (Figura 3).

FIGURA 3 - Proporção de trabalhadores que referiram ter dois ou mais filhos, por nível de escolaridade.



Positivamente, a proporção de trabalhadores com ensino fundamental incompleto foi de apenas 7,4% neste grupo de trabalhadores, enquanto na população brasileira este percentual foi de 32%, segundo dados do Censo do IBGE de 2022 [2]. Todos os indicadores de escolaridade são melhores entre os trabalhadores avaliados em comparação ao observado na população brasileira como um todo (Figura 4).

FIGURA 4 - Comparação da proporção de trabalhadores do setor industrial e de adultos brasileiros em geral, segundo nível de escolaridade.





2 ACESSO A PLANO DE SAÚDE E PERFIL DE SAÚDE E SEGURANÇA

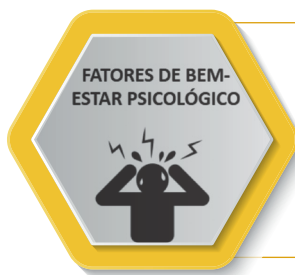
O acesso a plano de saúde é conhecido fator de retenção de trabalhadores nas empresas, tendo em vista o elevado custo do mesmo, especialmente para trabalhadores com famílias maiores (maior número de vidas). Todavia, os resultados desse relatório não evidenciaram que o número de filhos é um fator associado ao acesso a plano de saúde.

Em relação aos fatores comportamentais, verificou-se que as prevalências de tabagismo, baixo consumo de frutas e hortaliças, excessivo consumo de refrigerantes e sucos artificiais e inatividade física no lazer foram mais elevadas em trabalhadores que não tem acesso a plano de saúde. Esses resultados se mantiveram inalterados mesmo após ajuste das análises para potenciais fatores de confusão, como o sexo, a faixa etária, a escolaridade, o estado civil, o número de filhos, o tempo de empresa e a região geográfica.



A chance de exposição a fatores comportamentais de risco foi de 15 a 25% superior entre os trabalhadores que não tinham acesso a plano de saúde.

No que tange aos indicadores de bem-estar psicológico, tais como pensamentos negativos e pessimistas, relacionamentos interpessoais de baixa qualidade, percepção negativa da qualidade do sono e dificuldade de relaxar e usufruir do lazer os resultados indicaram que as prevalências foram mais altas entre aqueles que não tinham acesso a plano de saúde. Paradoxalmente, em relação a outros dois indicadores (“elevado nível de estresse” e “insatisfação com as condições de trabalho na empresa”), as prevalências foram discretamente mais altas entre os trabalhadores com acesso a plano de saúde (Tabela 2).



A chance de exposição a determinados indicadores negativos de bem-estar psicológico foi de 12 a 27% superior entre os trabalhadores que não tinham acesso a plano de saúde.

Conforme está apresentado na Tabela 2, os resultados observados foram todos num sentido bastante intuitivo, por exemplo, a prevalência de enfermidades crônicas foi sempre maior entre os trabalhadores que tem acesso a plano de saúde, em que pese em alguns casos as diferenças não terem sido estatisticamente significativas (hipertensão, AVC, câncer e problema crônico de coluna). Uma maior prevalência de morbidade entre os que tem acesso a plano pode ser resultante da maior facilidade de realizar consultas e exames regulares permitindo a identificação precoce de enfermidades e outras condições que exigem controle ou tratamento de longo prazo.



Trabalhadores que não tem acesso a plano de saúde tem menor chance de referir algumas enfermidades. Tal achado pode estar relacionado à dificuldade de acesso a serviços preventivos que permitam detecção precoce dessas condições.

As prevalências de trabalhadores que referiram percepção de saúde negativa e percepção de saúde bucal negativa foram mais baixas entre os trabalhadores que referiram ter acesso a plano de saúde. Mais ainda, observou-se também que a baixa frequência de atividades de controle de condições crônicas e a atitude negativa em relação ao autocuidado foram práticas com menor prevalência, também, entre os trabalhadores com acesso a plano de saúde (Tabela 3). Esses achados sugerem de maneira consistente que as práticas de autocuidado e a percepção de saúde é pior entre aqueles que dependem do serviço público de atenção à saúde, constituindo-se num grupo bastante vulnerável e que poderia ser alvo de intervenções específicas. Serviços que fazem parte do portfólio do SESI e que se baseiam na metodologia do autocuidado apoiado (e.g., SESI Cuidado Integrado) podem ter grande impacto nos indicadores de saúde e segurança dos trabalhadores do setor industrial.



A chance de exposição a percepção de saúde negativa e práticas inadequadas de autocuidado é de 14 a 51% superior entre os trabalhadores que não tinham acesso a plano de saúde, a depender do indicador analisado.

Na análise da associação entre os fatores de redução da produtividade e o acesso a plano de saúde, os resultados foram paradoxais. Por exemplo, em relação ao indicador faltas por motivo de saúde, apesar das prevalências serem absolutamente as mesmas entre trabalhadores que tem ou não tem acesso a plano de saúde, a análise ajustada para potenciais fatores de confusão revelou que o trabalhador que não tem acesso a plano de saúde tem 15% menor chance de faltar três ou mais dias ao trabalho durante um mês.

Por outro lado, ao analisar alguns fatores de redução de produtividade que se relacionam com presenteísmo ("falta de vontade de vir ao trabalho" e "dores/desconforto na realização de tarefas"), verificou-se que os trabalhadores que não tem acesso a plano de saúde tem maior chance de referiram estas condições em três ou mais dias, nos últimos 30 dias.



Trabalhadores que não tem acesso a plano de saúde tem aproximadamente 15% menor chance de faltas ao trabalho e, por outro lado, 17 e 19% maior chance de referir "falta de vontade de vir ao trabalho" e "dores/desconforto na realização de tarefas laborais".

Como mencionado, em 2024 foi implantado um novo módulo ao ASSTI, o qual permite obter indicadores de cultura de segurança. Nessas análises também se procurou entender em que medida o acesso a plano de saúde pode estar associado a tais variáveis. Os resultados sugerem que entre os trabalhadores que não tem acesso a plano de saúde os indicadores de cultura de segurança foram sistematicamente mais baixos. Importante reiterar que tais análises foram ajustadas para o potencial papel confundidor de variáveis como sexo, faixa etária, escolaridade, estado civil, número de filhos, tempo de empresa e região geográfica (ver Tabela 3).



Trabalhadores que não tem acesso a plano de saúde apresentaram indicadores de cultura de segurança mais baixos. A chance de referir indicadores positivos de cultura de segurança foi de 27% a 45% inferior entre aqueles que não tem acesso a plano de saúde.

TABELA 2 – Prevalências dos indicadores comportamentais, de bem-estar psicológico e de morbidade entre trabalhadores segundo acesso a plano de saúde, com respectivos valores de OR (IC95%).

Dimensões	Indicadores	Plano de Saúde		OR (IC95%)*	Valor p
		Não	Sim †		
Fatores comportamentais	Tabagismo	8,65	5,42	1,17 (1,04 - 1,30)	0,006
	Consumo excessivo de álcool	35,41	35,46	0,99 (0,93 - 1,05)	0,749
	Baixo Consumo de Frutas e Hortaliças	87,30	82,48	1,25 (1,15 - 1,36)	<0,001
	Excesso de refrigerantes e sucos artificiais	10,86	7,77	1,15 (1,05 - 1,27)	0,003
	Inatividade Física no lazer	47,83	40,85	1,20 (1,13 - 1,27)	<0,001
	Excesso de tempo de TV	8,17	7,14	1,04 (0,94 - 1,16)	0,379
	Excesso de tempo de tela	32,32	32,42	1,01 (0,95 - 1,08)	0,614
Bem-estar psicológico	Elevado nível de estresse	18,25	19,51	1,15 (1,07 - 1,26)	<0,001
	Pensamentos negativos e pessimistas	8,93	6,11	1,25 (1,12- 1,38)	<0,001
	Relacionamentos interpessoais de baixa qualidade	12,20	8,78	1,27 (1,16 - 1,40)	<0,001
	Percepção negativa da qualidade do sono	16,29	13,24	1,12 (1,03 - 1,21)	0,005
	Dificuldade de relaxar e usufruir do lazer	18,61	14,73	1,20 (1,12 - 1,30)	<0,001
	Insatisfação com as condições de trabalho na empresa	8,11	8,79	1,18 (1,06 - 1,31)	0,002
Morbidade	Obesidade	21,91	25,60	0,91 (0,85 - 0,97)	0,005
	Hipertensão referida	16,92	18,25	1,05 (0,97 - 1,14)	0,221
	Diabetes referida	4,70	6,84	0,83 (0,73 - 0,94)	0,003
	Colesterol alto referido	14,04	24,67	0,71 (0,66 - 0,77)	<0,001
	AVC referido	0,92	0,90	0,94 (0,70 - 1,26)	0,691
	Artrite ou Reumatismo referido	2,75	4,30	0,79 (0,67 - 0,93)	0,004
	Asma ou bronquite asmática referido	7,71	9,73	0,91 (0,82 - 1,01)	0,082
	Depressão referida	9,86	12,88	0,91 (0,83 - 1,01)	0,054
	Câncer	0,77	1,53	0,90 (0,67 - 1,20)	0,467
	Problema crônico de coluna	21,91	25,60	0,94 (0,88 - 1,02)	0,120

TABELA 3 - Prevalências dos indicadores de percepção de saúde e autocuidado, fatores de redução da produtividade e de cultura de segurança entre trabalhadores segundo acesso a plano de saúde, com respectivos valores de OR (IC95%).

Dimensões	Indicadores	Plano de Saúde		OR (IC95%)*	Valor p
		Não	Sim ‡		
Percepção de saúde e autocuidado	Baixa frequência de atividades de controle de condições crônicas	37,88	23,75	1,50 (1,41 - 1,59)	<0,001
	Percepção negativa de saúde	35,76	32,38	1,14 (1,08 - 1,21)	<0,001
	Percepção negativa de saúde bucal	39,07	27,74	1,35 (1,27 - 1,43)	<0,001
	Atitude negativa em relação ao autocuidado	6,94	3,08	1,51 (1,32 - 1,72)	<0,001
Fatores de redução da produtividade	Faltas por motivos de saúde	5,90	5,90	0,85 (0,75 - 0,96)	0,008
	Falta de vontade de vir ao trabalho	14,25	14,57	1,17 (1,08 - 1,27)	<0,001
	Falta de disposição (ânimo ou energia)	14,57	16,52	1,04 (0,96 - 1,13)	0,310
	Dificuldade para se concentrar	10,10	13,74	0,99 (0,90 - 1,08)	0,754
	Dores/desconforto na realização de tarefas	15,09	12,49	1,19 (1,09 - 1,29)	<0,001
Cultura de segurança	Segurança e prevenção de acidentes são importantes para a empresa	88,27	93,75	0,60 (0,55 - 0,66)	<0,001
	Ambiente de trabalho seguro	85,62	90,00	0,73 (0,67 - 0,80)	<0,001
	Liderança obedece e encoraja obediências às normas de segurança	89,08	92,85	0,66 (0,60 - 0,74)	<0,001
	Empresa prioriza e realiza esforços suficientes para prevenção de acidentes	84,96	88,36	0,59 (0,54 - 0,64)	<0,001
	Trabalhadores recebem treinamento para emergências e prevenção de acidentes	83,60	89,26	0,55 (0,51 - 0,59)	<0,001
	Comunicação suficiente e adequada sobre prevenção de acidentes	80,06	86,12	0,56 (0,52 - 0,60)	<0,001

Observações:

Nas tabelas 2 e 3 os desfechos estão na linha e a exposição na coluna (plano de saúde). Lembrando que a categoria de referência é ter plano de saúde. Assim, por exemplo, os trabalhadores que não têm plano de saúde têm 17% maior chance de ser tabagistas quando comparados aos trabalhadores que tem plano de saúde.

O * sinaliza que todas as análises realizadas para determinar valores de OR foram ajustadas por sexo, faixa etária, escolaridade, estado civil, número de filhos, tempo de empresa e região geográfica.

‡ indica nas Tabelas 2 e 3 a categoria de referência.



3 TEMPO DE TRABALHO NA EMPRESA E INDICADORES DE SAÚDE E SEGURANÇA

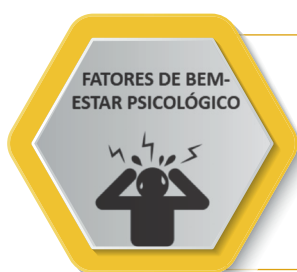
O tempo de trabalho numa empresa é um fator que pode estar associado a diversos indicadores de saúde e segurança. Por exemplo, pelo menos de uma perspectiva teórica, quanto maior for o tempo de trabalho numa mesma empresa, maiores foram as oportunidades para que este recebesse treinamentos para prevenção de acidentes. Assim, os indicadores deveriam ser mais elevados entre aqueles com maior tempo de empresa. Por outro lado, quanto maior o tempo de trabalho na empresa, espera-se que esse trabalhador seja também mais velho e a idade é um fator conhecidamente associado à incidência de enfermidades crônicas.

O tempo de trabalho na empresa foi um fator que se mostrou associado a fatores comportamentais, indicadores de bem-estar psicológico, percepção de saúde e autocuidado, fatores de redução da produtividade e, também, aos indicadores de cultura de segurança. Em relação aos fatores comportamentais, o achado que mais chamou a atenção foi a identificação de que os trabalhadores com menor tempo de trabalho na empresa tem uma chance 78% superior de serem tabagistas, mesmo após ajustamento para faixa etária e demais fatores de confusão. Por outro lado, esse mesmo grupo tem aproximadamente 30% menor chance de exposição excessiva a televisão (um indicador de comportamento sedentário). Abuso de bebidas alcoólicas e excesso de tempo de tela não foram discriminados pelo tempo de trabalho na empresa.



A chance de exposição a fatores comportamentais de risco foi de 20% a 78% superior entre os trabalhadores com ≤ 5 anos de trabalho na empresa, exceto em relação a excessivo tempo de TV.

Ao analisar os indicadores da dimensão bem-estar psicológico, três foram estatisticamente discriminados pelo tempo de trabalho na empresa: “elevado nível de estresse”, “relacionamentos interpessoais de baixa qualidade” e “insatisfação com as condições de trabalho na empresa”. Nos demais fatores apesar das diferenças observadas no tocante às prevalências de alguns indicadores, as mesmas não tiveram significância estatística após controle para fatores de confusão em potencial. A chance de referir elevado nível de estresse foi 35% inferior entre os trabalhadores com menor tempo de trabalho na empresa e, de modo similar, a chance de referir “relacionamentos interpessoais de baixa qualidade” e “insatisfação com as condições de trabalho na empresa” foi, respectivamente, 37% e 58% menor entre aqueles com menor tempo de trabalho na empresa.



A chance de exposição a indicadores negativos de bem-estar psicológico foi de 35 a 58% inferior entre os trabalhadores com ≤ 5 anos de trabalho na empresa.

Não se observou associação entre “AVC referido” e “asma ou bronquite asmática” e o tempo de trabalho na empresa, considerando-se o ponto de corte adotado (≤ 5 anos). Na maior parte das análises realizadas a chance de morbidade foi menor em trabalhadores com menor tempo de trabalho, mesmo após ajustamento para potenciais fatores de confusão, inclusive a idade. As únicas exceções foram a obesidade e a depressão, condições crônicas com maior chance de ocorrência entre os trabalhadores com menor tempo de trabalho na empresa. A obesidade apesar de ter maior prevalência entre os trabalhadores com maior tempo de empresa, após ajustamento para fatores de confusão, verificou-se que sete por cento maior chance desta enfermidade em trabalhadores com menor tempo de trabalho na empresa. De maneira similar, observou-se 10% maior chance de depressão entre os trabalhadores com ≤ 5 anos de trabalho na empresa.



Trabalhadores com menor tempo de trabalho na empresa apresentaram menor chance de referir a maior parte das enfermidades, exceto em relação à obesidade e a depressão, onde a chance foi superior entre aqueles com ≤ 5 anos de trabalho.

O tempo de trabalho na empresa não foi identificado como um fator associado à “atitude negativa em relação ao autocuidado”. Os trabalhadores com menos de cinco anos de trabalho na empresa apresentaram 31% maior chance de “baixa frequência de atividades de controle de condições crônicas” e 18% maior chance de “percepção negativa de saúde bucal”. Apesar da prevalência de percepção negativa de saúde ter sido mais elevada entre aqueles com ≤ 5 anos de trabalho na empresa, após ajustamento para potenciais fatores de confusão, verificou que este grupo apresentava 13% menor chance de referir tal condição, um proxy do próprio nível de qualidade de vida do trabalhador.



Trabalhadores com ≤ 5 anos de trabalho apresentaram 13% menor chance de referir percepção negativa de saúde, 31% maior chance de “baixa frequência de atividades de controle de condições crônicas” e 18% maior chance de “percepção negativa de saúde bucal”.

De maneira consistente, os trabalhadores com menos de cinco anos de trabalho apresentaram menor chance de faltas por motivos de saúde, falta de vontade de vir ao trabalho, falta de disposição (ânimo ou energia), dificuldade para se concentrar e dores/desconforto na realização de tarefas (Tabela 5). A chance de faltar três ou mais dias ao trabalho nos últimos 30 dias é 27% inferior entre aqueles trabalhadores com ≤ 5 anos de trabalho na empresa. Resultados similares foram observados em relação aos quatro indicadores de presenteísmo. A chance de referir falta de vontade de vir ao trabalho em três ou mais dias nos últimos 30 dias foi 56% inferior entre aqueles com ≤ 5 anos de empresa. Similarmente, falta de disposição (chance 51% inferior), dificuldade para se concentrar (chance 46% inferior) e dores/desconforto (chance 38% inferior) em três ou mais dias dos últimos 30 dias foram fatores com menor chance de ocorrência entre os trabalhadores com menos tempo de trabalho na empresa.



Trabalhadores com menor tempo de trabalho na empresa tem menor chance de faltas ao trabalho (indicador de absenteísmo) e, de modo similar, menor chance de referir todos os indicadores de presenteísmo que foram analisados.

Na análise da dimensão cultura de segurança, não se observou associação significativa entre o tempo de trabalho e a variável “trabalhadores recebem treinamento para emergências e prevenção de acidentes”. Nos demais fatores analisados, verificou-se maior chance de que os trabalhadores com menor tempo de trabalho apresentem indicadores de cultura de segurança mais positivos. A chance de perceber que segurança e prevenção de acidentes são importantes para a empresa é 32% maior entre aqueles com menor tempo de trabalho na empresa. De modo convergente, os trabalhadores com ≤ 5 anos de empresa apresentaram aproximadamente 40% maior chance de perceber que o “ambiente de trabalho é seguro” e que a “comunicação sobre prevenção de acidentes é suficiente e adequada”. Notou-se, ainda, que esses trabalhadores com menor tempo de empresa apresentaram chance 66% superior de perceber que a “liderança obedece e encoraja obediências às normas de segurança”. Essa mesma tendência também foi observada ao se verificar que aqueles com menor tempo de empresa tinham 58% maior chance de referir que a “empresa prioriza e realiza esforços suficientes para prevenção de acidentes”. Os resultados estão detalhados nas Tabelas 4 e 5.



Verificou-se maior chance de que aqueles com ≤ 5 anos de trabalho apresentassem indicadores de cultura de segurança mais positivos. Não se observou associação entre o tempo de empresa e a variável “trabalhadores recebem treinamento para emergências e prevenção de acidentes”.

Os resultados sugerem um cenário paradoxal, os trabalhadores com menor tempo de trabalho na empresa apresentam, de modo geral, uma maior chance de exposição a fatores comportamentais de risco, mas, ao mesmo tempo, menor risco de exposição a fatores negativos de bem-estar psicológico e menor chance de adoecimento. Negativamente, esses trabalhadores com ≤ 5 anos de empresa apresentaram 31% menor chance de realização de atividades de controle de condições crônicas, muito possivelmente porque tais cuidados só iniciam a partir da manifestação clínica das enfermidades, denotando a inexistência de uma cultura de cuidados e práticas de prevenção.

Na dimensão “fatores de redução da produtividade”, a chance de todos os indicadores foi menor entre aqueles que tinham menor tempo de trabalho na empresa. Esse resultado permaneceu inalterado mesmo após ajustamento para possíveis efeitos confundidores como o sexo e a idade, além de outros. Tal achado é paradoxal, pois as análises relacionadas à idade não demonstram que os mais velhos são menos produtivos, então esses resultados devem ser explicados mais pelo tempo de engajamento do trabalhador com a cultura e processo de trabalho do que pelo processo de envelhecimento da força de trabalho.

De modo geral, os trabalhadores com menor tempo de empresa apresentaram maior chance de apresentarem indicadores de cultura de segurança mais positivos. Uma das possíveis explicações é que aqueles com maior tempo de engajamento nos processos de trabalho podem atribuir menor valor a esses fatores, por estarem mais adaptados aos processos de trabalho ou, eventualmente, por não participarem ativamente dos processos de treinamento e não valorizarem os esforços de comunicação realizados pela empresa a fim de prepará-los para enfrentamento de situações de emergências e de prevenção de acidentes.



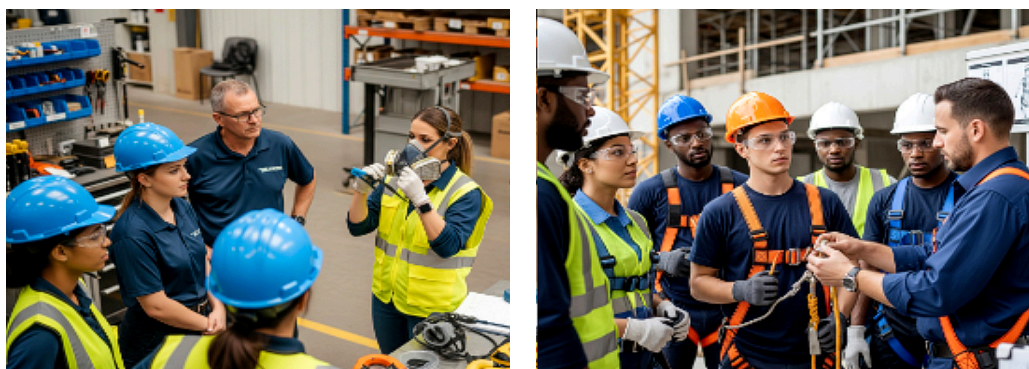


TABELA 4 – Prevalências dos indicadores comportamentais, de bem-estar psicológico e de morbidade entre trabalhadores, segundo tempo de trabalho na empresa, com respectivos valores de OR (IC95%).

Dimensões	Indicadores	Tempo de Empresa		OR (IC95%)*	Valor p
		≤5 anos	>5anos [‡]		
Fatores comportamentais	Tabagismo	7,26	4,73	1,78 (1,52 - 2,08)	<0,001
	Consumo excessivo de álcool	36,10	34,31	0,99 (0,92 - 1,08)	0,906
	Baixo Consumo de Frutas e Hortalças	85,96	80,18	1,20 (1,09 - 1,33)	<0,001
	Excesso de refrigerantes e sucos artificiais	9,61	6,98	1,22 (1,06 - 1,40)	0,006
	Inatividade Física no lazer	43,20	42,16	1,22 (1,13 - 1,31)	<0,001
	Excesso de tempo de TV	7,09	8,03	0,70 (0,61 - 0,81)	<0,001
	Excesso de tempo de tela	36,21	25,79	0,98 (0,90 - 1,07)	0,632
Bem-estar psicológico	Elevado nível de estresse	19,24	19,01	0,65 (0,59 - 0,72)	<0,001
	Pensamentos negativos e pessimistas	7,78	5,39	0,92 (0,79 - 1,08)	0,320
	Relacionamentos interpessoais de baixa qualidade	9,98	9,33	0,63 (0,55 - 0,72)	<0,001
	Percepção negativa da qualidade do sono	14,67	13,12	0,94 (0,84 - 1,05)	0,271
	Dificuldade de relaxar e usufruir do lazer	16,54	14,59	1,00 (0,90 - 1,11)	0,985
	Insatisfação com as condições de trabalho na empresa	7,90	9,80	0,42 (0,37 - 0,49)	<0,001
Morbidade	Obesidade	23,80	26,06	1,07 (1,01 - 1,14)	0,027
	Hipertensão referida	13,76	24,83	0,82 (0,77 - 0,88)	<0,001
	Diabetes referida	4,61	9,11	0,79 (0,70 - 0,86)	<0,001
	Colesterol alto referido	17,29	29,55	0,76 (0,71 - 0,81)	<0,001
	AVC referido	0,76	1,28	0,83 (0,64 - 1,08)	0,158
	Artrite ou Reumatismo referido	2,70	6,01	0,73 (0,64 - 0,83)	<0,001
	Asma ou bronquite asmática referido	9,80	8,47	1,04 (0,95 - 1,14)	0,403
	Depressão referida	12,77	11,41	1,10 (1,01 - 1,20)	0,023
	Câncer	0,94	2,06	0,73 (0,58 - 0,91)	0,005
	Problema crônico de coluna	17,66	26,40	0,76 (0,71 - 0,81)	<0,001

TABELA 5 - Prevalências dos indicadores de percepção de saúde e autocuidado, fatores de redução da produtividade e de cultura de segurança entre trabalhadores, segundo tempo de trabalho na empresa, com respectivos valores de OR (IC95%).

Dimensões	Indicadores	Tempo de Empresa		OR (IC95%)*	Valor p
		Não	Sim ‡		
Percepção de saúde e autocuidado	Baixa frequência de atividades de controle de condições crônicas	30,47	23,01	1,31 (1,21 - 1,43)	<0,001
	Percepção negativa de saúde	34,56	31,21	0,87 (0,80 - 0,94)	<0,001
	Percepção negativa de saúde bucal	32,32	28,53	1,18 (1,09 - 1,28)	<0,001
	Atitude negativa em relação ao autocuidado	4,36	3,83	1,02 (0,84 - 1,23)	0,828
Fatores de redução da produtividade	Faltas por motivos de saúde	6,08	5,59	0,73 (0,62 - 0,86)	<0,001
	Falta de vontade de vir ao trabalho	15,10	13,41	0,44 (0,40 - 0,50)	<0,001
	Falta de disposição (ânimo ou energia)	16,86	14,42	0,49 (0,44 - 0,55)	<0,001
	Dificuldade para se concentrar	13,17	11,93	0,54 (0,48 - 0,61)	<0,001
	Dores/desconforto na realização de tarefas	13,06	13,50	0,62 (0,56 - 0,70)	<0,001
Cultura de segurança	Segurança e prevenção de acidentes são importantes para a empresa	89,53	89,34	1,32 (1,16 - 1,49)	<0,001
	Ambiente de trabalho seguro	87,44	87,13	1,40 (1,24 - 1,58)	<0,001
	Liderança obedece e encoraja obediências às normas de segurança	91,08	90,21	1,66 (1,44 - 1,91)	<0,001
	Empresa prioriza e realiza esforços suficientes para prevenção de acidentes	84,55	82,77	1,58 (1,41 - 1,77)	<0,001
	Trabalhadores recebem treinamento para emergências e prevenção de acidentes	82,03	84,01	1,02 (0,92 - 1,14)	0,680
	Comunicação suficiente e adequada sobre prevenção de acidentes	80,22	79,29	1,37 (1,24 - 1,52)	<0,001

Observações:

Nas tabelas 4 e 5 os desfechos estão na linha e a exposição na coluna (tempo de trabalho na empresa). Lembrando que a categoria de referência é ter cinco ou mais anos de trabalho na empresa. Assim, por exemplo, os trabalhadores que tem menos de cinco anos de trabalho na empresa têm 78% maior chance de serem tabagistas quando comparados aos trabalhadores que tem maior tempo de trabalho. .

O * sinaliza que todas as análises realizadas para determinar valores de OR foram ajustadas por sexo, faixa etária, escolaridade, estado civil, número de filhos, tempo de empresa e região geográfica.

‡ indica nas Tabelas 4 e 5 a categoria de referência.



4 TRABALHADORES MAIS VELHOS SÃO MENOS PRODUTIVOS?

Há no senso comum o entendimento de que ao envelhecer os trabalhadores tendem reduzir o seu potencial em termos de produtividade. Tal suposição pode estar associada ao reconhecimento de que durante o processo de envelhecimento, a depender do estilo de vida da pessoa, ocorre declínio do desempenho físico, com redução do nível de força e da massa magra. Pode ser também fruto do chamado “etarismo” que é, ainda, muito forte na sociedade brasileira. Uma das evidências mais claras do etarismo é a dificuldade enfrentada por profissionais com 40 ou 50 anos para se colocarem ou se recolocarem no mercado de trabalho, por serem considerados “velhos demais” ou “ultrapassados”.

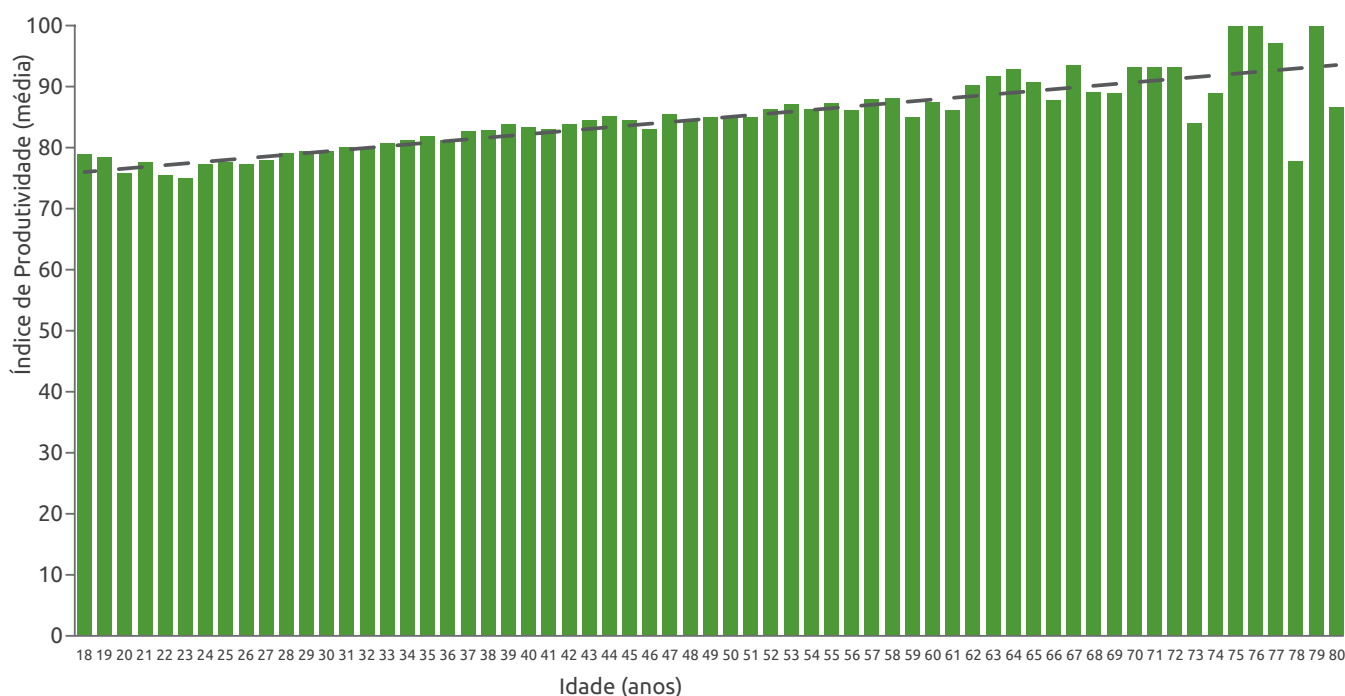
No sistema ASSTI, utiliza-se de um índice calculado para estimar a redução ou perda de produtividade do trabalhador, o qual é denominado de IPRO. Quanto mais alto o índice, menor o impacto dos diferentes fatores de redução da produtividade. Logo, um índice de 100 expressa a máxima capacidade de produtividade que pode ser observada.



Ao analisar o problema focalizado nessa seção, observou-se de maneira muito clara que há uma tendência de elevação do IPRO com aumento da idade (Figura 5).

Há vários fatores que podem, ao menos em parte, explicar um maior índice de produtividade entre os trabalhadores mais velhos: (1) experiência e conhecimento acumulado que lhes permite uma capacidade de tomar decisões mais informadas e estratégicas, minimizando erros e otimizando processos; (2) trabalhadores mais velhos também podem ser mais resilientes e resolutivos diante de desafios, pressões e conflitos; (3) profissionais mais velhos já têm sua vida pessoal mais estruturada, o que pode resultar em maior foco no trabalho; e (4) com menos distrações e uma perspectiva mais clara sobre seus objetivos de carreira, os trabalhadores mais velhos podem demonstrar maior foco e disciplina na execução das tarefas laborais.

FIGURA 5 - Média do índice de produtividade de acordo com a idade dos trabalhadores, com sobreposição de linha de tendência (tracejada).



Ao recorrer a uma análise de cada um dos indicadores que são usados para compor o IPRO, os resultados revelaram que o componente “faltas ao trabalho por motivo de saúde” não tem associação com a faixa etária do trabalhador (Tabela 6). As prevalências, considerando os intervalos de confiança de 95% se sobrepõem, indicando a inexistência de diferenças estatisticamente significativas.

TABELA 6 - Prevalência (IC95%) de 3+ faltas ao trabalho por motivo de saúde nos últimos 30 dias, por faixa etária.

Faixa etária	Prevalência (IC95%)	OR (IC9%)*	Valor p
<30 anos	6,4% (5,89-6,91)	1,33 (0,95-1,88)	0,100
30-39 anos	5,5% (5,03-5,96)	1,03 (0,74-1,43)	0,867
40-59 anos	5,8% (5,38-6,30)	0,97 (0,71-1,34)	0,856
≥60 anos	6,7% (4,99-8,95)	1	

*Ajustado por: sexo, escolaridade, estado civil, número de filhos, tempo de empresa, região.

Por outro lado, ao analisar os indicadores de redução de produtividade isoladamente, os quais denotam fatores associados ao presenteísmo, observou-se entre os trabalhadores mais jovens maior chance de referir em três ou mais dias dos últimos 30 dias falta de vontade de ir ao trabalho (Tabela 7), falta de disposição/ânimo (Tabela 8), dificuldade para se concentrar (Tabela 9) e dores/desconforto na realização de tarefas laborais (Tabela 10).

TABELA 7 - Prevalência (IC95%) de 3+ dias que sentiu falta de vontade de vir ao trabalho nos últimos 30 dias, por faixa etária.

Faixa etária	Prevalência (IC95%)	OR (IC9%)*	Valor p
<30 anos	20,7% (19,85-21,53)	5,80 (4,01-8,39)	<0,001
30-39 anos	14,6% (13,87-15,30)	3,59 (2,50-5,16)	<0,001
40-59 anos	9,5% (8,96-10,11)	2,12 (1,48-3,04)	<0,001
≥60 anos	4,9% (3,47-6,92)	1	

*Ajustado por: sexo, escolaridade, estado civil, número de filhos, tempo de empresa, região.

TABELA 8 - Prevalência (IC95%) de 3+ dias que sentiu falta de ânimo/disposição nos últimos 30 dias, por faixa etária.

Faixa etária	Prevalência (IC95%)	OR (IC9%)*	Valor p
<30 anos	22,9% (22,02-23,76)	7,74 (5,15-11,65)	<0,001
30-39 anos	16,0% (15,26-16,74)	4,86 (3,24-7,27)	<0,001
40-59 anos	10,6% (10,02-11,23)	2,98 (2,00-4,45)	<0,001
≥60 anos	3,9% (2,60-5,71)	1	

*Ajustado por: sexo, escolaridade, estado civil, número de filhos, tempo de empresa, região.

TABELA 9 - Prevalência (IC95%) de 3+ dias que sentiu dificuldade para se concentrar no trabalho nos últimos 30 dias, por faixa etária.

Faixa etária	Prevalência (IC95%)	OR (IC9%)*	Valor p
<30 anos	16,6% (15,85-17,39)	7,13 (4,49-11,33)	<0,001
30-39 anos	13,5% (12,78-14,16)	5,10 (3,22-8,06)	<0,001
40-59 anos	9,2% (8,65-9,79)	3,32 (2,11-5,23)	<0,001
≥60 anos	3,0% (1,88-4,65)	1	

*Ajustado por: sexo, escolaridade, estado civil, número de filhos, tempo de empresa, região.

TABELA 10 - Prevalência (IC95%) de 3+ dias que sentiu dores/desconforto na realização de tarefas laborais nos últimos 30 dias, por faixa etária.

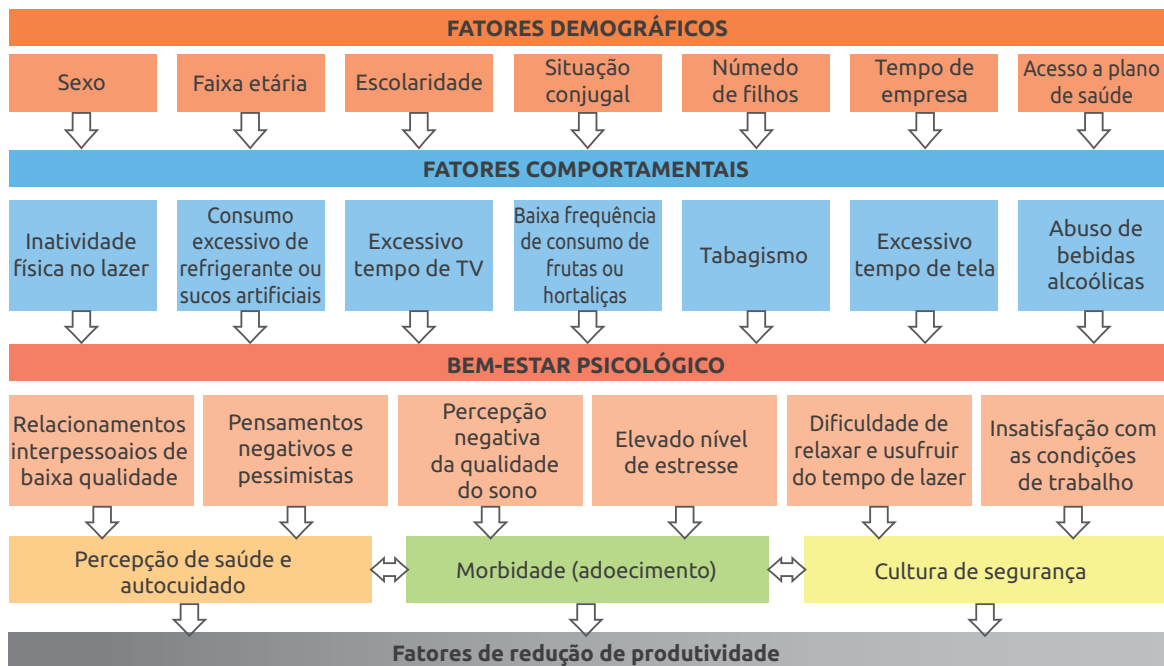
Faixa etária	Prevalência (IC95%)	OR (IC9%)*	Valor p
<30 anos	14,5% (13,79-15,25)	1,66 (1,27-2,16)	<0,001
30-39 anos	12,3% (11,61-12,94)	1,35 (1,04-1,75)	<0,001
40-59 anos	13,1% (12,46-13,79)	1,34 (1,04-1,72)	<0,001
≥60 anos	11,2% (8,96-13,89)	1	

*Ajustado por: sexo, escolaridade, estado civil, número de filhos, tempo de empresa, região.

5 INDICADORES DE SAÚDE E SEGURANÇA E FATORES DE REDUÇÃO DA PRODUTIVIDADE

Nessa parte do relatório, recorreu-se em termos analíticos à modelagem por regressão linear multivariável, a qual foi realizada inserindo nas análises os indicadores de cada um dos níveis (dimensões) de cada vez, mas somente o resultado final está apresentado nesse relatório. Tais análises seguiram o modelo teórico apresentado na Figura 6.

FIGURA 6 - Modelo de análise hierarquizada adotado para verificação de indicadores de saúde e segurança associados a fatores de redução da produtividade.



Os resultados sugerem que indicadores de todas as dimensões guardam alguma associação com os fatores de redução da produtividade e, por conseguinte, com o IPRO (Índice de Produtividade). Os achados estão sintetizados na Tabela 11. Os valores de β (beta) na tabela expressam o grau de mudança esperada na variável IPRO para cada aumento de uma unidade nas variáveis que foram usadas para explicar o comportamento desse índice (o IPRO), ajustando-se tal resultado para todas as demais variáveis inseridas nas análises. Assim, por exemplo, explorando os resultados que constam da Tabela 11, tem-se para a variável faixa etária, um $\beta=8,11$ para a faixa etária de trabalhadores com 60 anos ou mais em comparação aos trabalhadores mais jovens (<30 anos). Isso quer dizer que nesta categoria etária o IPRO é, em média, aproximadamente oito pontos maior entre os trabalhadores idosos em comparação aos que tem menos de 30 anos.

Número de filhos, situação conjugal e acesso a plano de saúde não foram identificados como fatores correlacionados ao IPRO. Assim, a diferença observada entre homens e mulheres quanto ao índice de produtividade devem ter outras explicações, além do conhecido impacto da segunda ou terceira jornada de trabalho enfrentada por mulheres para atuação na atenção aos filhos e à família.

TABELA 11 - Modelo hierárquico dos fatores de estilo de vida, saúde e segurança associados ao índice de produtividade. Resultados do modelo final em relação aos indicadores demográficos.

Variável	Categoria	β	IC95%	Valor p
Faixa etária*	<30 anos	1		
	30-39 anos	2,97	(2,38; 3,55)	<0,001
	40-59 anos	5,46	(4,81; 6,12)	<0,001
	60+ anos	8,11	(6,65; 9,57)	<0,001
Sexo biológico	Feminino	1		
	Masculino	3,58	(3,13; 4,04)	<0,001
Escolaridade	Ensino superior completo	1		
	Ensino superior incompleto	-0,27	(-0,91; 0,38)	0,417
	Ensino médio/técnico completo	1,38	(0,85; 1,90)	<0,001
	Fundamental completo	2,13	(1,34; 2,92)	<0,001
	Fundamental incompleto	3,23	(2,39; 4,07)	<0,001
Tempo de trabalho na empresa	> 5 anos	1		
	≤ 5 anos	0,81	(0,35; 1,28)	<0,001

*Esse resultado reforça o que foi apresentado na figura 5 (capítulo 4) desse relatório.

Os resultados apresentados na Tabela 12 sugerem que os trabalhadores expostos a cinco fatores comportamentais de risco tendem a apresentar menor IPRO. Tais resultados se repetem ao observar os resultados apresentados na Tabela 13, os quais indicam que todos os seis fatores psicossociais afetam negativamente a produtividade. O fator com maior destaque é a “insatisfação com as condições de trabalho”, sendo que os trabalhadores que referem esta condição apresentam IPRO que é aproximadamente nove pontos mais baixo (Tabela 13). Similarmente, aqueles que referem “percepção de exposição a elevado nível de estresse” apresentam IPRO que é cerca de oito pontos mais baixo em comparação aos demais trabalhadores.

TABELA 12 - Modelo hierárquico dos fatores de estilo de vida que estão associados ao índice de produtividade (IPRO). Resultados do modelo final em relação aos indicadores comportamentais.

Variável	β	IC95%	Valor p
Abuso de bebidas alcoólicas	-1,02	(-1,46;-0,59)	<0,001
Excesso de refrigerantes e sucos artificiais	-0,97	(-1,72;-0,22)	<0,001
Inatividade física no lazer	-0,90	(-1,33;-0,46)	<0,001
Excessivo tempo de TV	-1,15	(-1,95;-0,34)	<0,001
Excessivo tempo de tela	-1,76	(-2,23;-1,29)	<0,001

TABELA 13 - Modelo hierárquico dos fatores de estresse psicossocial (bem-estar psicológico) que estão associados ao índice de produtividade (IPRO). Resultados do modelo final em relação aos indicadores psicossociais agrupados na dimensão bem-estar psicológico.

Variável	β	IC95%	Valor p
Insatisfação com as condições de trabalho	-9,26	(-10,15; -8,37)	<0,001
Percepção de exposição a elevado nível de estresse	-8,18	(-8,80; -7,56)	<0,001
Percepção negativa quanto aos relacionamentos interpessoais	-5,08	(-5,91; -4,24)	<0,001
Pensamentos negativos e pessimistas	-3,22	(-4,14; -2,29)	<0,001
Percepção negativa da qualidade do sono	-1,77	(-2,42; -1,11)	<0,001
Dificuldade de relaxar e usufruir do lazer	-1,59	(-2,25; -0,94)	<0,001

Como esperado, trabalhadores com percepção de saúde negativa e com percepção negativa de saúde bucal apresentaram IPRO mais baixo em comparação aos demais. Mas, surpreendentemente, entre aqueles que referiram uma “atitude negativa em relação ao autocuidado” se observou um IPRO mais elevado (quase três pontos). Tal achado pode ser decorrente do menor número de faltas ao trabalho entre aquelas pessoas que não demonstram práticas adequadas de autocuidado. De fato, a proporção de trabalhadores que referiu faltas no último mês foi de 22,9% entre os trabalhadores com atitude negativa em relação ao autocuidado, maior que os 18,9% observados entre os demais, uma diferença de quatro pontos percentuais.

Verificou-se também que sete enfermidades das 10 que são monitoradas pelo ASSTI apresentaram alguma correlação com o IPRO. Os obesos, surpreendentemente, apresentaram um IPRO superior aos demais trabalhadores, embora a magnitude da diferença seja muito pequena ($\beta=1,06$) e pode ter explicação nas práticas de cuidado que já são adotadas pelas pessoas obesas, com repercussão nos fatores de redução da produtividade. Mas, tal achado é inesperado e deve ser explorado em futuros estudos. Por outro lado, exceto pelo colesterol elevado, todas as demais condições foram correlacionadas a reduções mais expressivas do IPRO, variando de $\beta= -1,61$ (asma ou bronquite asmática) a $\beta= -5,38$ (problema crônico de coluna). Esses achados reforçam a necessidade de desenvolvimento de intervenções para auxiliar trabalhadores a controlar condições crônicas e por conseguinte alcançar melhores índices de produtividade para as empresas e de qualidade de vida para os trabalhadores.

TABELA 14 - Modelo hierárquico dos fatores de percepção de saúde e autocuidado que estão associados ao índice de produtividade (IPRO).

Variável	β	IC95%	Valor p
Percepção negativa de saúde	-4,86	(-5,37; -4,35)	<0,001
Percepção negativa de saúde bucal	-1,38	(-1,86; -0,89)	<0,001
Atitude negativa em relação ao autocuidado	2,63	(1,56; 3,70)	<0,001

TABELA 15 - Modelo hierárquico dos fatores de morbidade que estão associados ao índice de produtividade (IPRO).

Variável	β	IC95%	Valor p
Obesidade	1,06	(0,58; 1,54)	<0,001
Problema crônico de coluna	-5,38	(-5,92; -4,83)	<0,001
Depressão referida	-4,74	(-5,45; -4,02)	<0,001
Artrite ou reumatismo referido	-3,87	(-5,01; -2,73)	<0,001
AVC referido	-3,15	(-5,34; -0,97)	0,005
Asma ou bronquite asmática referido	-1,61	(-2,36; -0,85)	<0,001
Colesterol alto referido	-0,70	(-1,23; -0,18)	0,09



O Índice de Produtividade (IPRO) foi aproximadamente sete pontos inferior entre trabalhadores que apresentam comorbidades (2 ou mais condições crônicas. O valor do IPRO foi de 83,9 (DP=18,0) entre aqueles sem comorbidades e de 76,8 (DP=21,5) entre os trabalhadores com comorbidades.

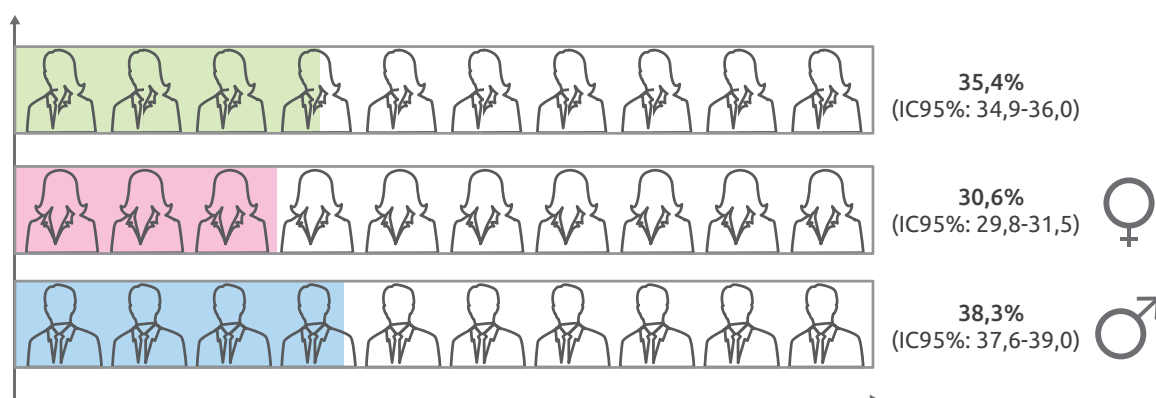


6 USO ABUSIVO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS: UM DESAFIO À ATENÇÃO DA SAÚDE INTEGRAL

No capítulo 10 deste relatório, apresenta-se uma análise descritiva da prevalência de abuso de bebidas alcoólicas, como um dos fatores que integram a dimensão comportamental do ASSTI. Nesta seção, a ênfase recairá numa abordagem mais analítica, na qual se busca entender quais as características deste grupo de trabalhadores, de modo a subsidiar o planejamento de intervenções. Além disso, buscar-se-á entender como esse comportamento concorre para alguns parâmetros de interesse.

A prevalência de abuso de bebidas alcoólicas foi de 35,4% (IC95%: 34,9-36,0), superior entre os homens (38,3%; IC95%: 37,61-39,02) em comparação ao observado entre as mulheres (30,6%; IC95%: 29,79-31,52). Também como mencionado no capítulo 5, o abuso de bebidas alcoólicas foi identificado como um fator associado à redução do IPRO ($\beta = -1,02$; IC95%: -1,46; -0,59).

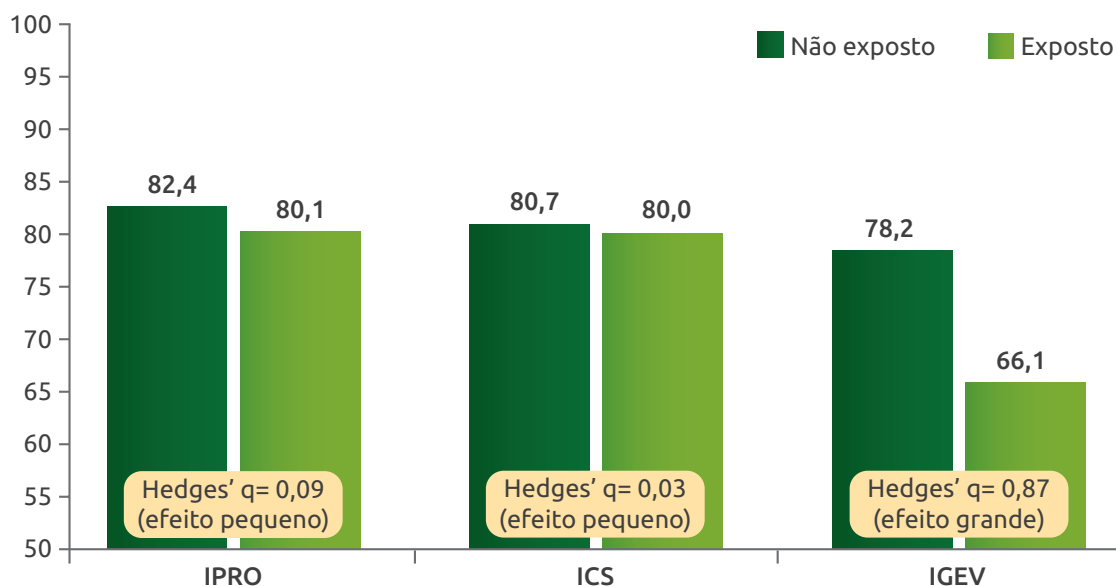
FIGURA 7 - Prevalência e intervalo de confiança 95% (IC95%) de abuso de bebidas alcoólicas em trabalhadores do setor industrial, por sexo.



Fonte: próprio autor.

Análises adicionais permitem comparar o IGEV entre trabalhadores expostos e não expostos a abuso de bebidas alcoólicas, controlando-se para potencial interveniência de fatores de confusão. Os resultados apresentam o impacto da exposição a este comportamento de risco no estilo de vida, produtividade e na cultura de segurança. De modo geral, o que se pode extrair é que aqueles que abusam do consumo de bebidas alcoólicas apresentaram menores níveis IPRO, ICS e IGEV (Figura 8).

FIGURA 8 - Comparação entre trabalhadores expostos e não expostos a abuso de bebidas alcoólicas mediante cálculo de médias marginais por modelo linear generalizado (GLM), com controle de potenciais fatores de confusão.



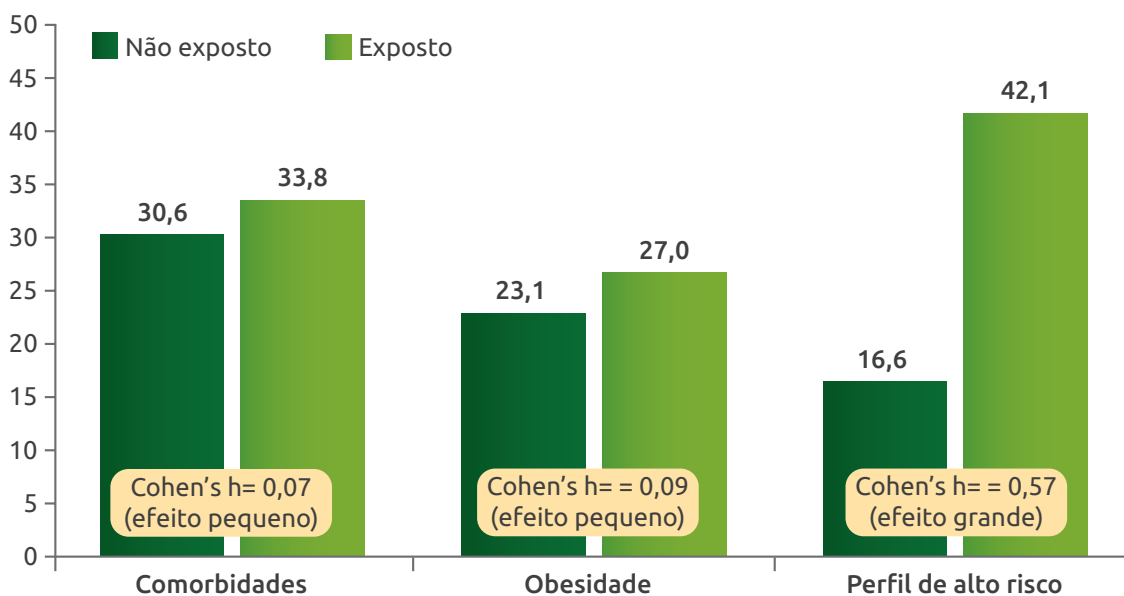
Fonte: próprio autor.

A prevalência de comorbidades é maior entre os trabalhadores que estão expostos a abuso de bebidas alcoólicas (33,8% versus 30,6%; $p < 0,01$), assim como também é maior a prevalência de obesidade (27% versus 23,1%) entre aqueles que abusam de bebidas alcoólicas. Mas o resultado mais impactante é a observação de que a prevalência de trabalhadores de perfil de alto risco é aproximadamente 2,5 vezes maior entre aqueles que referem abusar de bebidas alcoólicas (Figura 9), o que sugere um elevado grau de concomitância (coocorrência) entre a exposição a este e outros comportamentos de risco. Em outras palavras, os trabalhadores que abusam de bebidas alcoólicas se expõem simultaneamente a outros comportamentos de risco.

Em relação à concomitância entre o abuso de bebidas alcoólicas e outros fatores comportamentais de risco e o impacto desses fatores no enfrentamento da carga de morte por doenças crônicas não transmissíveis, a Organização Mundial da Saúde sinalizou em diversos posicionamentos a necessidade de desenvolver ações em relação a quatro fatores comportamentais de risco: o tabagismo, o abuso de bebidas alcoólicas, hábitos

alimentares inadequados e inatividade física. Curiosamente a prevalência de abuso de bebidas alcoólicas como fator de risco isolado é de somente 2%. O problema é que esse comportamento é quase sempre observado em combinação a outros, dentre os quais se destacam: hábitos alimentares inadequados (baixa frequência de consumo de frutas e/ou hortaliças), inatividade física no lazer e excessivo tempo de tela. Por outro lado, em 33,4% dos trabalhadores o abuso está combinado a exposição a outros fatores de risco, o que demanda o planejamento de intervenções específicas.

FIGURA 9 - Figura 9 - Comparação de prevalências de comorbidades, obesidade e perfil de alto risco entre trabalhadores expostos e não expostos a abuso de bebidas alcoólicas.



Fonte: próprio autor.



A exposição ao abuso de bebidas alcoólicas afeta aproximadamente um em cada três trabalhadores e, para a grande maioria, este comportamento de risco não ocorre de modo isolado, mas de forma concomitante a hábitos alimentares inadequados, inatividade física no lazer e excessivo tempo de tela.

TABELA 15 - Prevalência da concomitância de exposição a fatores comportamentais de risco em trabalhadores do setor industrial.

Tabagismo	Baixa frequência de consumo de frutas e/ou hortaliças	Abuso de bebidas alcoólicas	Consumo excessivo de refrigerantes ou sucos artificiais	Inatividade física no lazer	Excessivo tempo de TV	Excessivo tempo de tela	n (%)
		✓					5.123 (17,4%)
		✓		✓			4.285 (14,6%)
	✓	✓					2.452 (8,3%)
		✓				✓	2.049 (7,0%)
	✓	✓		✓			1.893 (6,4%)
		✓		✓		✓	1.574 (5,4%)
	✓	✓				✓	1.431 (4,9%)
	✓	✓		✓		✓	912 (3,1%)
	✓						596 (2,0%)
				✓			576 (2,0%)
TOTAL							20.891 (71,1%)

Fonte: próprio autor.

7 COMPORTAMENTOS SEDENTÁRIOS: TEMPO DE TELAS E DE TV

Há grande destaque na mídia e discussão na sociedade sobre alguns comportamentos sedentários, como o uso excessivo de smartphones, em especial em populações jovens. Para além dessa discussão comportamental, é preciso entender que os mesmos podem afetar de maneira expressiva o desempenho laboral e aumentar o risco de algumas enfermidades. Todavia, é importante destacar que o “comportamento sedentário” não é a mesma coisa da “inatividade física”, sendo fatores de risco independentes para diversos desfechos em saúde.

O excessivo tempo de tela, por exemplo, é um fator comportamental que se apresenta em concomitância (coocorrência) com outros fatores comportamentais de risco, a exemplo dos hábitos alimentares inadequados, abuso de bebidas alcoólicas e da própria inatividade física (Tabela 15). Assim, o risco que o excessivo tempo de tela representa não pode ser resumido aos efeitos celulares e moleculares já conhecidos e que trazem prejuízos à saúde. Ao se expor excessivamente às telas, os trabalhadores tendem a reduzir o consumo de alimentos saudáveis e aumentar o consumo de ultraprocessados, além de abusarem do consumo de bebidas alcoólicas.

FIGURA 10 - Comparação entre trabalhadores expostos e não expostos a excessivo uso de telas mediante cálculo de médias marginais por modelo linear generalizado (GLM), com controle de potenciais fatores de confusão.

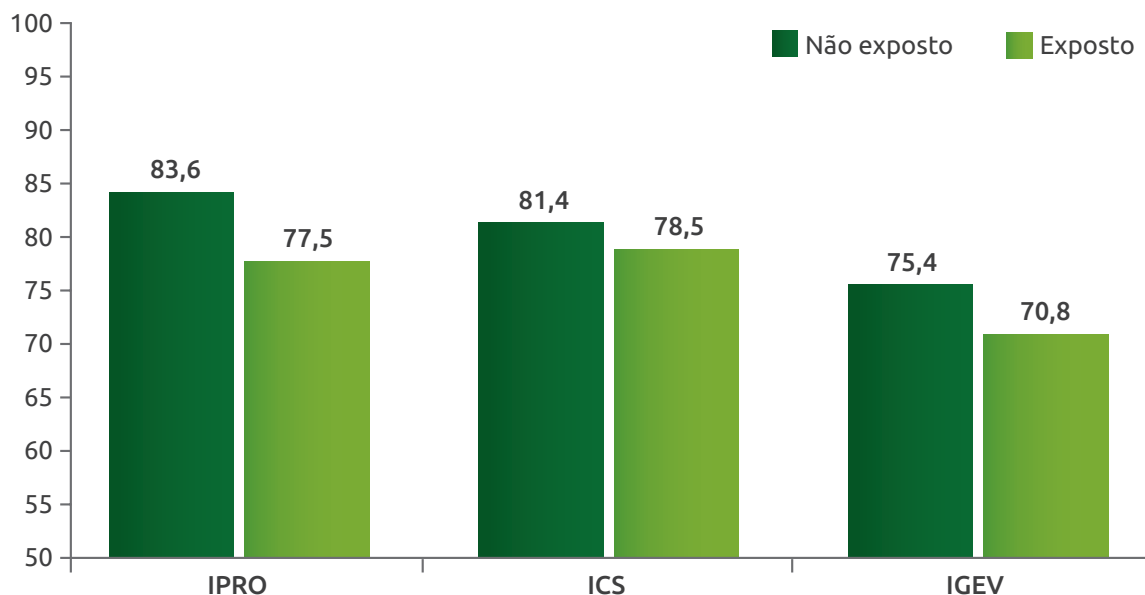
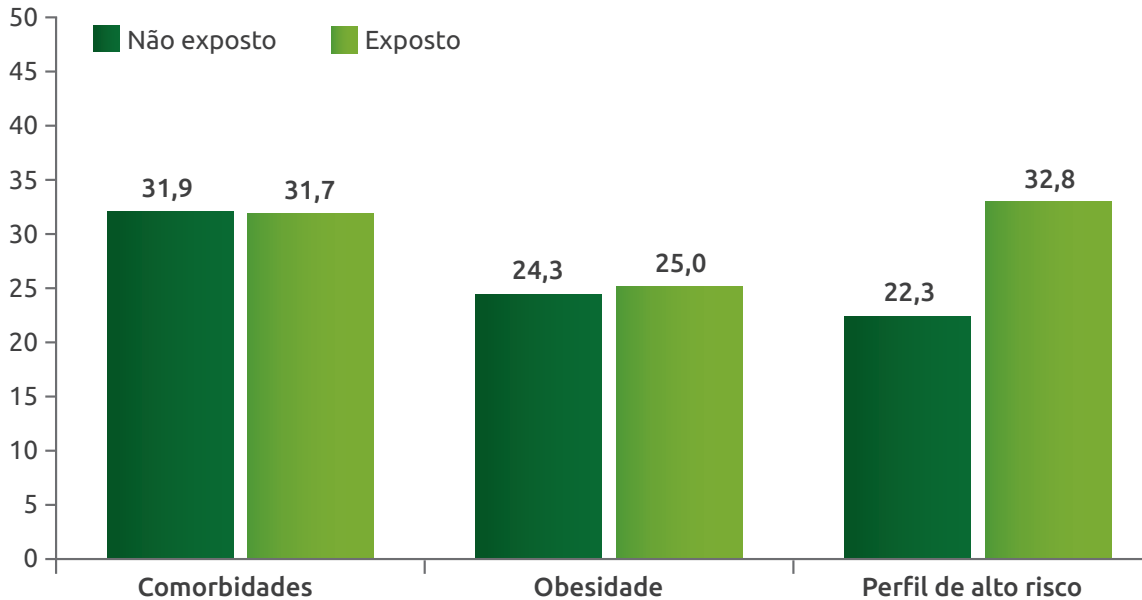


FIGURA 11 - Comparação de prevalências de comorbidades, obesidade e perfil de alto risco entre trabalhadores expostos e não expostos a uso excessivo de telas.



O uso excessivo de telas está associado a menores níveis IGEV, IPRO e ICS, mas as diferenças entre expostos e não expostos foram de baixa magnitude, exceto no caso do IPRO onde a diferença foi de seis pontos percentuais, equivalente a um Hedges' $g = 0,15$ (efeito médio). Esses resultados estão apresentados na Figura 10. A prevalência de comorbidades e de obesidade não foi discriminada pela exposição ao tempo de telas, mas a prevalência de trabalhadores com perfil de alto risco foi significativamente mais alta entre aqueles expostos a excessivo tempo de tela (ver Figura 11). O tamanho do efeito foi médio, correspondente a um Cohen's $h = 0,24$.

Ao realizar as mesmas análises considerando a exposição ao excessivo tempo de TV, um importante marcador de comportamento sedentário, os resultados permanecem em parte inalterados. Observou-se uma variação de quase 15 pontos entre o IGEV de trabalhadores expostos e não expostos a excessivo tempo de TV (Figura 12), correspondente a um Hedges' $g = 0,31$ (efeito médio). Uma das principais mudanças foi a observação de um maior efeito (Cohen's $h = 0,70$, efeito considerado grande) quando da comparação entre a prevalência de trabalhadores com perfil de alto risco entre expostos (56,7%) e não expostos (23,1%) a excessivo tempo de TV (Figura 13).

FIGURA 12 - Comparação entre trabalhadores expostos e não expostos a excessivo tempo de TV mediante cálculo de médias marginais por modelo linear generalizado (GLM), com controle de potenciais fatores de confusão.

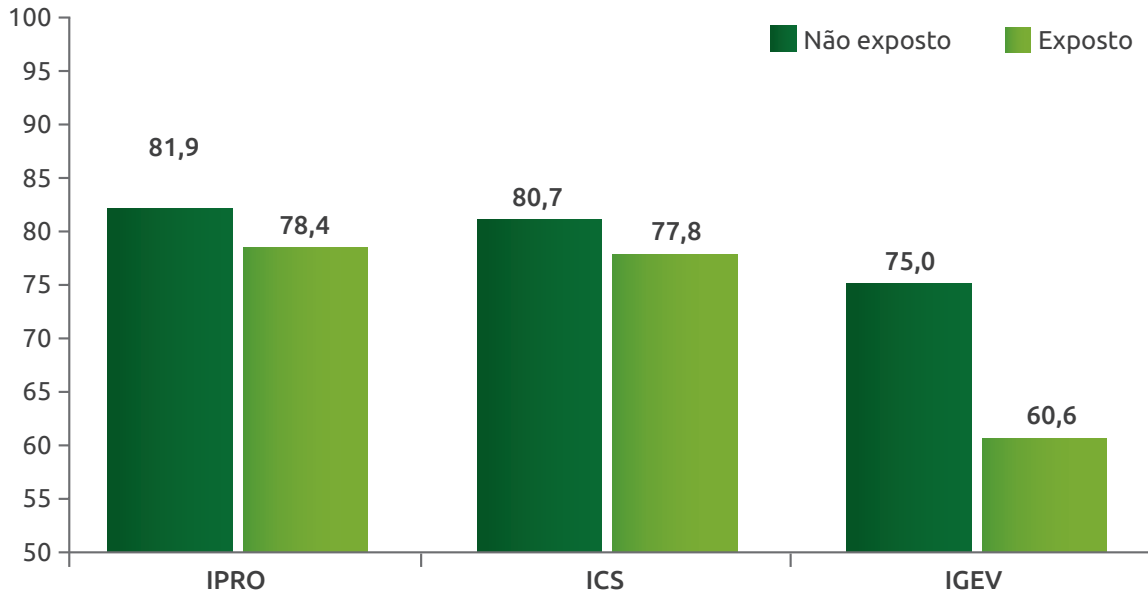
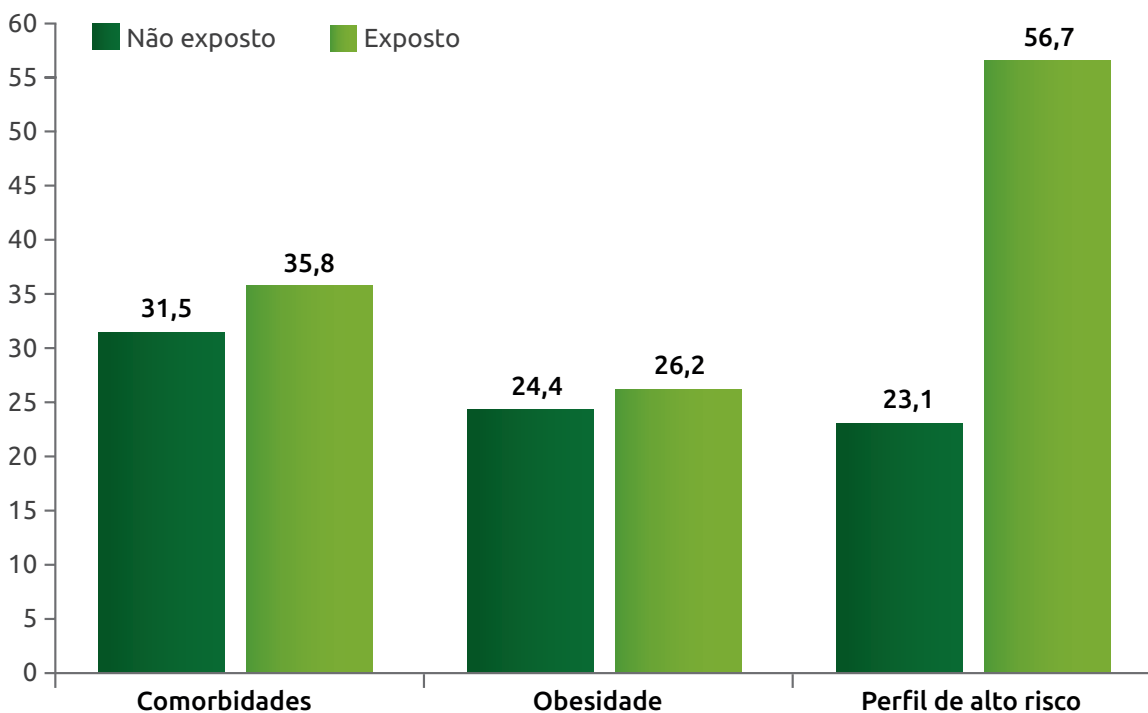


FIGURA 13 - Comparação de prevalências de comorbidades, obesidade e perfil de alto risco entre trabalhadores expostos e não expostos a excessivo tempo de TV.





8 CONDIÇÕES CRÔNICAS, COMORBIDADES E PRÁTICAS DE CONTROLE

A partir de 2024 foi possível monitorar a morbidade referida de 10 condições crônicas. Os dados disponíveis apontam que as três enfermidades com maior prevalência tanto em homens (Figura 14) quanto em mulheres (Figura 15) são a obesidade, a hipercolesterolemia e problemas crônicos na coluna. As duas condições com menor prevalência também são as mesmas tanto para homens quanto para mulheres: AVC (derrame) e câncer.

FIGURA 14 - Prevalência de enfermidades crônicas em trabalhadores do sexo masculino.

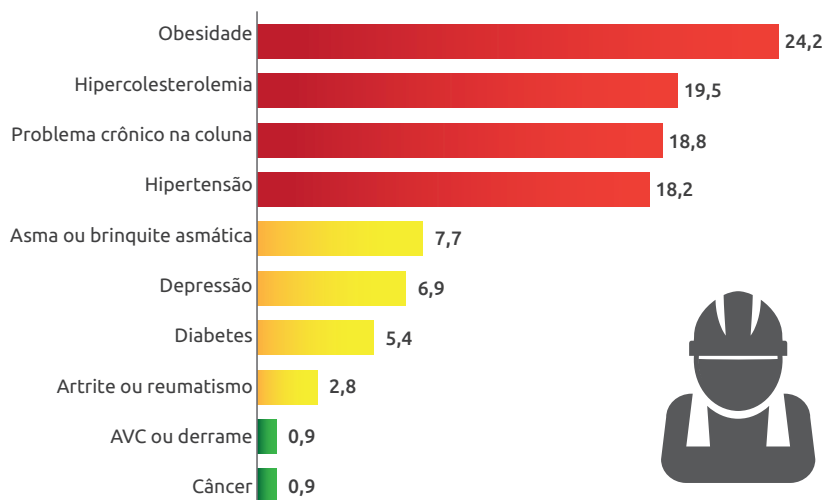
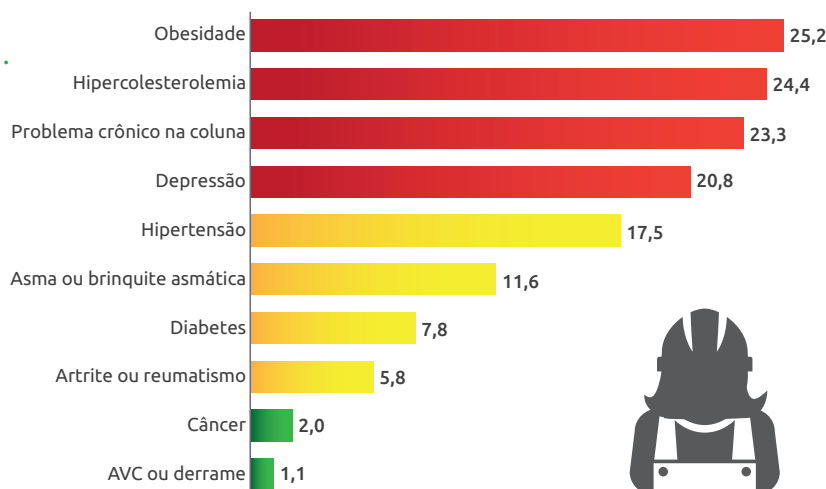
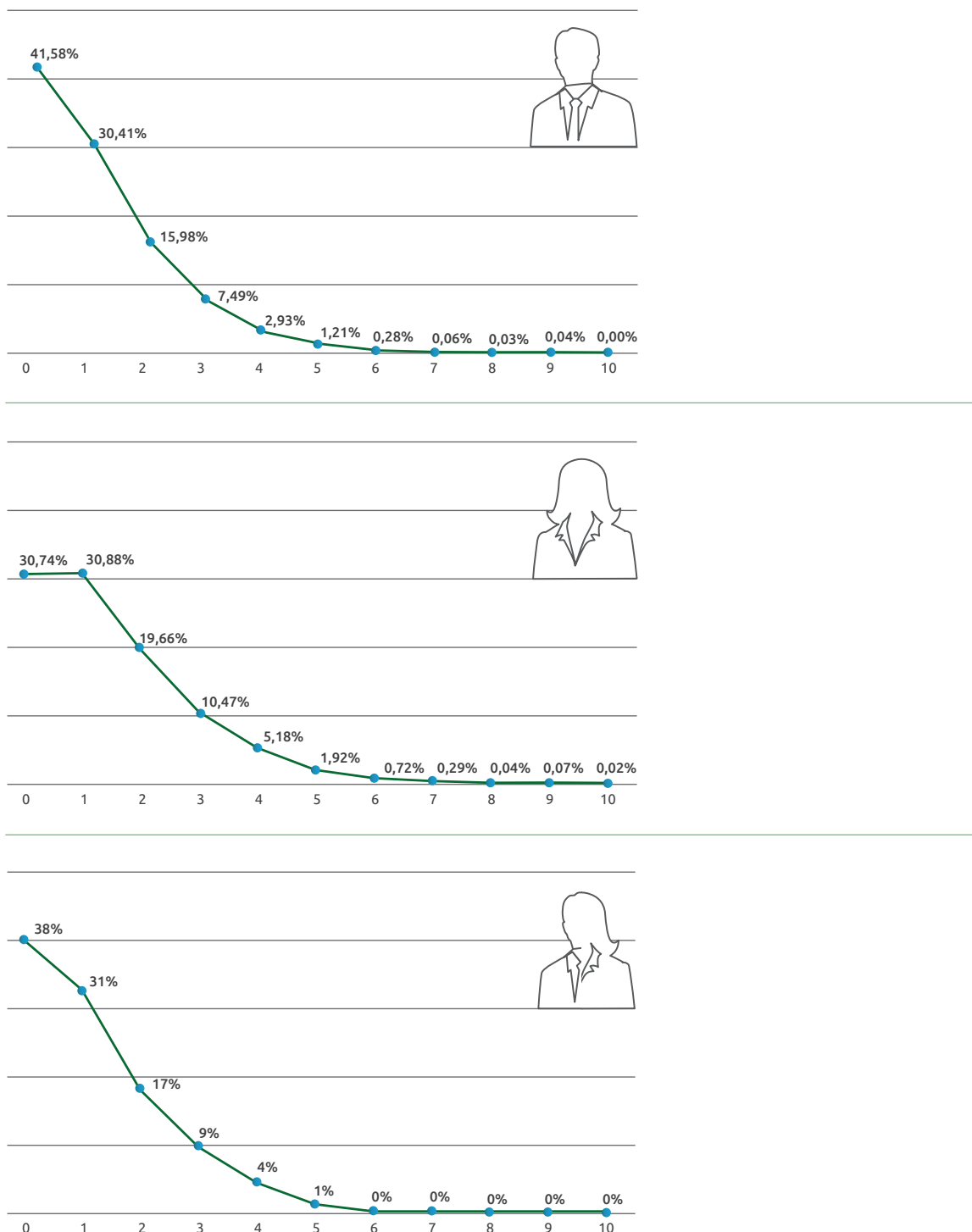


FIGURA 15 - Prevalência de enfermidades crônicas em trabalhadores do sexo feminino.



Um outro aspecto que foi analisado nesse relatório foi a prevalência do número de enfermidades que acometia cada trabalhador. De modo geral, observou-se que a prevalência de trabalhadores que referem não ter nenhuma das 10 condições crônicas analisadas é bastante superior entre os homens (41,6%) que entre as mulheres (30,7). Na amostra como um todo, 38% dos trabalhadores não referem ter nenhuma das enfermidades (Figura 16).

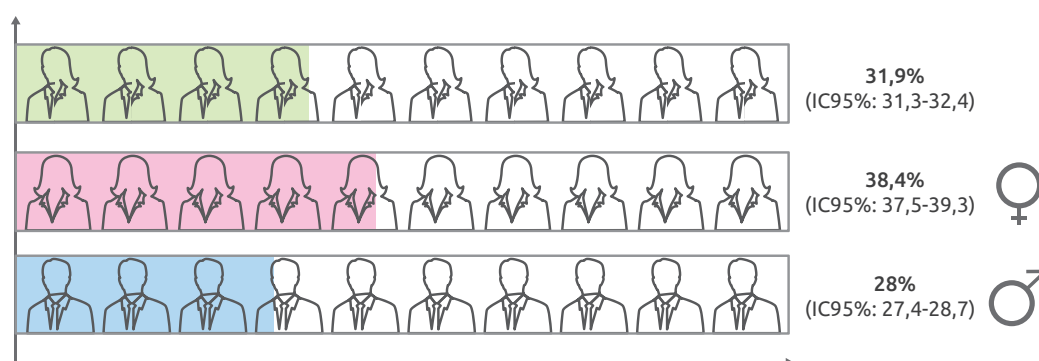
FIGURA 16 - Distribuição proporcional dos trabalhadores por número de enfermidades referidas, por sexo.



Fonte: próprio autor.

Por outro lado, os dados revelam também que a proporção de comorbidade é significativamente superior entre as mulheres em comparação aos homens, conforme ilustrado na Figura 17. A prevalência de comorbidade na amostra foi de 31,9% (IC95%: 31,3; 32,4), sugerindo que aproximadamente um terço da força de trabalho no setor industrial está exposta a esta condição de adoecimento com importantes repercussões sobre a produtividade e a competitividade.

FIGURA 17 - Prevalência de comorbidade em trabalhadores da indústria, por sexo.

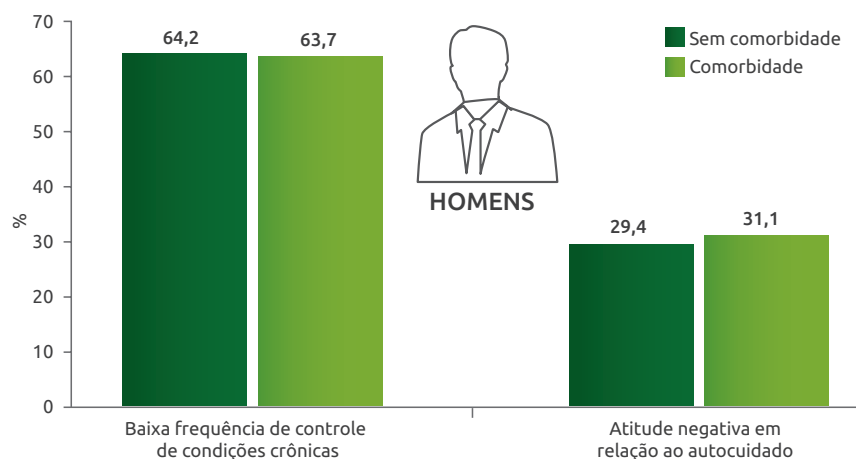
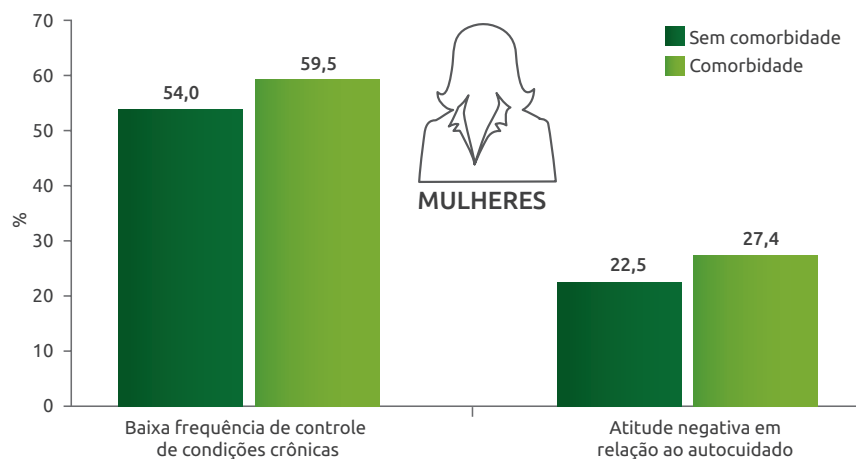
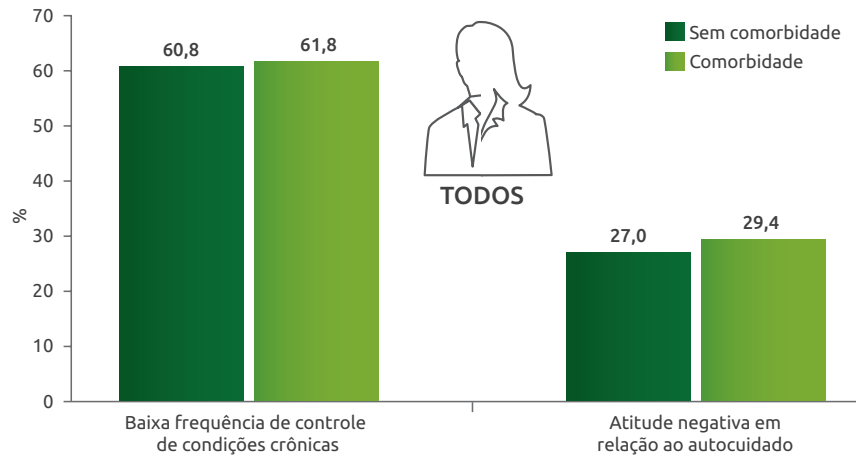


Fonte: próprio autor.

Nesse capítulo, procurou-se responder a uma importante pergunta norteadora: haveria uma enfermidade ou padrão de enfermidades que estivessem associadas às práticas de autocuidado? Recorreu-se à diferentes análises para responder a esta questão. A primeira abordagem utilizada foi verificar se havia associação entre ter comorbidade e a frequência de adoção de práticas de controle dessas condições. O achado decorrente desta análise é, possivelmente, um dos mais importantes deste relatório, isso porque se espera que pessoas acometidas por condições crônicas passem a adotar medidas para controlar tais enfermidades, mas o que os resultados indicaram, de modo geral, as diferenças entre pessoas com e sem comorbidade são de baixa magnitude (Figura 18). Mas, o que chama a atenção é o sentido da diferença, pois se percebe maior prevalência de “baixa frequência de atividades de controle de condições crônicas” e de “atitude negativa em relação ao autocuidado” entre os trabalhadores que apresentam comorbidade (2+ condições crônicas). Isto é observado de modo ainda mais acentuado entre as mulheres.

Há outra leitura que se pode extrair dessa análise que é a diferença entre a prática de atividades de controle e a atitude expressada pelos trabalhadores. É importante notar que as prevalências de “baixa frequência de atividades de controle de condições crônicas” são elevadas, variando de 54 a 64,2%. Por outro lado, as prevalências de “atitude negativa em relação ao autocuidado” são mais baixas, indicando que uma expressiva parcela dos trabalhadores deseja adotar práticas de controle, mas, possivelmente, enfrentam barreiras para acessar serviços ou linhas de cuidado necessárias diante do perfil de morbidade neste grupo de trabalhadores.

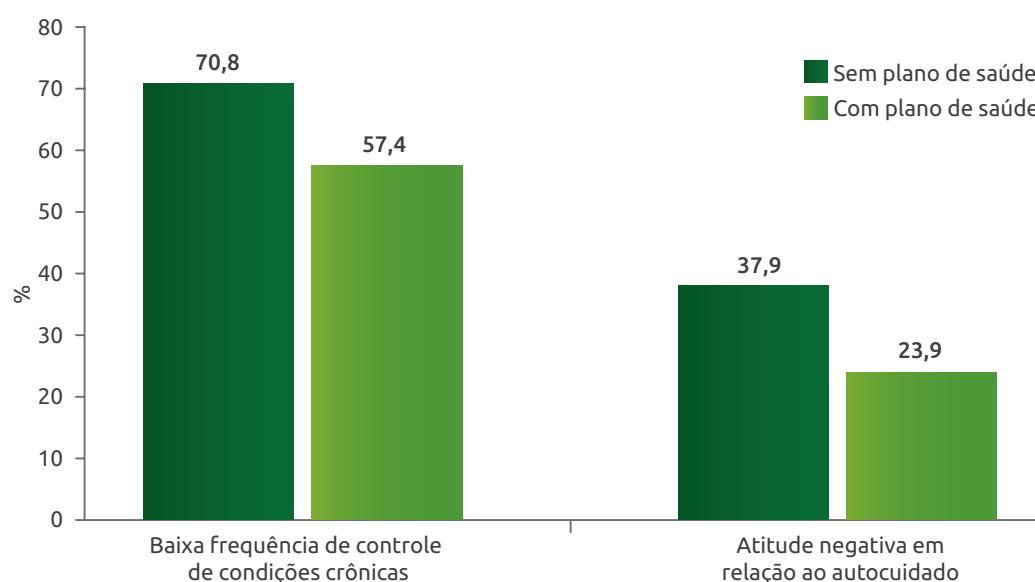
FIGURA 18 - Prevalências de “baixa frequência de atividades de controle de condições crônicas” e de “atitude negativa em relação ao autocuidado” em pessoas sem e com comorbidade, com estratificação dos resultados por sexo.



Fonte: próprio autor.

Esses problemas relacionados às práticas de autocuidado parecem ter uma forte influência do acesso que os trabalhadores têm a serviços e programas de saúde. Recorreu-se à análise da associação entre tais práticas e o acesso a plano de saúde e os resultados, em certa medida, reforçam esta hipótese. Os achados revelaram que as prevalências tanto de “baixa frequência de atividades de controle de condições crônicas” quanto de “atitude negativa em relação ao autocuidado” foram mais elevadas em trabalhadores sem acesso a plano de saúde.

FIGURA 19 - Prevalências de “baixa frequência de atividades de controle de condições crônicas” e de “atitude negativa em relação ao autocuidado” em pessoas sem e com acesso a plano de saúde.



Fonte: próprio autor.



9 EXPLORANDO FATORES RELACIONADOS À PRODUTIVIDADE: ANÁLISE DE REDES

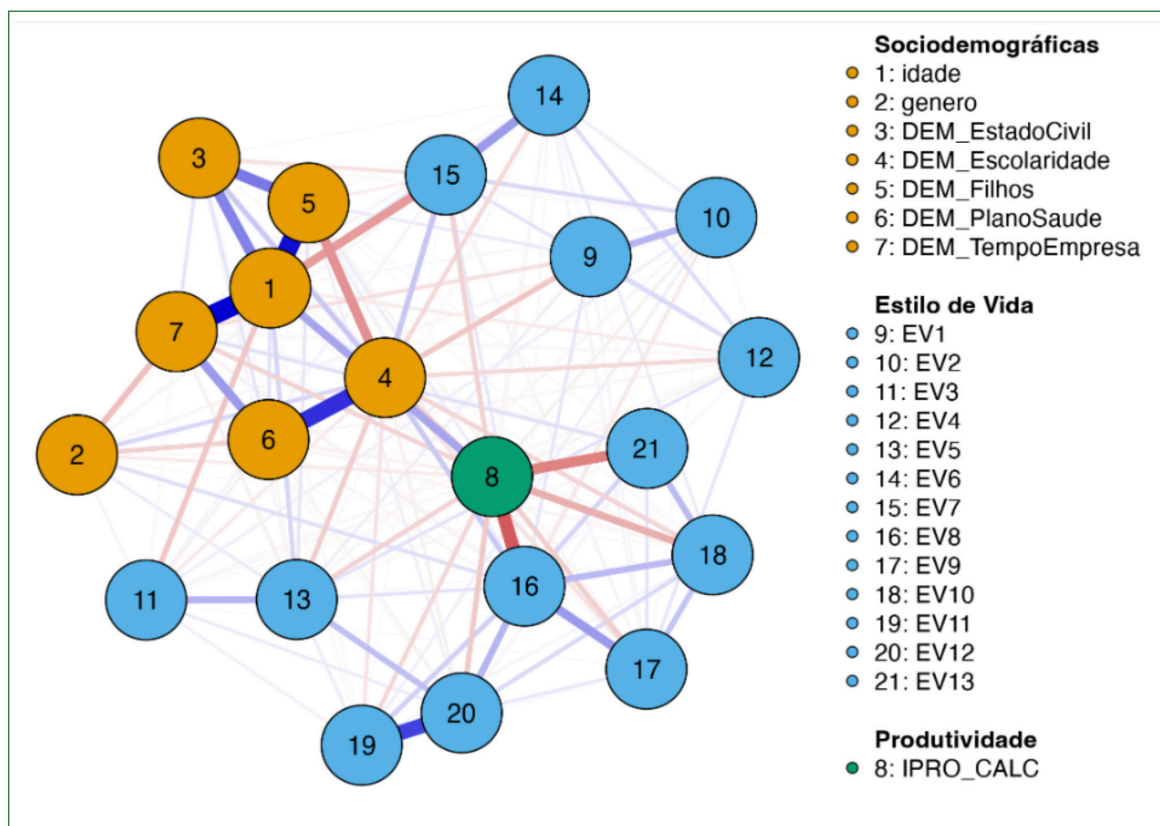
A análise de redes é um recurso estatístico que gera uma representação gráfica que permite visualizar e interpretar correlações multivariadas entre inúmeros fatores, gerando indicadores que podem permitir a identificação de variáveis-chave para planejamento e desenvolvimento de intervenções. Na representação gráfica de uma rede, um dos aspectos a ser analisado é a importância dos “nós” no sistema, o que é realizado pela verificação de três parâmetros: força (strength), proximidade (closeness) e conectividade (betweenness).

A medida de força é derivada da soma de todos os pesos dos caminhos que conectam um nó aos demais, sendo utilizada em redes ponderadas e indica a variável que tem mais força no sistema. A medida de proximidade é obtida pelo inverso das distâncias de um nó com todos os demais, o quanto próximo está dos demais nós e quanto central ele é na interpretação da rede. O grau de conectividade expressa o número de vezes que um nó faz parte do caminho mais curto entre todos os pares da rede, indicando a variável que mais se conectará a outros pares em uma “intervenção”. Por fim, há ainda a apresentação nos resultados dos valores de influência esperada (expected influence), o qual identifica a variável que tem maior influência e que espalha o efeito mais rapidamente sobre a rede, sendo por essa característica um dos fatores a ser prioritariamente focalizado quando do planejamento de intervenções. Para as análises apresentadas nesta seção, recorreu-se ao uso do Índice de Produtividade (IPRO) e dos indicadores que compõem o mesmo.

A primeira análise realizada considerou como desfecho o IPRO e considerou todas as variáveis demográficas, os fatores comportamentais e aqueles que se relacionam com a dimensão de bem-estar psicológico. Os resultados estão apresentados na Figura 20. A análise da matriz de ponderação evidencia que a variável EV8 (percepção de exposição a elevado nível de estresse) apresenta a relação mais intensa com IPRO, com um coeficiente de correlação de -0,246, indicando uma correlação negativa significativa, quanto mais elevada for a percepção de estresse menor o IPRO. Em seguida, destaca-se a variável EV13 (insatisfação com as condições de trabalho), também com correlação negativa (-0,186),

assim, quanto maior o nível de insatisfação menor será o IPRO. Confirmando, achados anteriormente apresentados, observou-se impacto positivo da idade sobre o IPRO (correlação= 0,131). As variáveis EV10 (percepção negativa quanto aos relacionamentos interpessoais; correlação= -0,120) e escolaridade (correlação= -0,084 apresentaram correlações com impactos negativos consideráveis sobre o IPRO.

FIGURA 20 - Análise de redes entre fatores demográficos, comportamentais, de bem-estar psicológico e o Índice de Produtividade (IPRO), utilizando dados de trabalhadores do setor industrial. SESI, 2024.



Variável	Descrição	Dimensão
Idade	Variável idade (anos)	Fatores demográficos
Gênero	Sexo biológico	
DEM_EstadoCivil	Situação conjugal	
DEM_Escolaridade	Escolaridade	
DEM_Filhos	Número de filhos	
DEM_PlanoSaude	Acesso a plano de saúde	
DEM_TempoEmpresa	Tempo de trabalho na empresa	
EV1	Tabagismo	Fatores comportamentais
EV2	Abuso de bebidas alcoólicas	
EV3	Baixa frequência de consumo de frutas e/ou hortaliças	
EV4	Consumo excessivo de refrigerantes ou sucos artificiais	
EV5	Inatividade física no lazer	
EV6	Excessivo tempo de TV	
EV7	Excessivo tempo de tela	
EV8	Percepção de exposição a elevado nível de estresse	Bem-estar psicológico
EV9	Pensamentos negativos e pessimistas	
EV10	Percepção negativa quanto aos relacionamentos interpessoais	
EV11	Percepção negativa da qualidade do sono	
EV12	Dificuldade de relaxar e usufruir do lazer	
EV13	Insatisfação com as condições de trabalho	
IPRO_CALC	Índice de Produtividade (IPRO), calculado a fim de expressar fatores de redução da produtividade	

A análise da influência esperada (IE), diz respeito à probabilidade de um nó (neste caso uma das variáveis analisadas) influenciar outros nós, com base em suas conexões e na força dessas conexões. Se esta variável for um fator modificável é possível pensar em intervenções que terão potencial para influenciar toda a rede. Nas análises realizadas, o fator como maior influência esperada foi a idade (IE= 2,076), mas este não é um fator modificável e não faria sentido uma política que desestimulasse a contratação de trabalhadores jovens.

Além da idade, foram identificadas outras variáveis com influência positiva relevante, a saber: o EV8 (percepção de exposição a elevado nível de estresse; IE= 0,928), a situação conjugal (IE= 0,751), o número de filhos (IE= 0,726), EV12 (dificuldade de relaxar e usufruir do lazer; IE= 0,696) e tempo de trabalho na empresa (IE= 0,527). Repete-se, por outra perspectiva de análise o papel de influência do estresse e de variáveis que expressam aspectos relacionados à estrutura familiar e equilíbrio entre o lazer e o trabalho. Os resultados estão apresentados na Tabela 16.

TABELA 16 - Valores de Influência Esperada (IE) estimados nas análises de rede.

Variável	Descrição
Variável idade (anos)	2.076
Sexo biológico	-0.921
Situação conjugal	0.751
Escolaridade	-0.688
Número de filhos	0.726
Acesso a plano de saúde	0.409
Tempo de trabalho na empresa	0.527
Tabagismo	-0.172
Abuso de bebidas alcoólicas	-0.087
Baixa frequência de consumo de frutas e/ou hortaliças	-0.505
Consumo excessivo de refrigerantes ou sucos artificiais	-0.306
Inatividade física no lazer	0.190
Excessivo tempo de TV	0.072
Excessivo tempo de tela	-0.311
Percepção de exposição a elevado nível de estresse	0.928
Pensamentos negativos e pessimistas	0.017
Percepção negativa quanto aos relacionamentos interpessoais	-0.073
Percepção negativa da qualidade do sono	0.347
Dificuldade de relaxar e usufruir do lazer	0.696
Insatisfação com as condições de trabalho	-0.411

Numa análise complementar, procurou-se observar o comportamento da rede quando em lugar do IPRO, utiliza-se os seus fatores componentes. A análise da matriz de pesos revelou que determinadas variáveis exercem impactos mais expressivos sobre os indicadores de produtividade representados pelas variáveis V_IPRO_1 (faltas ao trabalho por motivo de saúde), V_IPRO_2 (falta de vontade de vir ao trabalho), V_IPRO_3 (Falta de disposição, ânimo ou energia), V_IPRO_4 (dificuldade para se concentrar) e V_IPRO_5 (dores/desconforto na realização de tarefas).

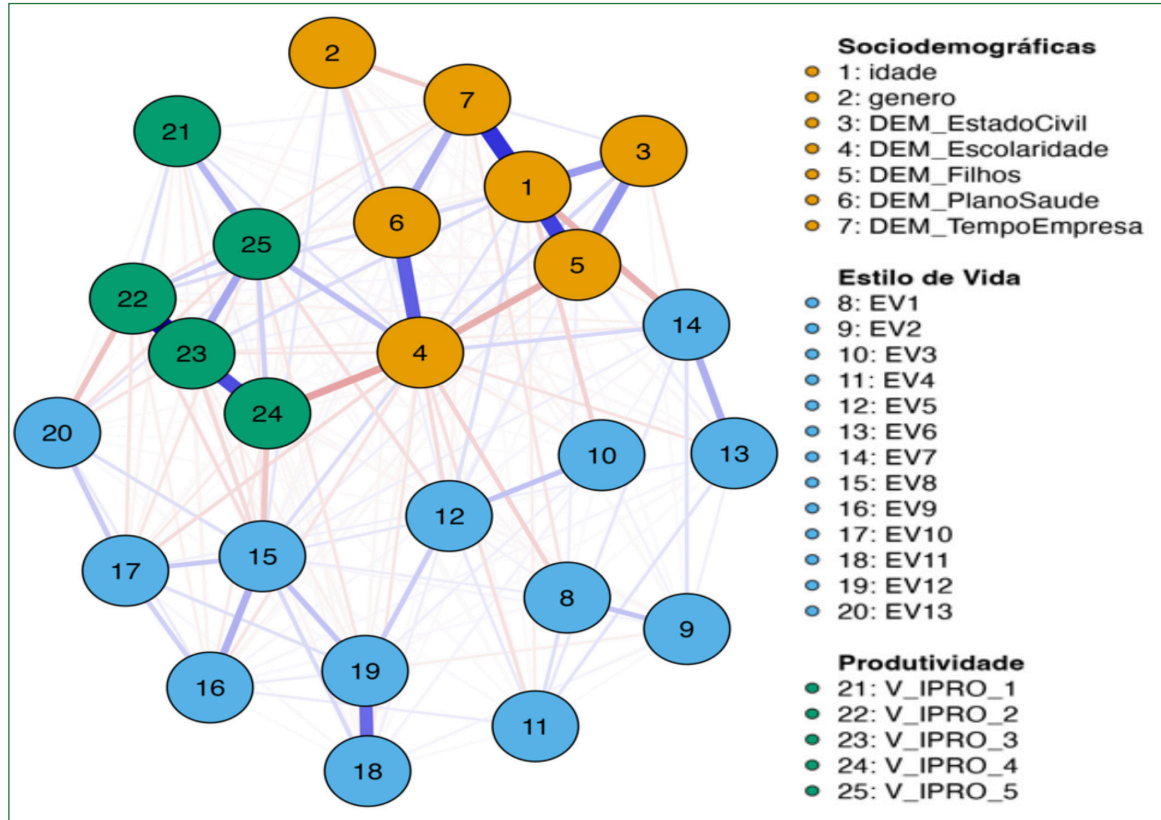
A escolaridade se destacou como a variável com maior amplitude de influência, apresentando tanto efeitos positivos quanto negativos. Observou-se, por exemplo, um impacto positivo significativo sobre V_IPRO_5 (+0,116) e negativo sobre V_IPRO_4 (-0,172), indicando que o nível educacional pode afetar diferentes aspectos da produtividade a depender, por exemplo, da atividade que é desempenhada pelo trabalhador em cada setor da empresa (e.g., administrativo versus operacional).

As variáveis EV13 (insatisfação com as condições de trabalho) e EV8 (percepção de exposição a elevado nível de estresse) também figuraram entre as mais influentes, sendo que a variável EV13 apresentou peso de -0,108 sobre V_IPRO_2 e -0,053 sobre V_IPRO_5, enquanto EV8 apresentou impacto negativo expressivo em V_IPRO_4 (-0,102) e V_IPRO_3 (-0,068). Por fim, a variável EV7 (Excessivo tempo de tela) apresentou influência negativa consistente nos cinco fatores de redução da produtividade, com destaque para V_IPRO_2 (-0,059) e V_IPRO_5 (-0,036).

A análise da influência esperada (IE) das variáveis na rede permitiu identificar, mais uma vez, que a idade apresentou valor mais elevado (IE= 2,076), evidenciando-se como o fator de maior centralidade e influência positiva na rede. Tal resultado sugere que a idade pode estar relacionada a aspectos como experiência, estabilidade ou envolvimento organizacional, reforçando seu papel na dinâmica geral das interações e da produtividade como desfecho analisado neste relatório.

A variável EV8 (percepção de exposição a elevado nível de estresse) também se destacou com influência positiva significativa (IE= 0,928), sendo a mais expressiva entre os fatores comportamentais e de bem-estar psicológico. Este dado indica que EV8, possivelmente associada a fatores comportamentais, exerce papel fundamental na formação da estrutura relacional, servindo como elo entre diferentes agrupamentos de variáveis.

FIGURA 21 - Análise de redes entre fatores demográficos, comportamentais, de bem-estar psicológico e os fatores de redução da produtividade, utilizando dados de trabalhadores do setor industrial. SESI, 2024.



Variável	Descrição	Dimensão
Idade	Variável idade (anos)	Fatores demográficos
Gênero	Sexo biológico	
DEM_EstadoCivil	Situação conjugal	
DEM_Escolaridade	Escolaridade	
DEM_Filhos	Número de filhos	
DEM_PlanoSaude	Acesso a plano de saúde	
DEM_TempoEmpresa	Tempo de trabalho na empresa	
EV1	Tabagismo	Fatores comportamentais
EV2	Abuso de bebidas alcoólicas	
EV3	Baixa frequência de consumo de frutas e/ou hortaliças	
EV4	Consumo excessivo de refrigerantes ou sucos artificiais	
EV5	Inatividade física no lazer	
EV6	Excessivo tempo de TV	
EV7	Excessivo tempo de tela	
EV8	Percepção de exposição a elevado nível de estresse	Bem-estar psicológico
EV9	Pensamentos negativos e pessimistas	
EV10	Percepção negativa quanto aos relacionamentos interpessoais	
EV11	Percepção negativa da qualidade do sono	
EV12	Dificuldade de relaxar e usufruir do lazer	
EV13	Insatisfação com as condições de trabalho	
V_IPRO_1	Faltas ao trabalho por motivo de saúde	Fatores de redução de produtividade
V_IPRO_2	Falta de vontade de vir ao trabalho	
V_IPRO_3	Falta de disposição, ânimo ou energia	
V_IPRO_4	Dificuldade para se concentrar	
V_IPRO_5	Dores/desconforto na realização de tarefas laborais	

Em seguida, observa-se que variáveis sociodemográficas como estado civil (0.751) e número de filhos (0.726) também figuram entre as mais influentes. Esses fatores podem estar associados a níveis diferenciados de responsabilidade, organização da rotina ou suporte social, impactando direta ou indiretamente os vínculos e padrões observados na rede. Por fim, destaca-se a variável EV12 (dificuldade de relaxar e usufruir do lazer; IE= 0.696), cujo valor positivo sugere influência relevante no modelo. Os resultados estão apresentados na Tabela 17.

TABELA 17 - Valores de Influência Esperada (IE) estimados nas análises de rede, considerando os fatores de redução da produtividade como variáveis isoladas.

Variável	Influência Esperada
Variável idade (anos)	2.797
Sexo biológico	-1.605
Situação conjugal	0.751
Escolaridade	-1.169
Número de filhos	0.894
Acesso a plano de saúde	0.353
Tempo de trabalho na empresa	0.559
Tabagismo	-0.601
Abuso de bebidas alcoólicas	-0.404
Baixa frequência de consumo de frutas e/ou hortaliças	-1.024
Consumo excessivo de refrigerantes ou sucos artificiais	-0.709
Inatividade física no lazer	-0.085
Excessivo tempo de TV	-0.203
Excessivo tempo de tela	-0.796
Percepção de exposição a elevado nível de estresse	0.680
Pensamentos negativos e pessimistas	-0.418
Percepção negativa quanto aos relacionamentos interpessoais	-0.543
Percepção negativa da qualidade do sono	0.192
Dificuldade de relaxar e usufruir do lazer	0.686
Insatisfação com as condições de trabalho	-1.072

Em síntese, os resultados apontam que a idade e variáveis ligadas à estrutura familiar (situação conjugal e número de filhos) tem impacto expressivo na produtividade, mas são fatores sobre os quais não há possibilidade de intervenção ou tais possibilidades são muito limitadas e os resultados que podem ser alcançados são de muito longo prazo. Por outro lado, os fatores relacionados ao bem-estar, em especial EV8 (percepção de exposição a elevado nível de estresse), EV12 (dificuldade de relaxar e usufruir do lazer) e EV13 (insatisfação com as condições de trabalho) são as mais estruturantes na dinâmica observada. Essas variáveis devem ser consideradas prioritárias no planejamento de intervenções visando apoiar as empresas industriais a diminuir os fatores de redução da produtividade.

10 ANÁLISE DESCRITIVA DE FATORES COMPORTAMENTAIS

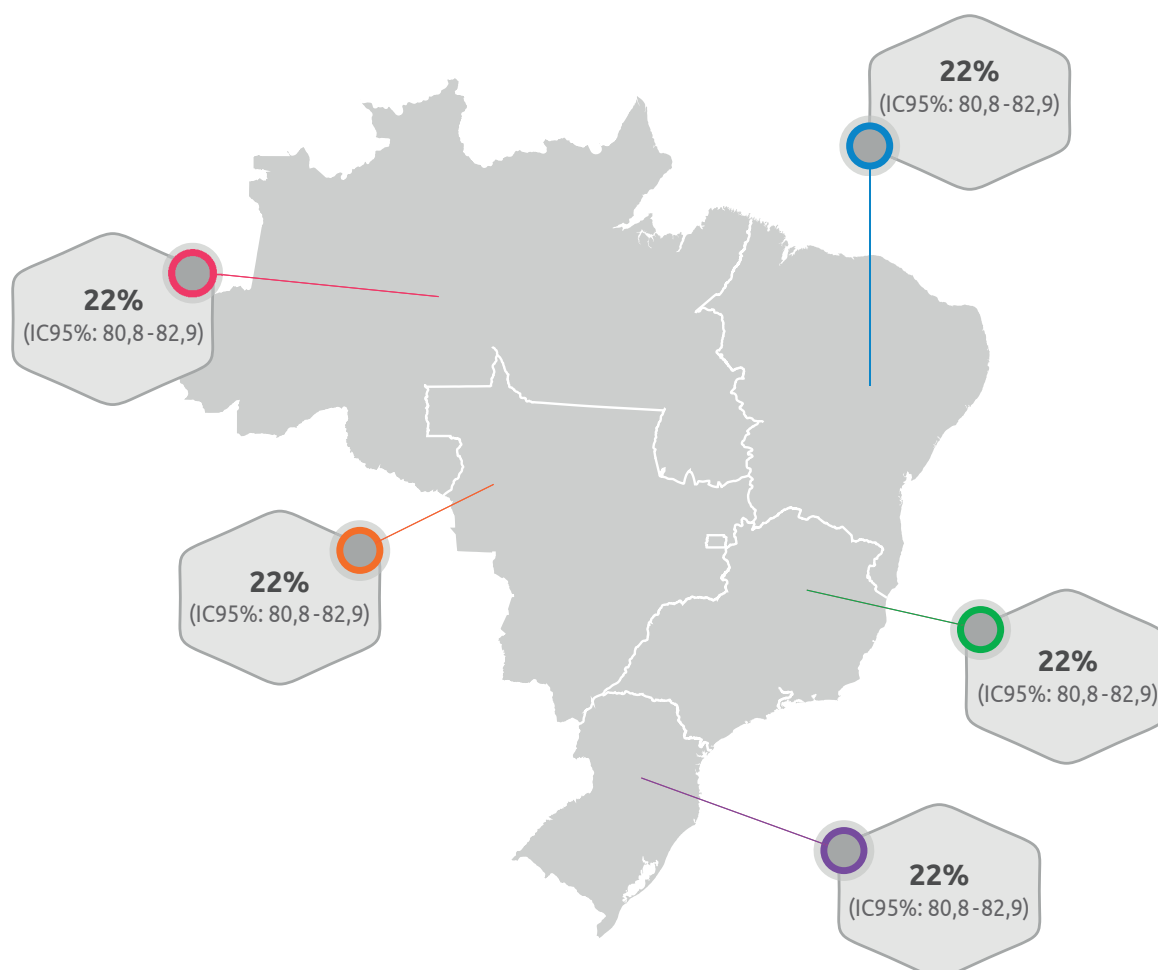
Nesses últimos capítulos do relatório, descreve-se o comportamento de todos os fatores por dimensão do ASSTI. Para cada fator, apresenta-se uma tabela com análise descritiva segundo variáveis demográficas e uma representação gráfica com a prevalência do fator nas diferentes regiões do país.

Tabagismo

TABELA 18 – Prevalência de tabagismo e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	8,0	7,7-8,4
	Feminino	3,5	3,2-3,8
Faixa etária	< 30 anos	7,0	6,5-7,5
	30-39 anos	6,3	5,8-6,8
	40-59 anos	5,9	5,4-6,3
	≥ 60 anos	6,0	4,4-8,0
Situação conjugal	Solteiro (a)	7,1	6,7-7,6
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	5,8	5,5 -6,2
	Viúvo/desquitado/divorciado	7,0	5,7-8,5
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	13,9	12,5-15,5
	Ensino fundamental completo	11,3	10,1-12,6
	Ensino médio ou técnico completo	6,3	5,8-6,8
	Curso superior incompleto	5,5	4,9-6,2
	Curso superior completo	3,9	3,6-4,3
Número de filhos	Nenhum	5,7	5,3-6,1
	1 filho	6,2	5,7-6,8
	2 filhos	6,2	5,6-6,9
	3 filhos	8,7	7,4-10,1
	4 ou mais filhos	14,3	12,0-17,0
Acesso a plano de saúde	Não	8,7	8,1-9,3
	Sim	5,4	5,1-5,7
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	8,4	7,8-9,0
	Entre 1 e 2 anos	7,3	6,6-8,0
	Entre 2 e 5 anos	5,7	5,1-6,3
	Entre 5 e 10 anos	5,4	4,8-6,2
	Mais de 10 anos	4,3	3,9-4,8

FIGURA 22 – Prevalência de tabagismo e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

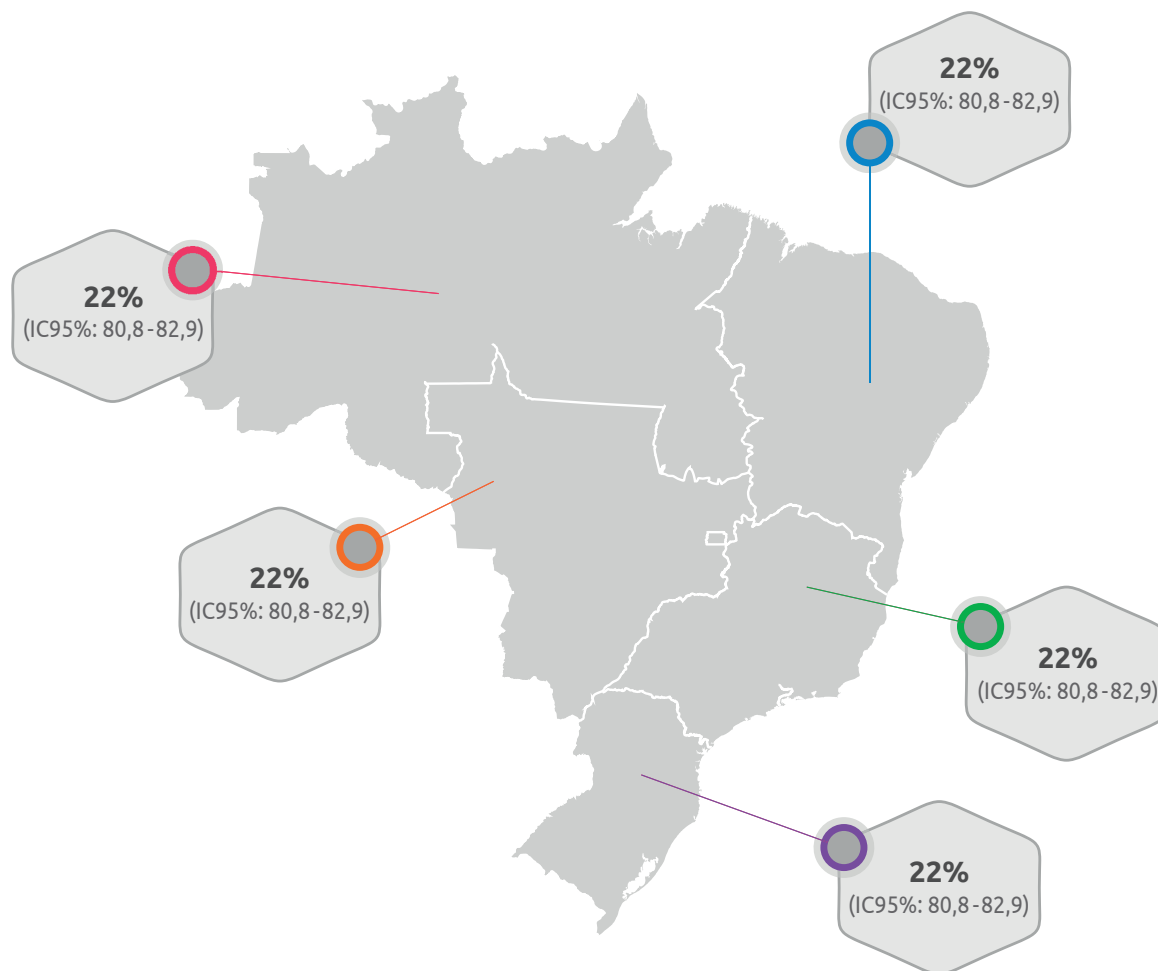


Abuso de bebidas alcoólicas

TABELA 19 – Prevalência de consumo abusivo de bebidas alcoólicas e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	38,3	37,6 -39,0
	Feminino	30,7	29,8 - 31,5
Faixa etária	< 30 anos	35,8	34,9 -36,8
	30-39 anos	36,5	35,5 -37,5
	40-59 anos	34,5	33,6 -35,4
	≥ 60 anos	29,6	26,2 -33,1
Situação conjugal	Solteiro (a)	38,0	37,3 -39,2
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	34,1	33,5 -34,9
	Viúvo/desquitado/divorciado	36,4	33,8 -39,0
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	37,5	35,5 -39,6
	Ensino fundamental completo	37,9	36,1 -39,8
	Ensino médio ou técnico completo	33,9	32,9 -34,8
	Curso superior incompleto	35,9	34,6 -37,4
	Curso superior completo	35,6	34,7 -36,6
Número de filhos	Nenhum	35,8	35,0 -36,6
	1 filho	34,8	33,8 -35,8
	2 filhos	34,8	33,6 -36,1
	3 filhos	35,6	33,4 -37,9
	4 ou mais filhos	40,2	36,8 -43,8
Acesso a plano de saúde	Não	35,4	34,4 -36,5
	Sim	35,5	34,8 -36,1
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	34,9	33,9 -36,0
	Entre 1 e 2 anos	36,8	35,5 -38,2
	Entre 2 e 5 anos	37,1	35,8 -38,4
	Entre 5 e 10 anos	35,3	33,8 -36,8
	Mais de 10 anos	33,8	32,7 -34,9

FIGURA 23 – Prevalência de abuso de bebidas alcoólicas e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

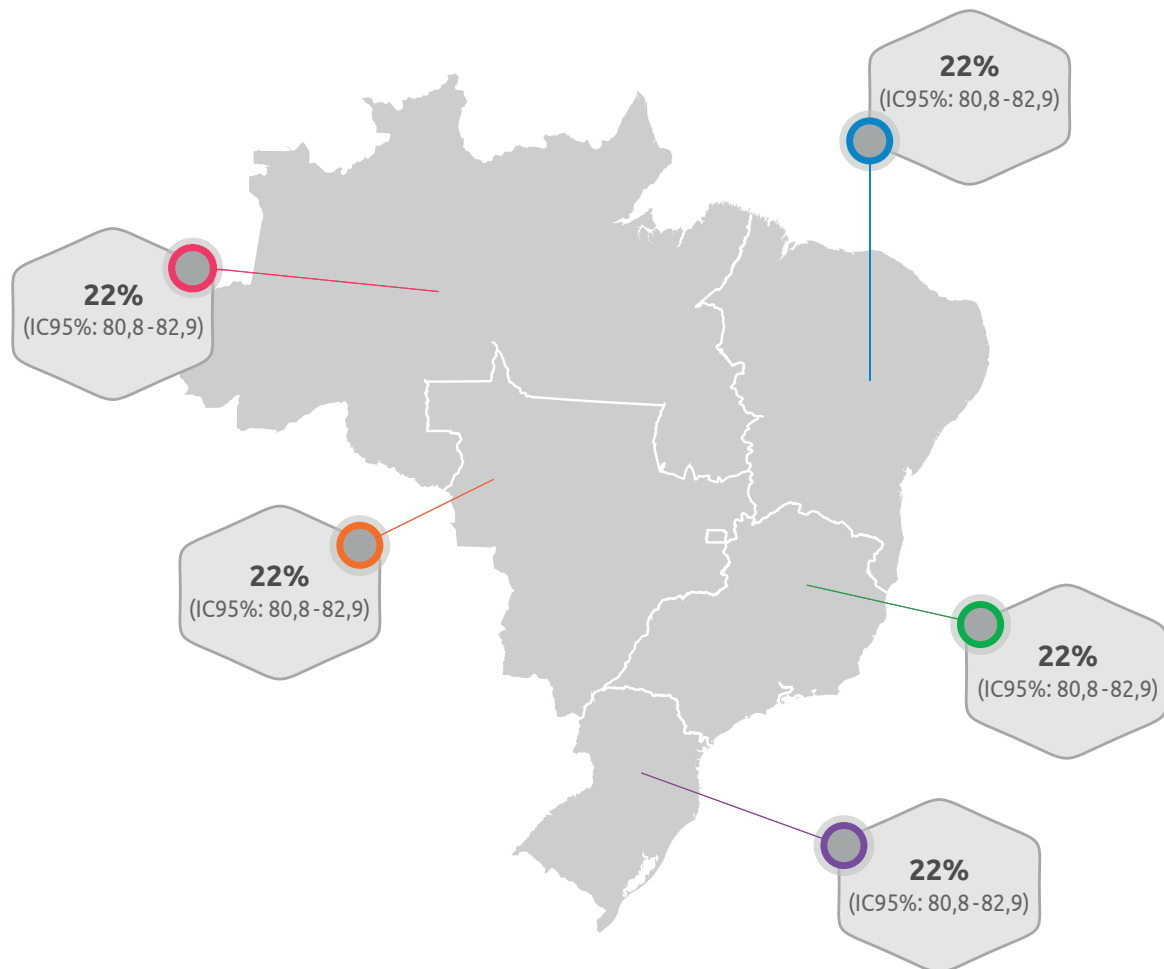


Baixa frequência de consumo de frutas ou hortaliças

TABELA 20 – Prevalência de baixa frequência de consumo de frutas e hortaliças e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	86,3	85,8-86,8
	Feminino	79,7	78,9-80,4
Faixa etária	< 30 anos	87,9	87,3-88,6
	30-39 anos	85,6	84,9-86,3
	40-59 anos	79,8	79,0-80,5
	≥ 60 anos	65,5	61,8-69,0
Situação conjugal	Solteiro (a)	84,9	84,2-85,5
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	83,2	82,6-83,7
	Viúvo/desquitado/divorciado	81,2	79,0-83,2
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	84,5	82,9-86,0
	Ensino fundamental completo	86,6	85,2-87,8
	Ensino médio ou técnico completo	86,1	85,4-86,8
	Curso superior incompleto	86,1	85,1-87,1
	Curso superior completo	79,9	79,2-80,7
Número de filhos	Nenhum	85,2	84,5-85,8
	1 filho	83,4	82,5-84,1
	2 filhos	82,1	81,1-83,1
	3 filhos	82,5	80,6-84,2
	4 ou mais filhos	81,4	78,5-84,0
Acesso a plano de saúde	Não	87,3	86,6-88,0
	Sim	82,5	82,0-83,0
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	86,2	85,5-87,0
	Entre 1 e 2 anos	86,2	85,3-87,2
	Entre 2 e 5 anos	85,4	84,4-86,3
	Entre 5 e 10 anos	83,2	82,0-84,3
	Mais de 10 anos	78,5	77,5-79,5

FIGURA 24 – Prevalência de baixa frequência de consumo de frutas e hortaliças e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024, 2024.

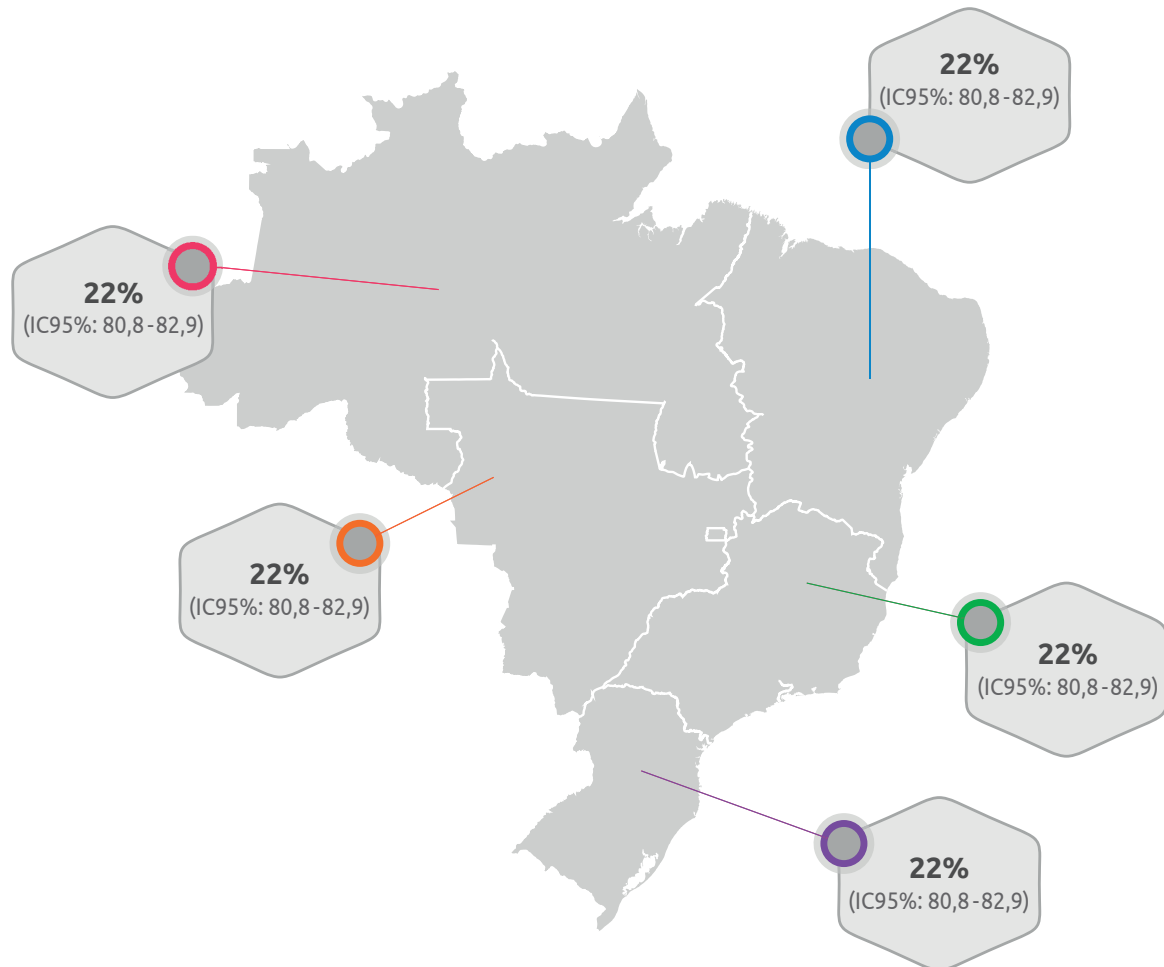


Consumo excessivo de refrigerantes ou sucos artificiais

TABELA 21 – Prevalência de consumo excessivo de refrigerantes ou sucos artificiais e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	9,3	8,9-9,7
	Feminino	7,6	7,1-8,1
Faixa etária	< 30 anos	11,6	10,9-12,2
	30-39 anos	7,9	7,3-8,4
	40-59 anos	6,8	6,3-7,3
	≥ 60 anos	8,2	6,4-10,5
Situação conjugal	Solteiro (a)	9,7	9,1-10,2
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	8,0	7,6-8,4
	Viúvo/desquitado/divorciado	6,6	5,4-8,1
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	12,7	11,3-14,2
	Ensino fundamental completo	12,1	10,9-13,4
	Ensino médio ou técnico completo	9,7	9,1-10,3
	Curso superior incompleto	9,1	8,3-10,0
	Curso superior completo	5,7	5,3-6,2
Número de filhos	Nenhum	9,3	8,8-9,8
	1 filho	8,2	7,6-8,8
	2 filhos	7,7	7,0-8,4
	3 filhos	8,7	7,5-10,2
	4 ou mais filhos	9,0	7,2-11,2
Acesso a plano de saúde	Não	10,9	10,2-11,6
	Sim	7,8	7,4-8,4
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	10,5	9,8-11,1
	Entre 1 e 2 anos	9,3	8,5-10,1
	Entre 2 e 5 anos	8,7	8,0-9,5
	Entre 5 e 10 anos	8,3	7,4-9,2
	Mais de 10 anos	6,3	5,7-6,9

FIGURA 25 – Prevalência de consumo excessivo de refrigerantes ou sucos artificiais e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

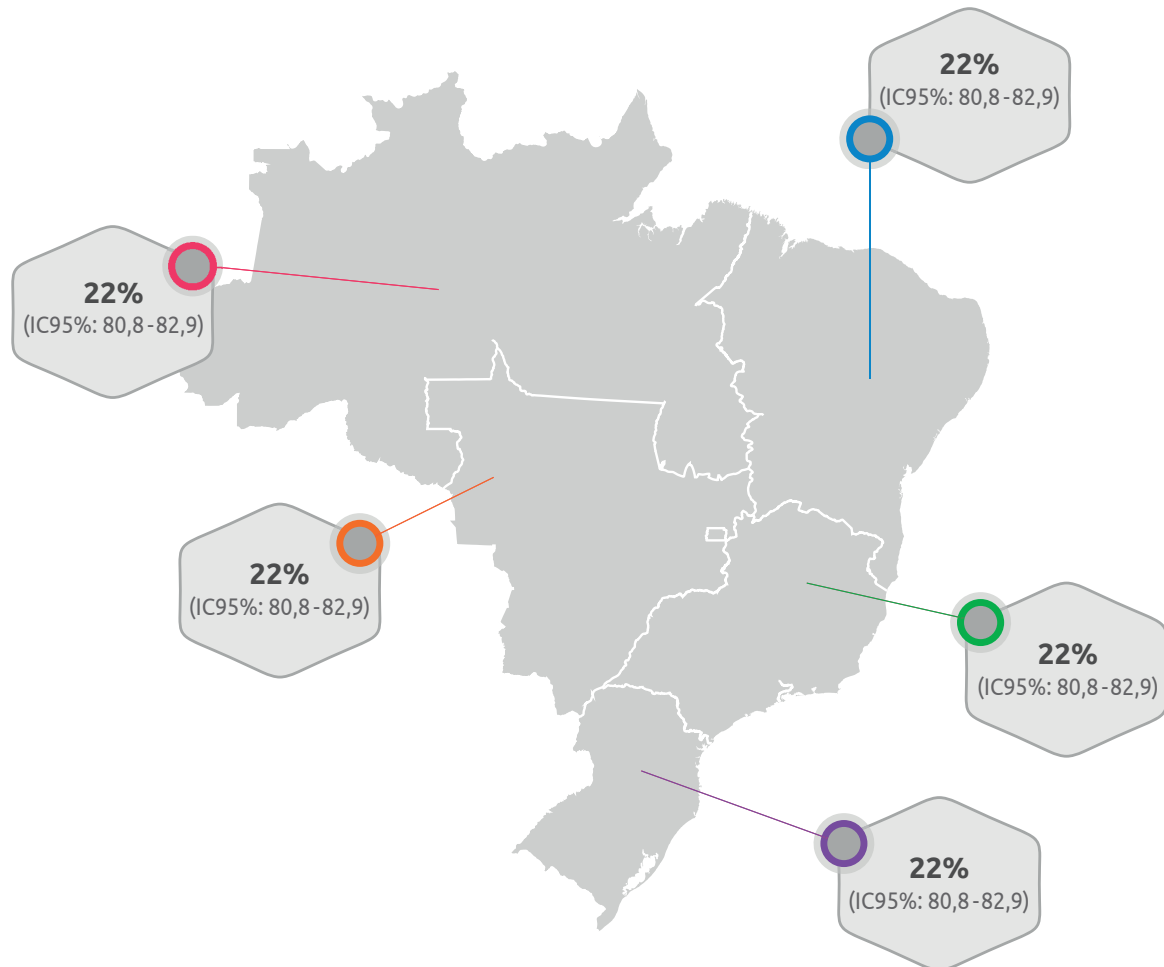


Inatividade física no lazer

TABELA 22 – Prevalência de inatividade física no lazer e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	39,6	38,9-40,3
	Feminino	48,3	47,3-49,2
Faixa etária	< 30 anos	39,0	38,0-40,0
	30-39 anos	42,0	41,0-42,9
	40-59 anos	47,0	46,0-48,0
	≥ 60 anos	43,7	40,0-47,5
Situação conjugal	Solteiro (a)	39,8	38,9-40,7
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	44,8	44,1-45,6
	Viúvo/desquitado/divorciado	42,4	39,8-45,0
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	53,8	51,7-55,9
	Ensino fundamental completo	49,2	47,3-51,1
	Ensino médio ou técnico completo	45,0	44,0-46,0
	Curso superior incompleto	42,5	41,1-43,9
	Curso superior completo	37,1	36,1-38,0
Número de filhos	Nenhum	38,5	37,7-39,4
	1 filho	45,5	44,4-46,5
	2 filhos	45,6	44,2-46,9
	3 filhos	49,7	47,4-52,1
	4 ou mais filhos	53,9	50,4-57,4
Acesso a plano de saúde	Não	47,8	46,8-48,9
	Sim	40,9	40,2-41,5
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	43,3	42,2-44,4
	Entre 1 e 2 anos	44,4	43,0-45,8
	Entre 2 e 5 anos	42,0	40,7-43,3
	Entre 5 e 10 anos	42,0	40,4-43,5
	Mais de 10 anos	42,3	41,1-43,4

FIGURA 26 – Prevalência de inatividade física no lazer e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

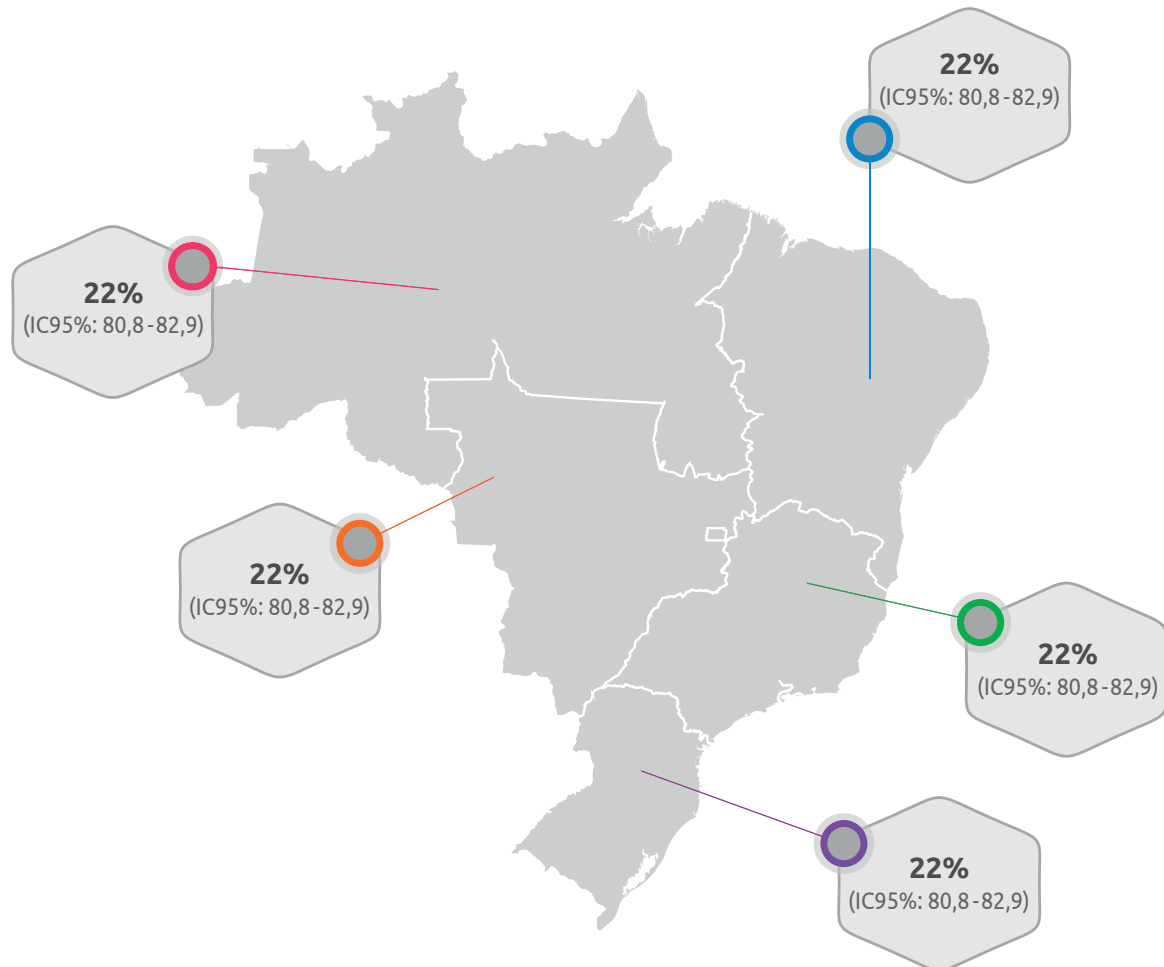


Excessivo tempo de TV (comportamento sedentário)

TABELA 23 – Prevalência de excessivo tempo de TV e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	8,2	7,9-8,6
	Feminino	6,1	5,7-6,6
Faixa etária	< 30 anos	7,0	6,5-7,6
	30-39 anos	7,6	7,0-8,1
	40-59 anos	7,6	7,1-8,1
	≥ 60 anos	8,8	6,9-11,2
Situação conjugal	Solteiro (a)	7,6	7,2-8,1
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	7,3	6,9-7,7
	Viúvo/desquitado/divorciado	8,3	6,9-9,9
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	8,8	7,7-10,1
	Ensino fundamental completo	10,2	9,1-11,4
	Ensino médio ou técnico completo	8,8	8,2-9,4
	Curso superior incompleto	6,8	6,1-7,5
	Curso superior completo	5,5	5,1-5,9
Número de filhos	Nenhum	7,9	7,4-8,4
	1 filho	7,0	6,4-7,5
	2 filhos	6,5	5,8-7,2
	3 filhos	8,2	7,0-9,5
	4 ou mais filhos	9,8	7,9-12,1
Acesso a plano de saúde	Não	8,2	7,6-8,8
	Sim	7,1	6,8-7,5
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	6,4	5,9-6,9
	Entre 1 e 2 anos	7,8	7,1-8,6
	Entre 2 e 5 anos	7,5	6,8-8,2
	Entre 5 e 10 anos	7,6	6,8-8,5
	Mais de 10 anos	8,3	7,7-9,0

FIGURA 27 – Prevalência de excessivo tempo de TV e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

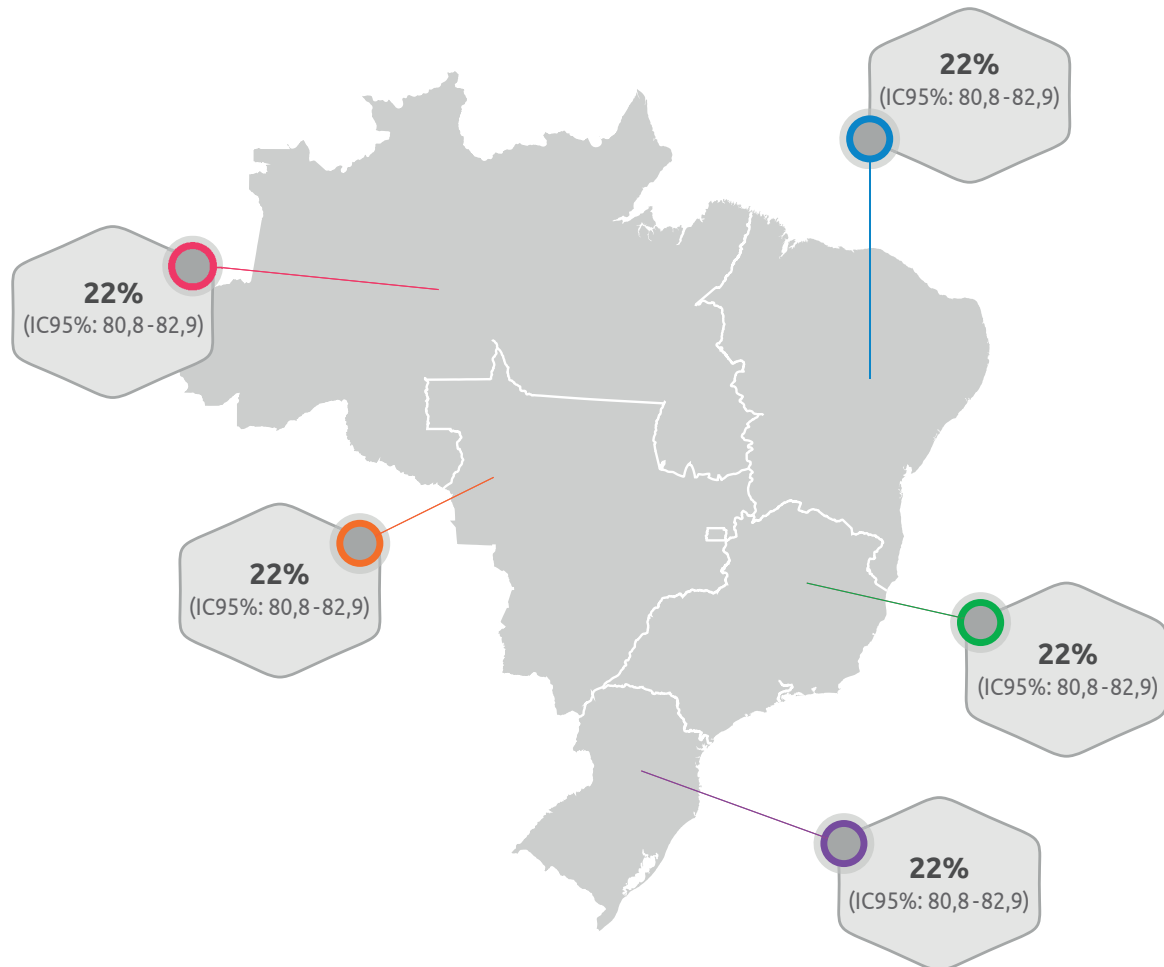


Excessivo tempo de tela

TABELA 24 – Prevalência de excessivo tempo de tela e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	29,9	29,2 - 30,5
	Feminino	36,6	35,7 - 37,5
Faixa etária	< 30 anos	47,8	46,8 - 48,9
	30-39 anos	30,8	29,9 - 31,8
	40-59 anos	21,2	20,4 - 22,0
	≥ 60 anos	17,5	14,8 - 20,5
Situação conjugal	Solteiro (a)	41,2	40,3 - 42,1
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	26,6	25,9 - 27,2
	Viúvo/desquitado/divorciado	30,0	27,7 - 32,6
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	15,4	13,9 - 17,0
	Ensino fundamental completo	27,2	25,5 - 28,9
	Ensino médio ou técnico completo	31,3	30,4 - 32,3
	Curso superior incompleto	41,8	40,4 - 43,3
	Curso superior completo	34,2	33,3 - 35,1
Número de filhos	Nenhum	41,3	40,5 - 42,2
	1 filho	27,1	26,2 - 28,1
	2 filhos	23,8	22,7 - 25,0
	3 filhos	21,8	19,9 - 23,8
	4 ou mais filhos	18,2	15,7 - 21,1
Acesso a plano de saúde	Não	32,3	31,3 - 33,3
	Sim	32,4	31,8 - 33,1
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	37,4	36,3 - 38,4
	Entre 1 e 2 anos	36,7	35,4 - 38,0
	Entre 2 e 5 anos	34,2	32,9 - 35,4
	Entre 5 e 10 anos	28,8	27,4 - 30,3
	Mais de 10 anos	24,1	23,1 - 25,1

FIGURA 28 – Prevalência de excessivo tempo de tela e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.



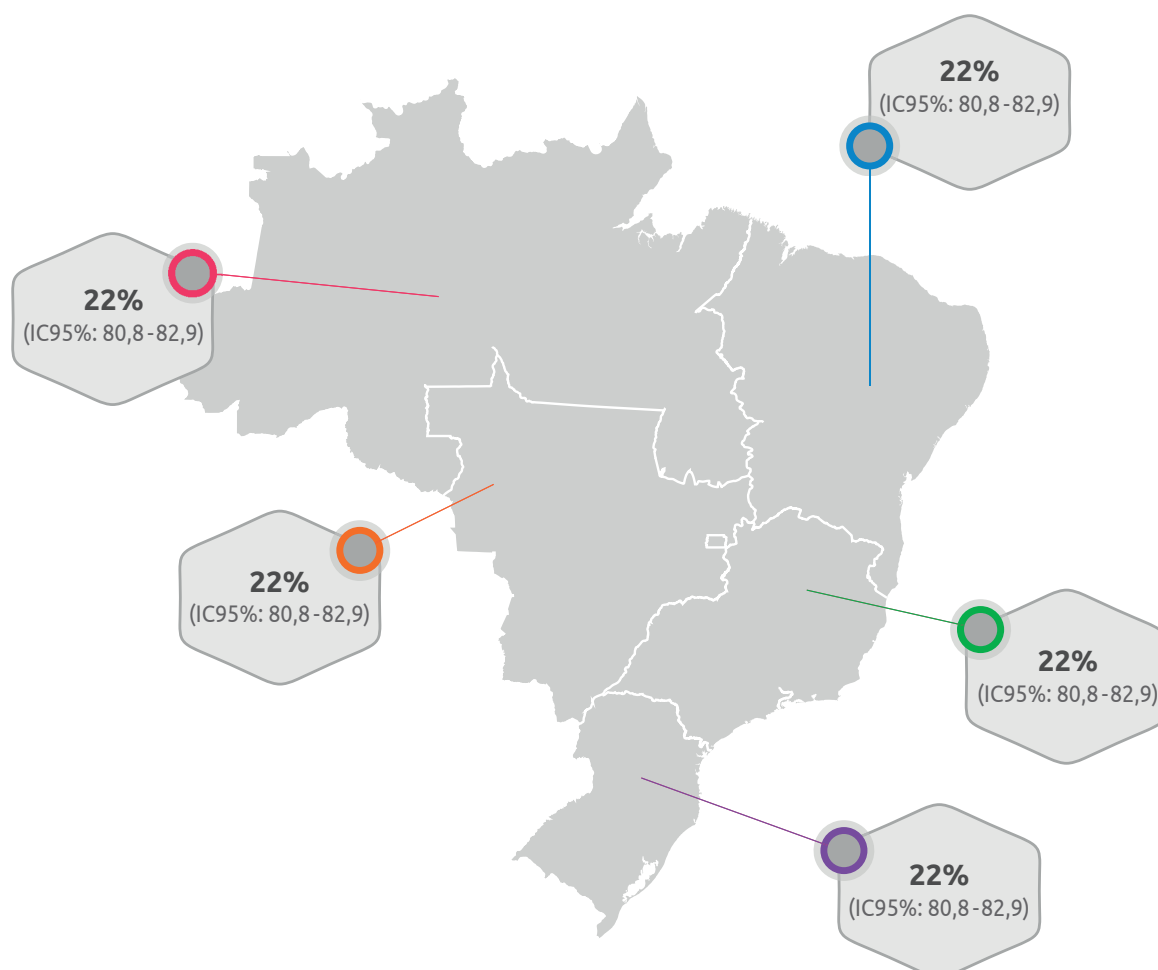
11 ANÁLISE DESCRITIVA DE FATORES DE BEM-ESTAR MENTAL

Percepção de exposição a elevado nível de estresse

TABELA 25 – Prevalência de exposição a elevado nível de estresse e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	14,6	14,1-15,1
	Feminino	26,8	26,0-27,6
Faixa etária	< 30 anos	21,5	20,6-22,3
	30-39 anos	19,5	18,7-20,3
	40-59 anos	17,3	16,6-18,0
	≥ 60 anos	12,1	9,8-14,8
Situação conjugal	Solteiro (a)	20,6	19,8-21,3
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	18,2	17,7-18,8
	Viúvo/desquitado/divorciado	23,3	21,1-25,6
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	13,6	12,2-15,1
	Ensino fundamental completo	15,6	14,3-17,0
	Ensino médio ou técnico completo	15,4	14,7-16,2
	Curso superior incompleto	22,1	20,9-23,3
	Curso superior completo	23,4	22,6-24,2
Número de filhos	Nenhum	20,0	19,4-20,7
	1 filho	18,5	17,7-19,4
	2 filhos	18,2	17,2-19,2
	3 filhos	18,5	16,7-20,4
	4 ou mais filhos	19,0	16,4-21,9
Acesso a plano de saúde	Não	18,3	17,4-19,1
	Sim	19,5	19,0-20,1
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	16,1	15,3-16,9
	Entre 1 e 2 anos	21,8	20,6-22,9
	Entre 2 e 5 anos	21,4	20,3-22,5
	Entre 5 e 10 anos	19,5	18,2-20,7
	Mais de 10 anos	18,8	17,9-19,7

FIGURA 29 – Prevalência de exposição a elevado nível de estresse e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

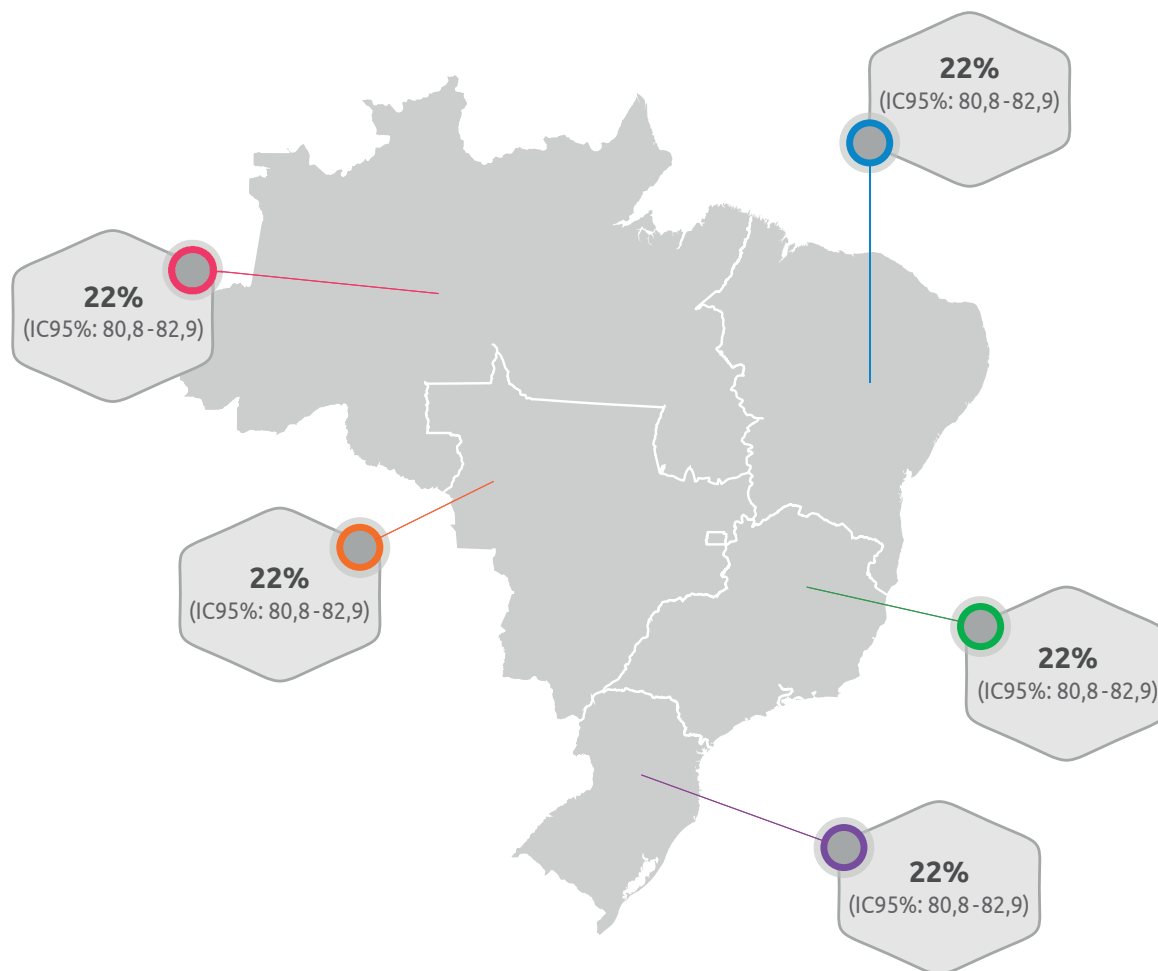


Pensamentos negativos e pessimistas

TABELA 26 – Prevalência de pensamentos negativos e pessimistas e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	6,3	6,0-6,7
	Feminino	7,9	7,4-8,4
Faixa etária	< 30 anos	9,6	9,0-10,2
	30-39 anos	6,5	6,0-7,0
	40-59 anos	5,1	4,7-5,6
	≥ 60 anos	4,0	2,8-5,8
Situação conjugal	Solteiro (a)	8,8	8,3-9,4
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	5,6	5,3-6,0
	Viúvo/desquitado/divorciado	6,3	5,1-7,8
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	8,0	6,9-9,2
	Ensino fundamental completo	9,9	8,8-11,1
	Ensino médio ou técnico completo	7,0	6,5-7,5
	Curso superior incompleto	7,8	7,1-8,7
	Curso superior completo	5,5	5,1-5,9
Número de filhos	Nenhum	8,5	8,0-9,0
	1 filho	5,9	5,4-6,4
	2 filhos	5,3	4,7-5,9
	3 filhos	4,7	3,8-5,8
	4 ou mais filhos	6,4	4,9-8,3
Acesso a plano de saúde	Não	8,9	8,3-9,6
	Sim	6,1	5,8-6,4
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	7,7	7,2-8,3
	Entre 1 e 2 anos	8,6	7,9-9,4
	Entre 2 e 5 anos	7,1	6,5-7,8
	Entre 5 e 10 anos	5,5	4,8-6,3
	Mais de 10 anos	5,3	4,8-5,9

FIGURA 30 – Prevalência de pensamentos negativos e pessimistas e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

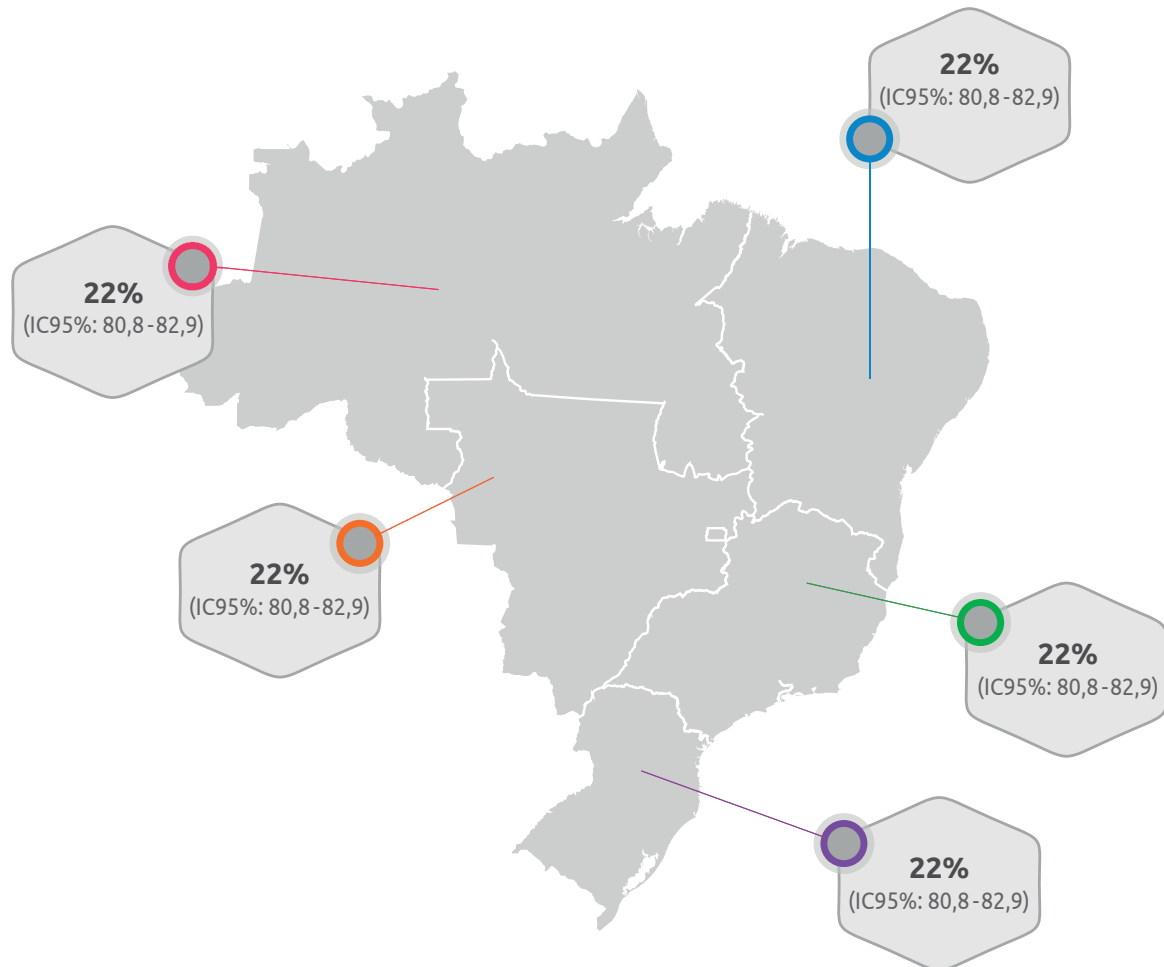


Relacionamentos interpessoais de baixa qualidade

TABELA 27 – Prevalência de relacionamentos interpessoais de baixa qualidade e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	9,4	9,0-9,8
	Feminino	10,3	9,8-10,9
Faixa etária	< 30 anos	11,6	11,0-12,3
	30-39 anos	10,2	9,6-10,8
	40-59 anos	7,9	7,4-8,5
	≥ 60 anos	6,0	4,4-8,0
Situação conjugal	Solteiro (a)	11,2	10,6-11,8
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	8,8	8,4-9,2
	Viúvo/desquitado/divorciado	9,4	8,0-11,1
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	11,4	10,1-12,8
	Ensino fundamental completo	12,2	11,0-13,6
	Ensino médio ou técnico completo	11,4	10,7-12,0
	Curso superior incompleto	9,6	8,8-10,5
	Curso superior completo	7,4	6,9-7,9
Número de filhos	Nenhum	10,8	10,3-11,4
	1 filho	8,8	8,2-9,5
	2 filhos	8,8	8,0-9,6
	3 filhos	8,5	7,3-9,9
	4 ou mais filhos	10,3	8,3-12,6
Acesso a plano de saúde	Não	12,2	11,5-12,9
	Sim	8,8	8,4-9,2
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	8,1	7,5-8,7
	Entre 1 e 2 anos	11,8	11,0-12,8
	Entre 2 e 5 anos	11,0	10,2-11,8
	Entre 5 e 10 anos	10,6	9,7-11,6
	Mais de 10 anos	8,6	8,0-9,3

FIGURA 31 – Prevalência de relacionamentos interpessoais de baixa qualidade e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

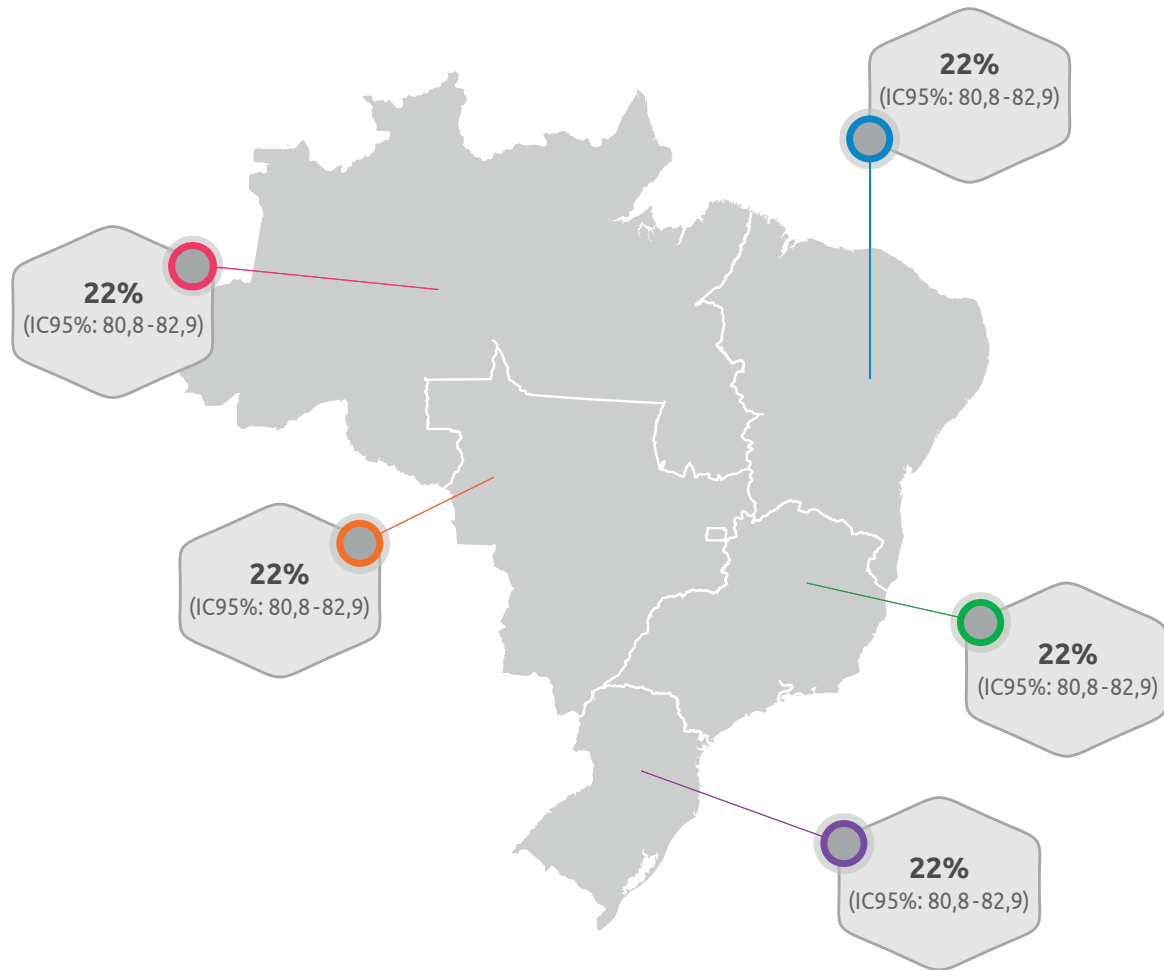


Percepção negativa da qualidade do sono

TABELA 28 – Prevalência de percepção negativa da qualidade do sono e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	13,4	13,0-13,9
	Feminino	15,2	14,5-15,9
Faixa etária	< 30 anos	15,9	15,1-16,6
	30-39 anos	13,9	13,3-14,7
	40-59 anos	13,0	12,3-13,6
	≥ 60 anos	9,9	7,8-12,4
Situação conjugal	Solteiro (a)	15,5	14,9-16,2
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	13,2	12,7-13,7
	Viúvo/desquitado/divorciado	13,8	12,0-15,8
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	15,7	14,3-17,3
	Ensino fundamental completo	17,3	15,9-18,8
	Ensino médio ou técnico completo	14,9	14,2-15,6
	Curso superior incompleto	16,7	15,6-17,8
	Curso superior completo	11,1	10,5-11,7
Número de filhos	Nenhum	14,0	13,4-14,6
	1 filho	14,3	13,6-15,1
	2 filhos	13,9	13,0-14,9
	3 filhos	13,9	12,4-15,6
	4 ou mais filhos	15,0	12,6-17,7
Acesso a plano de saúde	Não	16,3	15,5-17,1
	Sim	13,2	12,8-13,7
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	14,4	13,7-15,2
	Entre 1 e 2 anos	15,0	14,0-16,0
	Entre 2 e 5 anos	14,7	13,8-15,7
	Entre 5 e 10 anos	13,8	12,7-14,9
	Mais de 10 anos	12,8	12,0-13,6

FIGURA 32 – Prevalência de percepção negativa da qualidade do sono e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

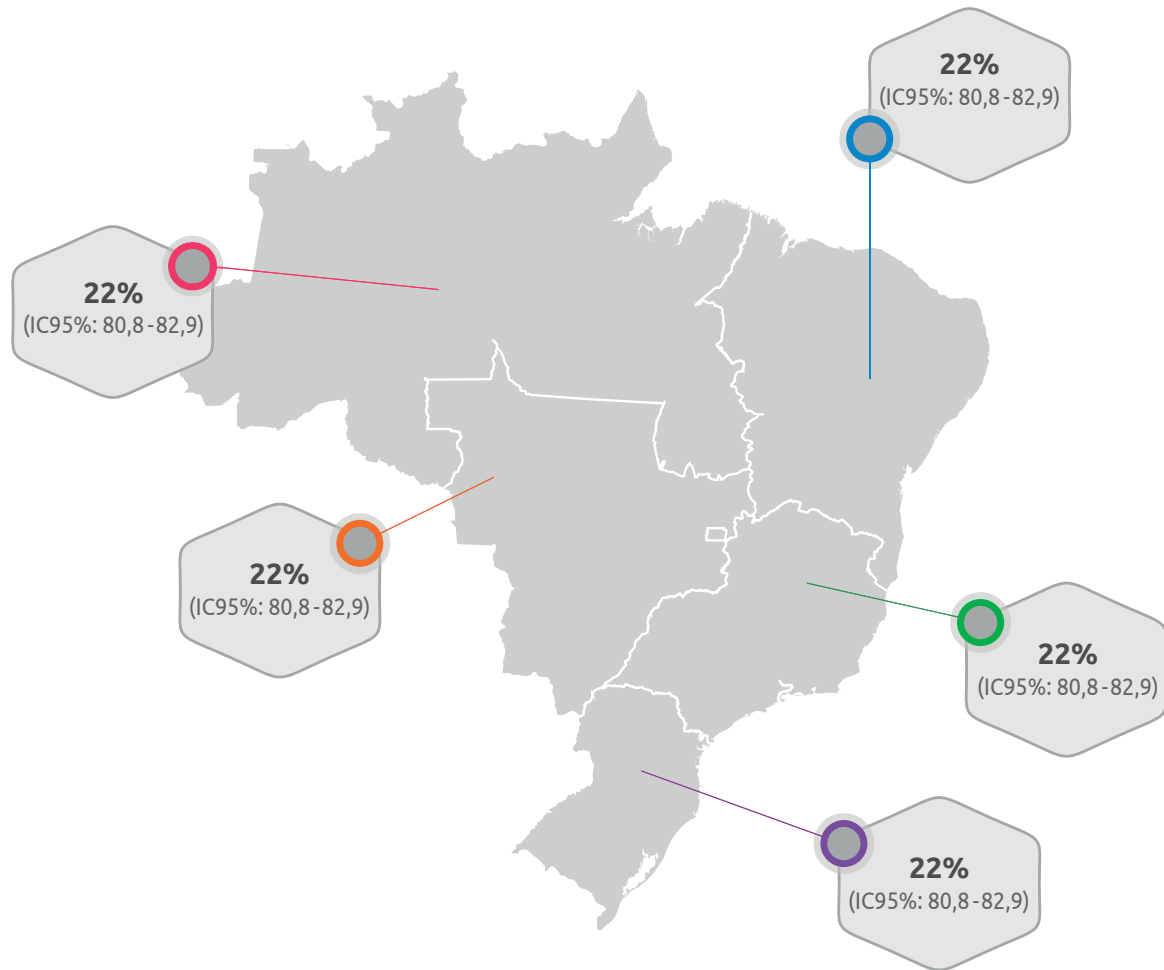


Dificuldade de relaxar e usufruir do lazer

TABELA 29 – Prevalência de dificuldade de relaxar e usufruir do lazer e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	%	IC95%
Sexo	Masculino	14,4	13,9 - 14,9
	Feminino	18,2	17,5 - 19,0
Faixa etária	< 30 anos	17,2	16,5 - 18,0
	30-39 anos	15,9	15,1 - 16,6
	40-59 anos	14,7	14,0 - 15,4
	≥ 60 anos	13,9	11,5 - 16,7
Situação conjugal	Solteiro (a)	16,7	16,1 - 17,4
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	15,2	14,7 - 15,8
	Viúvo/desquitado/divorciado	17,9	15,9 - 20,0
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	18,3	16,8 - 20,0
	Ensino fundamental completo	18,5	17,1 - 20,0
	Ensino médio ou técnico completo	16,6	15,9 - 17,4
	Curso superior incompleto	17,1	16,0 - 18,2
	Curso superior completo	13,4	12,7 - 14,0
Número de filhos	Nenhum	15,1	14,5 - 15,7
	1 filho	16,2	15,4 - 17,0
	2 filhos	16,0	15,1 - 17,0
	3 filhos	17,8	16,0 - 19,6
	4 ou mais filhos	19,0	16,4 - 21,9
Acesso a plano de saúde	Não	18,6	17,8 - 19,5
	Sim	14,7	14,3 - 15,2
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	16,2	15,4 - 17,0
	Entre 1 e 2 anos	17,9	16,9 - 19,0
	Entre 2 e 5 anos	15,8	14,9 - 16,8
	Entre 5 e 10 anos	15,1	14,0 - 16,2
	Mais de 10 anos	14,3	13,5 - 15,2

FIGURA 33 – Prevalência de dificuldade de relaxar e usufruir do lazer e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

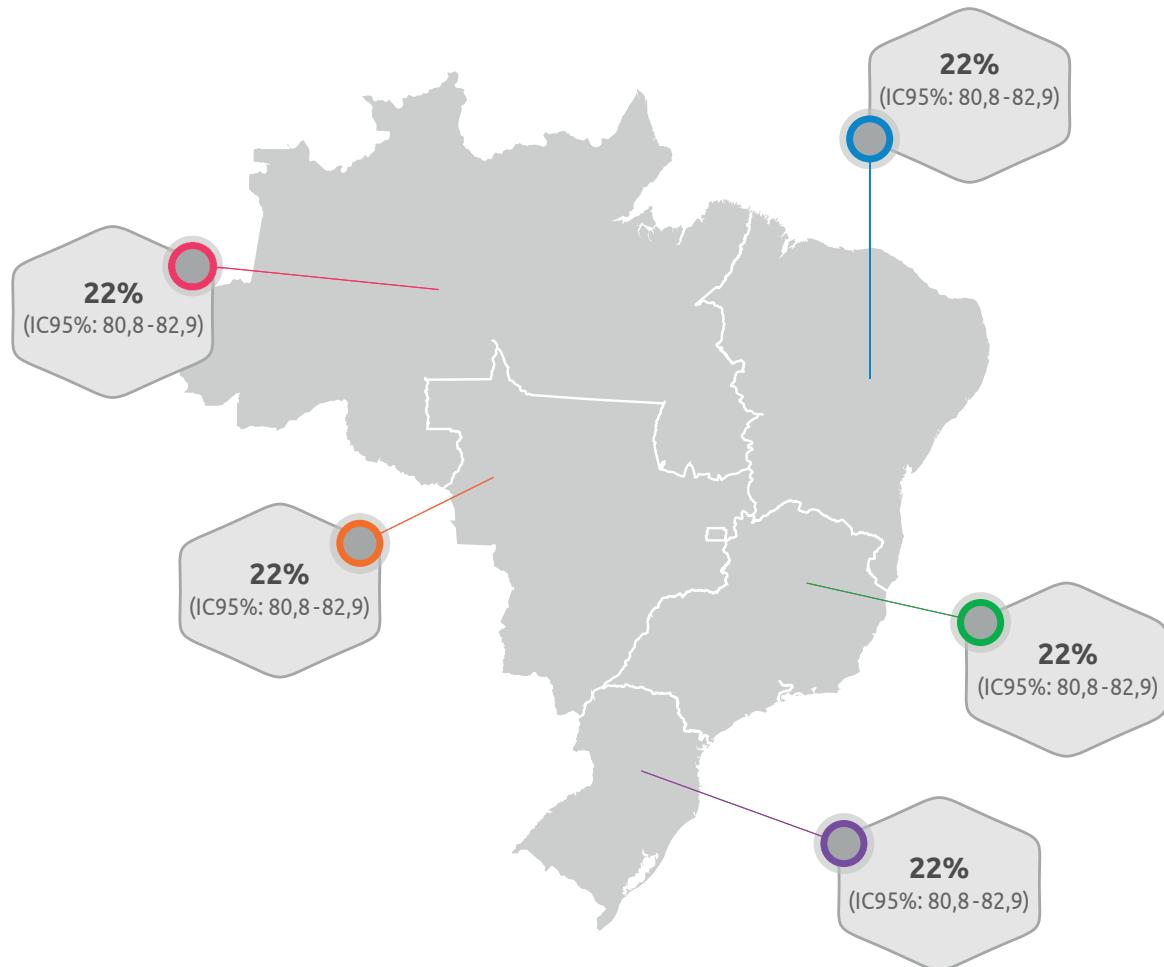


Insatisfação com as condições de trabalho na empresa

TABELA 30 – Prevalência de insatisfação com as condições de trabalho na empresa e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	8,41	8,02-8,82
	Feminino	8,91	8,40-9,46
Faixa etária	< 30 anos	9,24	8,66-9,86
	30-39 anos	9,04	8,48-9,64
	40-59 anos	7,77	7,27-8,31
	≥ 60 anos	5,97	4,41-8,04
Situação conjugal	Solteiro (a)	9,01	8,50-9,54
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	8,32	7,93-8,74
	Viúvo/desquitado/divorciado	9,9	8,4-11,6
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	6,06	5,13-7,15
	Ensino fundamental completo	5,40	4,60-6,33
	Ensino médio ou técnico completo	8,49	7,95-9,06
	Curso superior incompleto	9,53	8,71-10,42
	Curso superior completo	9,63	9,08-10,21
Número de filhos	Nenhum	9,64	9,15-10,16
	1 filho	8,18	7,60-8,79
	2 filhos	7,60	6,92-8,34
	3 filhos	6,16	5,13-7,39
	4 ou mais filhos	7,55	5,88-9,65
Acesso a plano de saúde	Não	8,11	7,54-8,72
	Sim	8,79	8,41-9,18
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	5,55	5,06-6,07
	Entre 1 e 2 anos	9,66	8,88-10,51
	Entre 2 e 5 anos	9,63	8,89-10,43
	Entre 5 e 10 anos	9,90	8,99-10,88
	Mais de 10 anos	9,74	9,06-10,46

FIGURA 34 – Prevalência de insatisfação com as condições de trabalho na empresa e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.



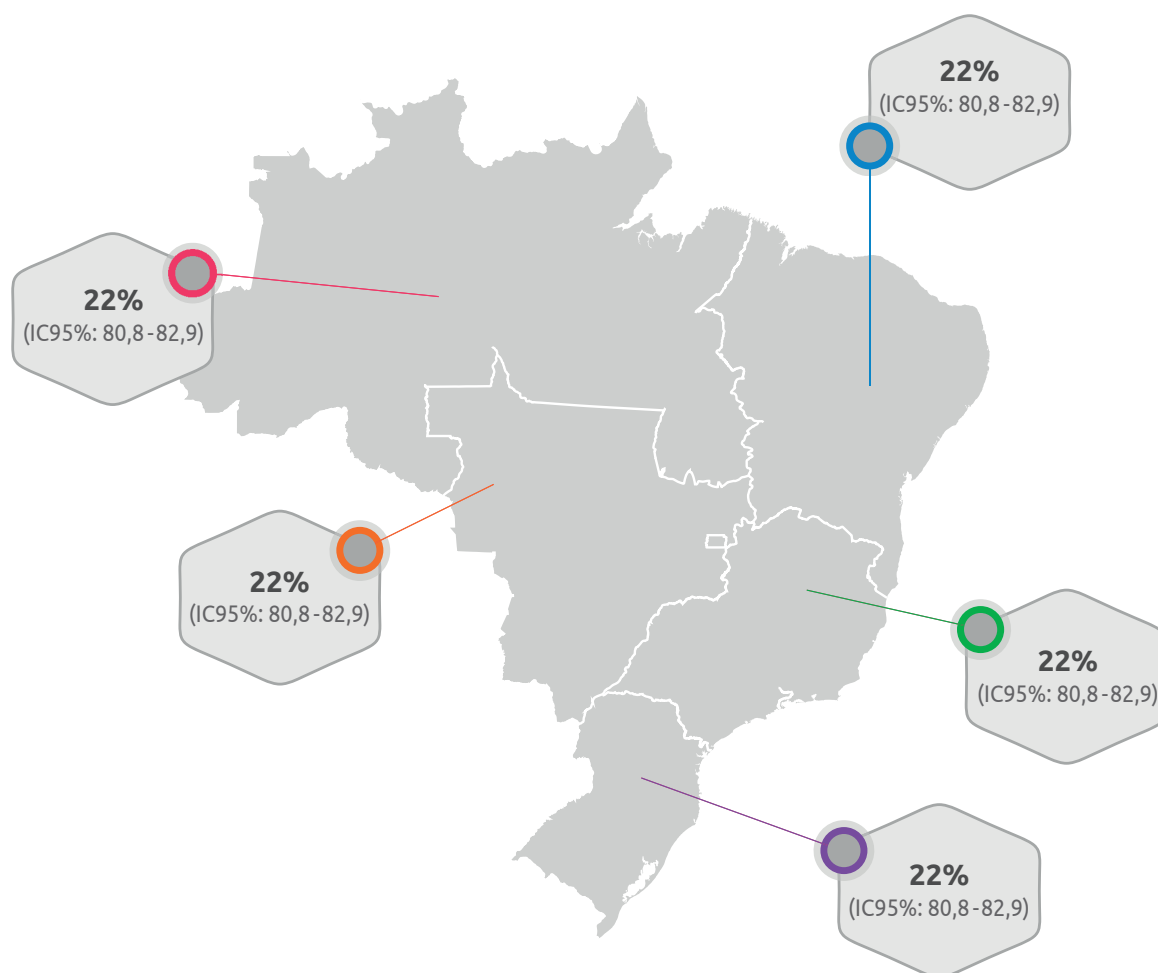
12 ANÁLISE DESCRITIVA DE INDICADORES DE MORBIDADE (ADOECIMENTO)

Obesidade

TABELA 31 – Prevalência de obesidade e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	24,3	23,6-24,9
	Feminino	25,1	24,3-25,9
Faixa etária	< 30 anos	18,8	17,9-19,6
	30-39 anos	26,2	25,3-27,1
	40-59 anos	28,2	27,4-29,2
	≥ 60 anos	21,0	18,0-24,4
Situação conjugal	Solteiro (a)	21,4	20,7-22,2
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	26,6	26,0-27,3
	Viúvo/desquitado/divorciado	26,5	24,2-28,9
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	24,1	22,3-26,1
	Ensino fundamental completo	22,8	21,2-24,6
	Ensino médio ou técnico completo	23,0	22,1-23,9
	Curso superior incompleto	25,5	24,2-26,9
	Curso superior completo	26,1	25,3-27,0
Número de filhos	Nenhum	20,8	20,1-21,6
	1 filho	26,2	25,2-27,2
	2 filhos	28,0	26,8-29,3
	3 filhos	31,3	29,1-33,6
	4 ou mais filhos	31,2	27,9-34,7
Acesso a plano de saúde	Não	21,9	21,0-22,9
	Sim	25,6	25,0-26,2
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	22,5	21,5-23,4
	Entre 1 e 2 anos	23,7	22,5-25,0
	Entre 2 e 5 anos	25,7	24,5-26,9
	Entre 5 e 10 anos	25,9	24,5-27,3
	Mais de 10 anos	25,9	24,9-27,0

FIGURA 35 – Prevalência de obesidade e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

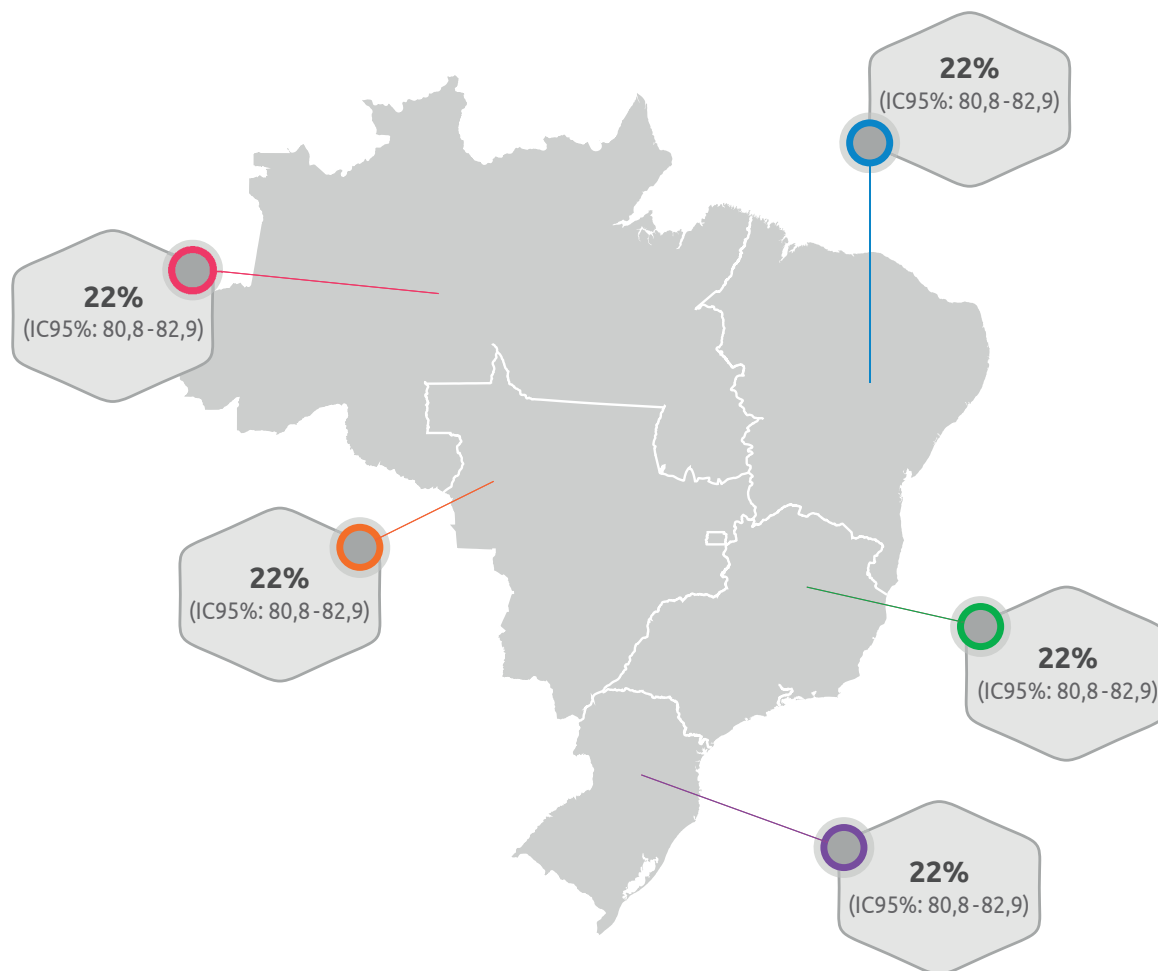


Hipertensão referida

TABELA 32 – Prevalência de hipertensão referida e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	18,2	17,7-18,8
	Feminino	17,3	16,6-18,1
Faixa etária	< 30 anos	7,0	6,4-7,5
	30-39 anos	14,2	13,5-14,9
	40-59 anos	28,2	27,3-29,1
	≥ 60 anos	52,9	49,0-56,8
Situação conjugal	Solteiro (a)	14,9	14,2-15,6
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	19,8	19,2-20,4
	Viúvo/desquitado/divorciado	27,4	25,1-29,9
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	26,6	24,7-28,5
	Ensino fundamental completo	19,7	18,1-21,3
	Ensino médio ou técnico completo	17,2	16,4-18,0
	Curso superior incompleto	14,4	13,4-15,5
	Curso superior completo	17,7	17,0-18,5
Número de filhos	Nenhum	11,7	11,2-12,3
	1 filho	20,3	19,4-21,2
	2 filhos	23,7	22,6-24,9
	3 filhos	27,8	25,7-30,0
	4 ou mais filhos	33,3	30,0-36,9
Acesso a plano de saúde	Não	16,9	16,1-17,8
	Sim	18,3	17,7-18,8
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	12,4	11,7-13,2
	Entre 1 e 2 anos	13,9	12,9-14,9
	Entre 2 e 5 anos	15,9	14,9-16,9
	Entre 5 e 10 anos	18,7	17,5-20,0
	Mais de 10 anos	28,1	27,0-29,2

FIGURA 36 – Prevalência de hipertensão referida e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

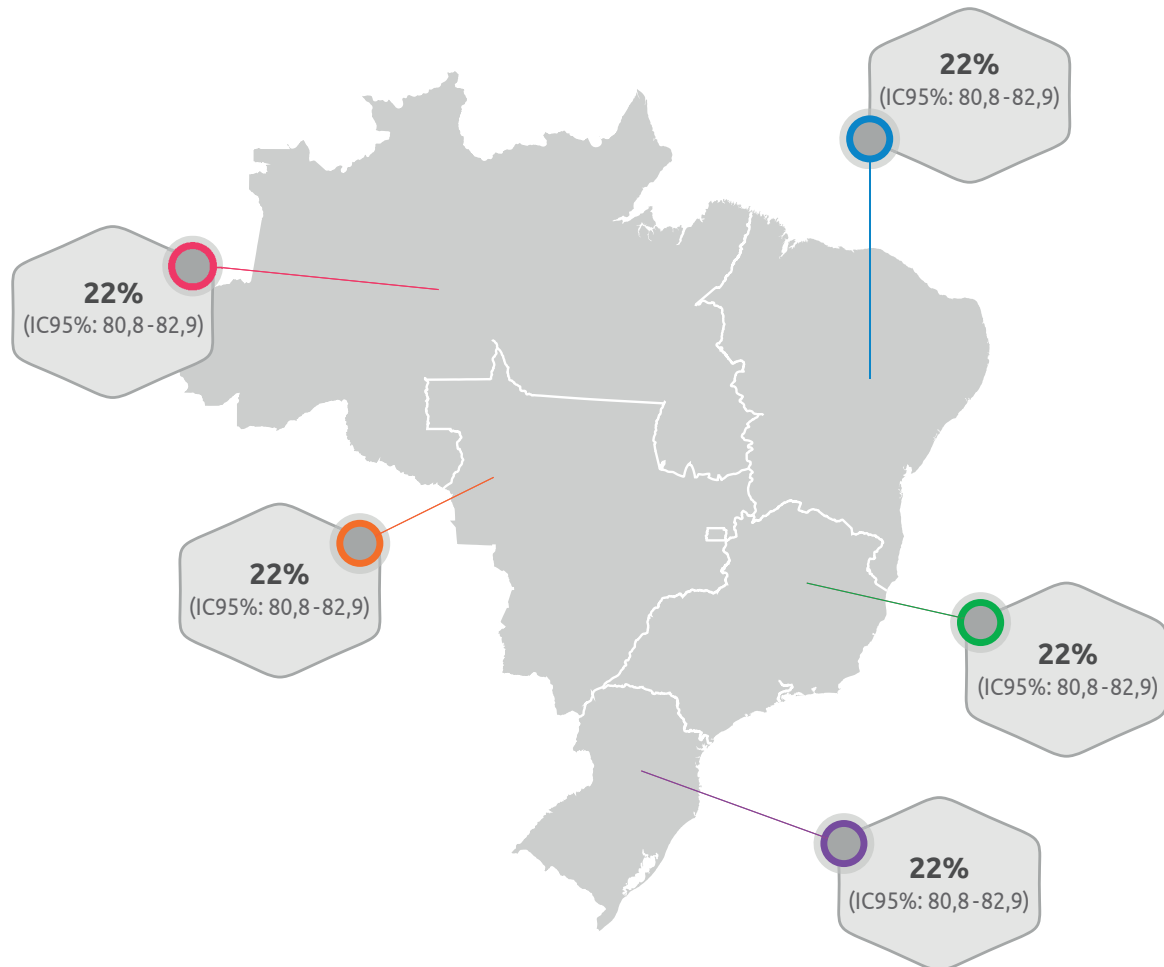


Diabetes referida

TABELA 33 – Prevalência de diabetes referida e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	5,4	5,0-5,7
	Feminino	7,7	7,2-8,3
Faixa etária	< 30 anos	2,5	2,2-2,9
	30-39 anos	4,4	4,0-4,8
	40-59 anos	10,0	9,4-10,6
	≥ 60 anos	23,4	20,2-26,8
Situação conjugal	Solteiro (a)	5,3	4,9-5,7
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	6,9	6,5-7,3
	Viúvo/desquitado/divorciado	11,0	9,5-12,8
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	8,3	7,2-9,6
	Ensino fundamental completo	5,9	5,0-6,9
	Ensino médio ou técnico completo	5,8	5,3-6,3
	Curso superior incompleto	5,0	4,4-5,7
	Curso superior completo	6,9	6,4-7,4
Número de filhos	Nenhum	4,3	4,0-4,7
	1 filho	6,8	6,3-7,4
	2 filhos	8,3	7,6-9,1
	3 filhos	8,8	7,5-10,3
	4 ou mais filhos	12,7	10,5-15,4
Acesso a plano de saúde	Não	4,7	4,3-5,2
	Sim	6,8	6,5-7,2
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	3,7	3,3-4,2
	Entre 1 e 2 anos	4,6	4,1-5,3
	Entre 2 e 5 anos	5,6	5,0-6,3
	Entre 5 e 10 anos	5,9	5,1-6,7
	Mais de 10 anos	10,9	10,2-11,7

FIGURA 37 – Prevalência de diabetes referida e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

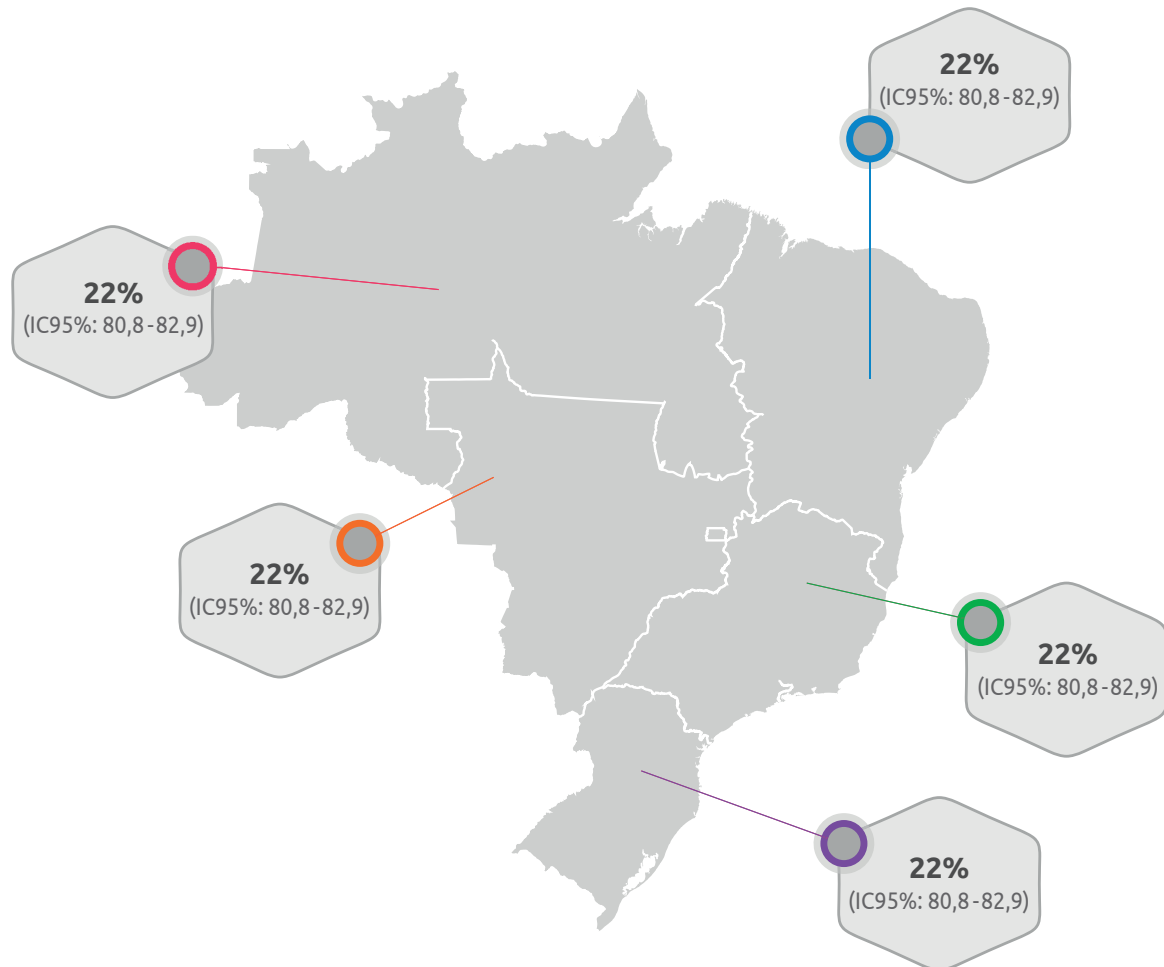


Colesterol alto referido

TABELA 34 – Prevalência de colesterol alto referido e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	19,9	19,3-20,5
	Feminino	24,7	23,9-25,6
Faixa etária	< 30 anos	11,5	10,9-12,2
	30-39 anos	18,9	18,1-19,8
	40-59 anos	31,7	30,8-32,6
	≥ 60 anos	40,3	36,5-44,2
Situação conjugal	Solteiro (a)	18,1	17,3-18,8
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	24,1	23,5-24,7
	Viúvo/desquitado/divorciado	30,4	28,0-32,9
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	15,6	14,1-17,3
	Ensino fundamental completo	15,1	13,7-16,5
	Ensino médio ou técnico completo	17,7	16,9-18,5
	Curso superior incompleto	19,2	18,0-20,4
	Curso superior completo	29,3	28,4-30,2
Número de filhos	Nenhum	17,8	17,1-18,5
	1 filho	23,1	22,2-24,1
	2 filhos	26,9	25,7-28,2
	3 filhos	26,9	24,9-29,1
	4 ou mais filhos	24,6	21,5-27,9
Acesso a plano de saúde	Não	14,0	13,3-14,8
	Sim	24,7	24,1-25,3
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	14,9	14,1-15,7
	Entre 1 e 2 anos	18,0	16,9-19,1
	Entre 2 e 5 anos	19,6	18,5-20,7
	Entre 5 e 10 anos	22,6	21,3-24,0
	Mais de 10 anos	33,3	32,1-34,4

FIGURA 38 – Prevalência de colesterol alto referido e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

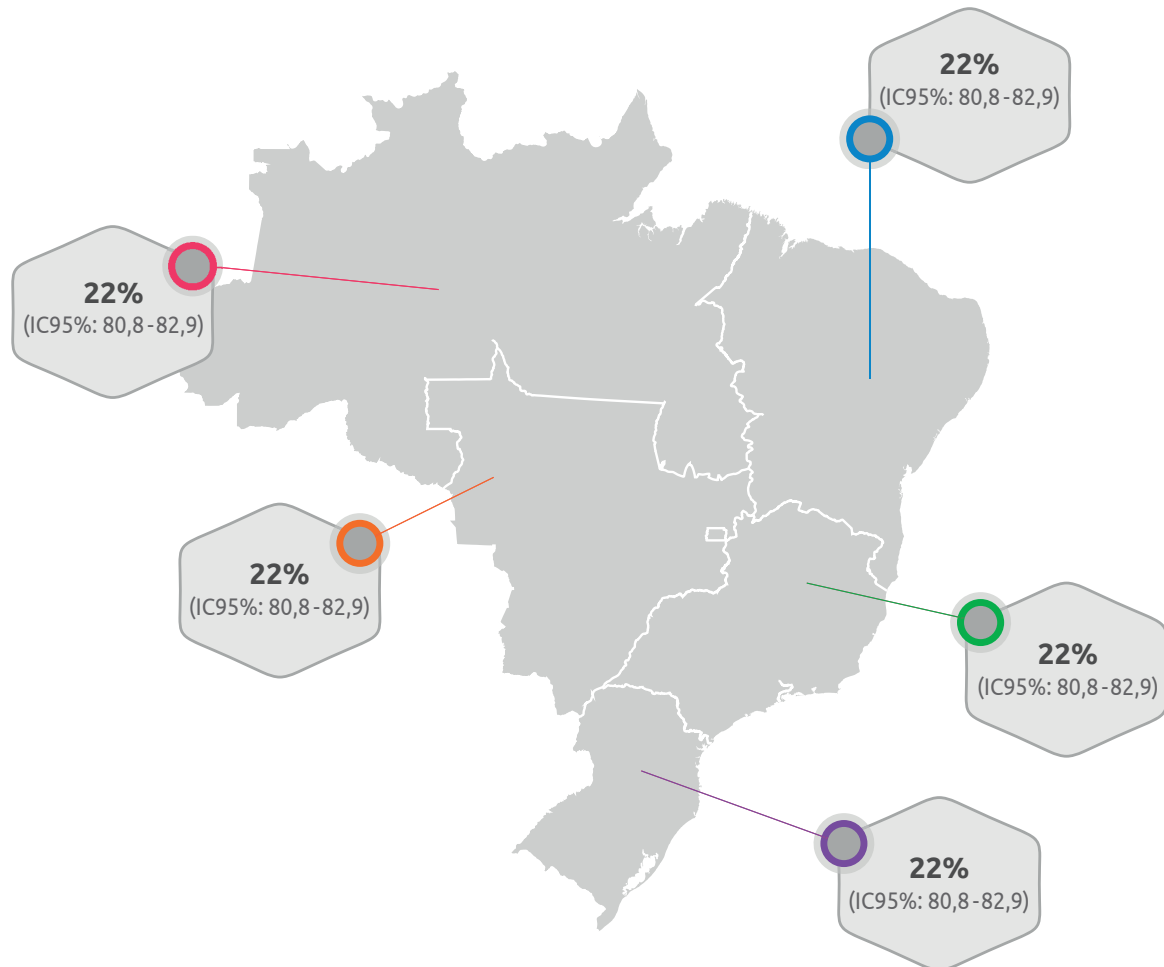


AVC referido

TABELA 35 – Prevalência de AVC referido e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	0,86	0,73-1,01
	Feminino	0,98	0,81-1,19
Faixa etária	< 30 anos	0,37	0,26-0,52
	30-39 anos	0,70	0,55-0,90
	40-59 anos	1,43	1,21-1,68
	≥ 60 anos	2,84	1,80-4,47
Situação conjugal	Solteiro (a)	0,83	0,68-1,02
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	0,96	0,82-1,12
	Viúvo/desquitado/divorciado	1,8	1,2-2,7
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	1,82	1,32-2,51
	Ensino fundamental completo	1,40	1,00-1,96
	Ensino médio ou técnico completo	0,84	0,67-1,05
	Curso superior incompleto	0,60	0,41-0,89
	Curso superior completo	0,79	0,63-0,98
Número de filhos	Nenhum	0,54	0,42-0,68
	1 filho	1,07	0,86-1,33
	2 filhos	1,07	0,82-1,39
	3 filhos	2,11	1,52-2,92
	4 ou mais filhos	1,55	0,86-2,78
Acesso a plano de saúde	Não	0,92	0,73-1,16
	Sim	0,90	0,78-1,05
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	0,49	0,35-0,68
	Entre 1 e 2 anos	0,94	0,70-1,26
	Entre 2 e 5 anos	0,78	0,58-1,06
	Entre 5 e 10 anos	0,74	0,51-1,07
	Mais de 10 anos	1,54	1,27-1,87

FIGURA 39 – Prevalência de AVC referido e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

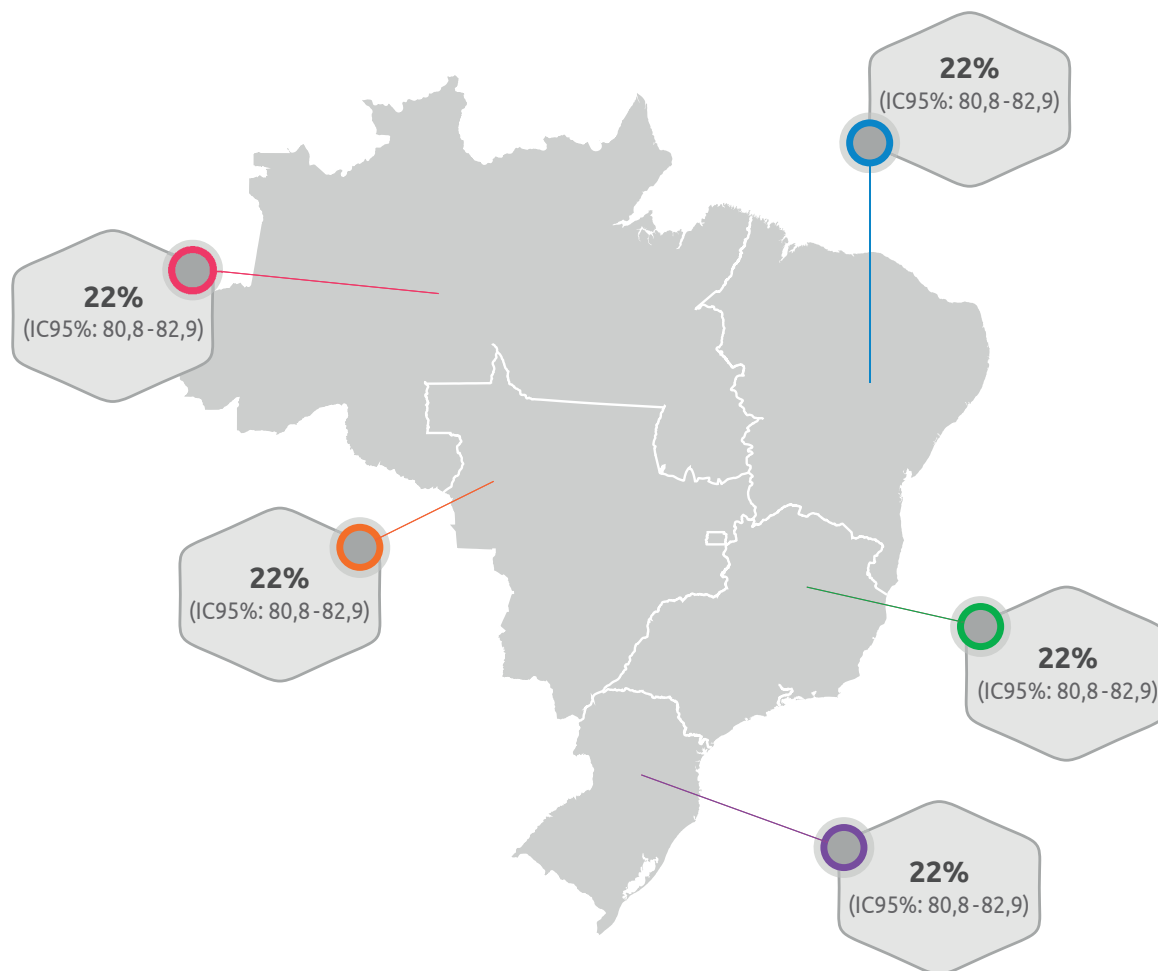


Artrite ou reumatismo referido

TABELA 35 – Prevalência de artrite ou reumatismo referido e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	2,8	2,5-3,0
	Feminino	5,7	5,3-6,2
Faixa etária	< 30 anos	1,2	1,0-1,4
	30-39 anos	2,5	2,2-2,8
	40-59 anos	6,8	6,3-7,3
	≥ 60 anos	13,6	11,1-16,5
Situação conjugal	Solteiro (a)	3,1	2,8-3,5
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	4,4	4,1-4,7
	Viúvo/desquitado/divorciado	7,1	5,8-8,6
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	4,3	3,5-5,3
	Ensino fundamental completo	3,5	2,8-4,3
	Ensino médio ou técnico completo	3,4	3,1-3,8
	Curso superior incompleto	2,9	2,4-3,4
	Curso superior completo	4,7	4,3-5,1
Número de filhos	Nenhum	2,5	2,3-2,8
	1 filho	3,9	3,5-4,4
	2 filhos	5,4	4,8-6,1
	3 filhos	7,0	5,9-8,3
	4 ou mais filhos	8,1	6,3-10,3
Acesso a plano de saúde	Não	2,8	2,4-3,1
	Sim	4,3	4,0-4,6
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	2,2	1,9-2,5
	Entre 1 e 2 anos	2,6	2,2-3,1
	Entre 2 e 5 anos	3,2	2,8-3,7
	Entre 5 e 10 anos	4,0	3,4-4,7
	Mais de 10 anos	7,1	6,5-7,7

FIGURA 40 – Prevalência de artrite ou reumatismo referido e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

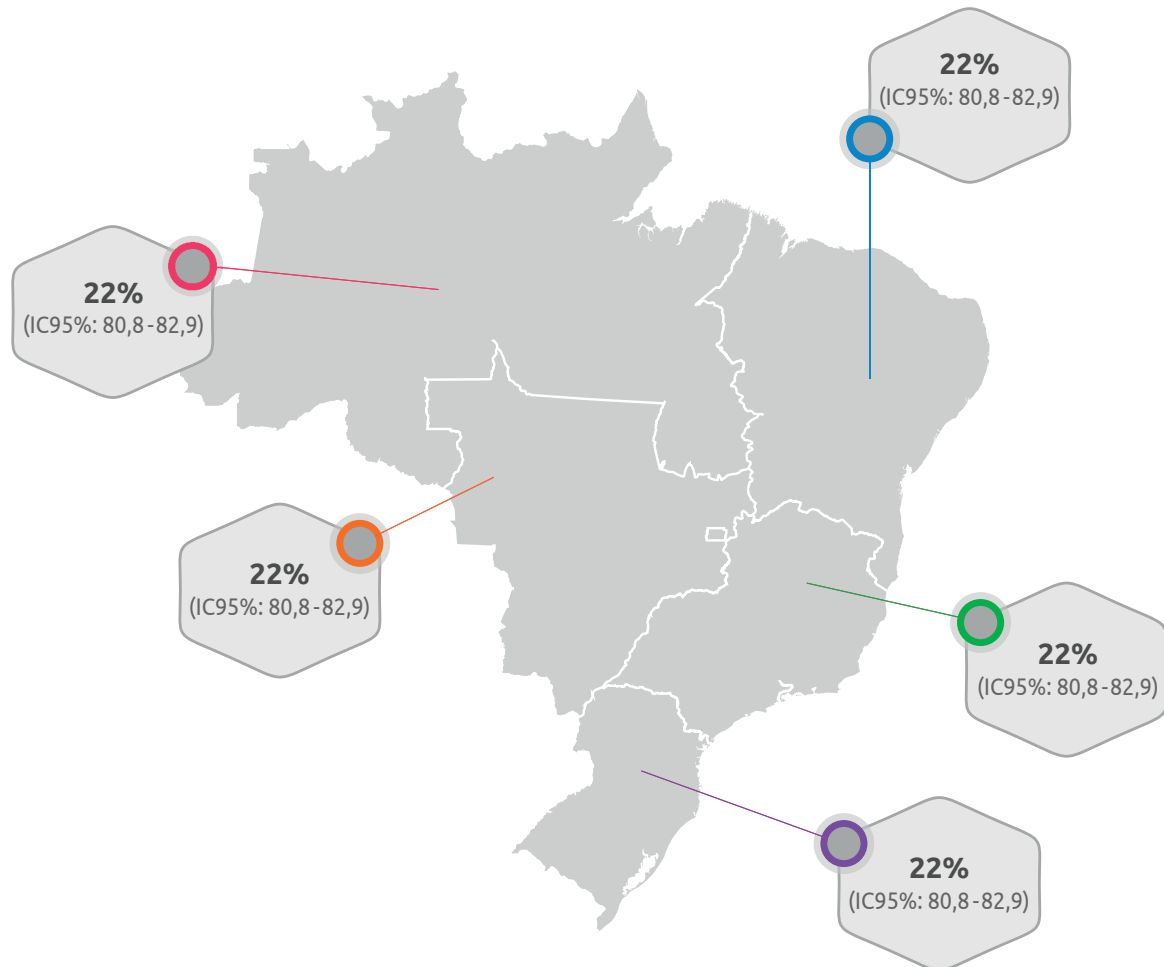


Asma ou bronquite asmática referida

TABELA 36 – Prevalência de asma ou bronquite asmática referida e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	7,8	7,4-8,2
	Feminino	11,5	10,9-12,1
Faixa etária	< 30 anos	11,0	10,3-11,7
	30-39 anos	8,9	8,3-9,5
	40-59 anos	8,1	7,6-8,7
	≥ 60 anos	6,8	5,1-9,0
Situação conjugal	Solteiro (a)	9,7	9,2-10,3
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	8,8	8,4-9,2
	Viúvo/desquitado/divorciado	10,3	8,8-12,1
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	5,4	4,5-6,4
	Ensino fundamental completo	6,3	5,4-7,4
	Ensino médio ou técnico completo	7,7	7,2-8,3
	Curso superior incompleto	10,4	9,5-11,4
	Curso superior completo	11,5	10,9-12,1
Número de filhos	Nenhum	10,3	9,8-10,9
	1 filho	8,3	7,7-9,0
	2 filhos	8,6	7,8-9,4
	3 filhos	7,6	6,4-9,0
	4 ou mais filhos	6,6	5,0-8,7
Acesso a plano de saúde	Não	7,7	7,1-8,3
	Sim	9,7	9,3-10,2
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	9,6	9,0-10,3
	Entre 1 e 2 anos	10,0	9,2-10,9
	Entre 2 e 5 anos	9,4	8,7-10,3
	Entre 5 e 10 anos	7,8	7,0-8,7
	Mais de 10 anos	8,6	8,0-9,4

FIGURA 41 – Prevalência de asma ou bronquite asmática referida e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

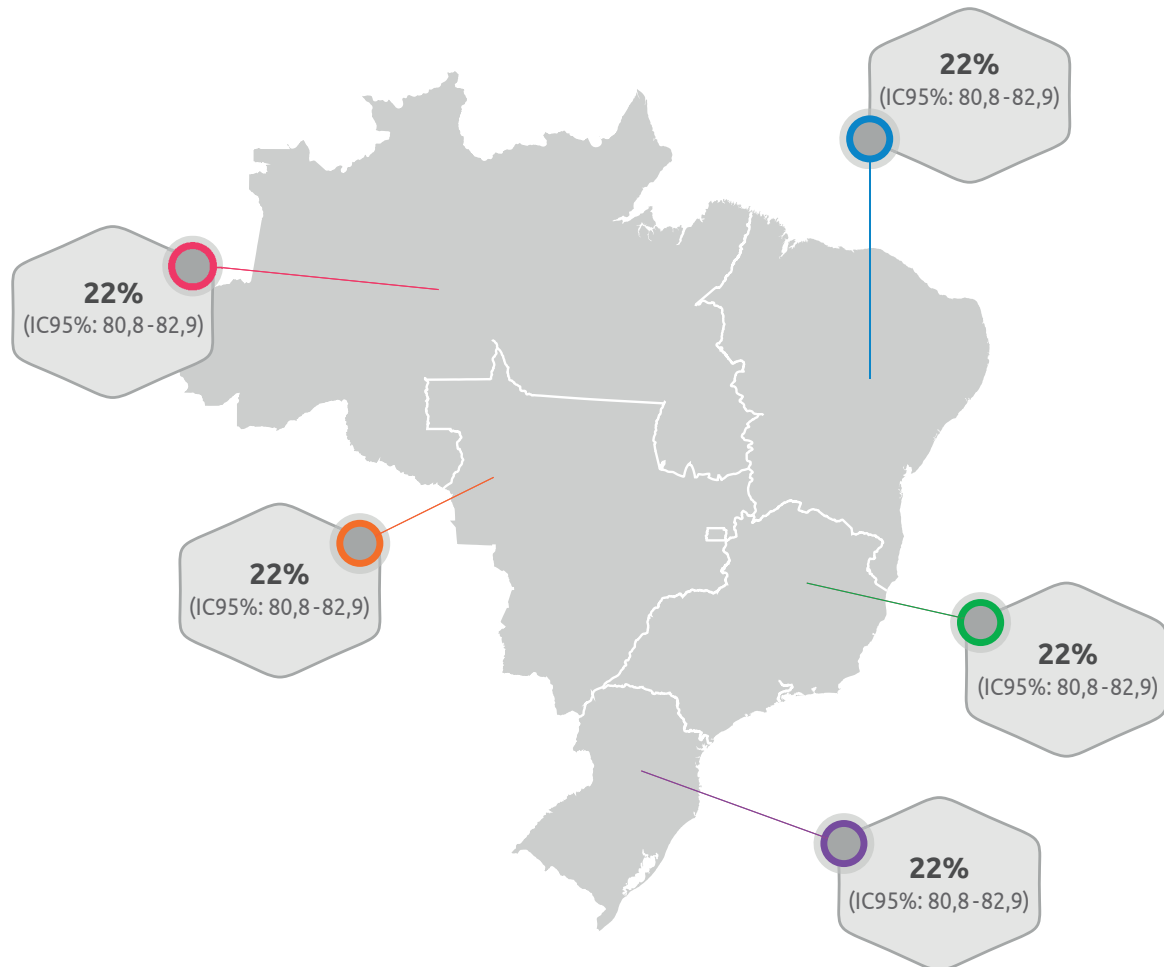


Depressão referida

TABELA 37 – Prevalência de depressão referida e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	6,8	6,4-7,2
	Feminino	20,8	20,0-21,6
Faixa etária	< 30 anos	11,9	11,2-12,6
	30-39 anos	11,5	10,8-12,2
	40-59 anos	12,9	12,2-13,6
	≥ 60 anos	9,5	7,4-12,0
Situação conjugal	Solteiro (a)	14,2	13,6-14,9
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	10,6	10,2-11,1
	Viúvo/desquitado/divorciado	23,5	21,3-25,9
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	8,0	6,9-9,3
	Ensino fundamental completo	8,8	7,8-10,0
	Ensino médio ou técnico completo	8,8	8,3-9,4
	Curso superior incompleto	13,9	12,8-14,9
	Curso superior completo	15,8	15,1-16,5
Número de filhos	Nenhum	12,8	12,2-13,4
	1 filho	11,6	10,9-12,3
	2 filhos	11,8	11,0-12,7
	3 filhos	10,8	9,4-12,4
	4 ou mais filhos	8,9	7,0-11,2
Acesso a plano de saúde	Não	9,9	9,2-10,6
	Sim	12,9	12,4-13,4
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	12,2	11,4-12,9
	Entre 1 e 2 anos	13,3	12,4-14,3
	Entre 2 e 5 anos	12,1	11,3-13,0
	Entre 5 e 10 anos	9,7	8,8-10,7
	Mais de 10 anos	12,3	11,5-13,1

FIGURA 42 – Prevalência de depressão referida e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

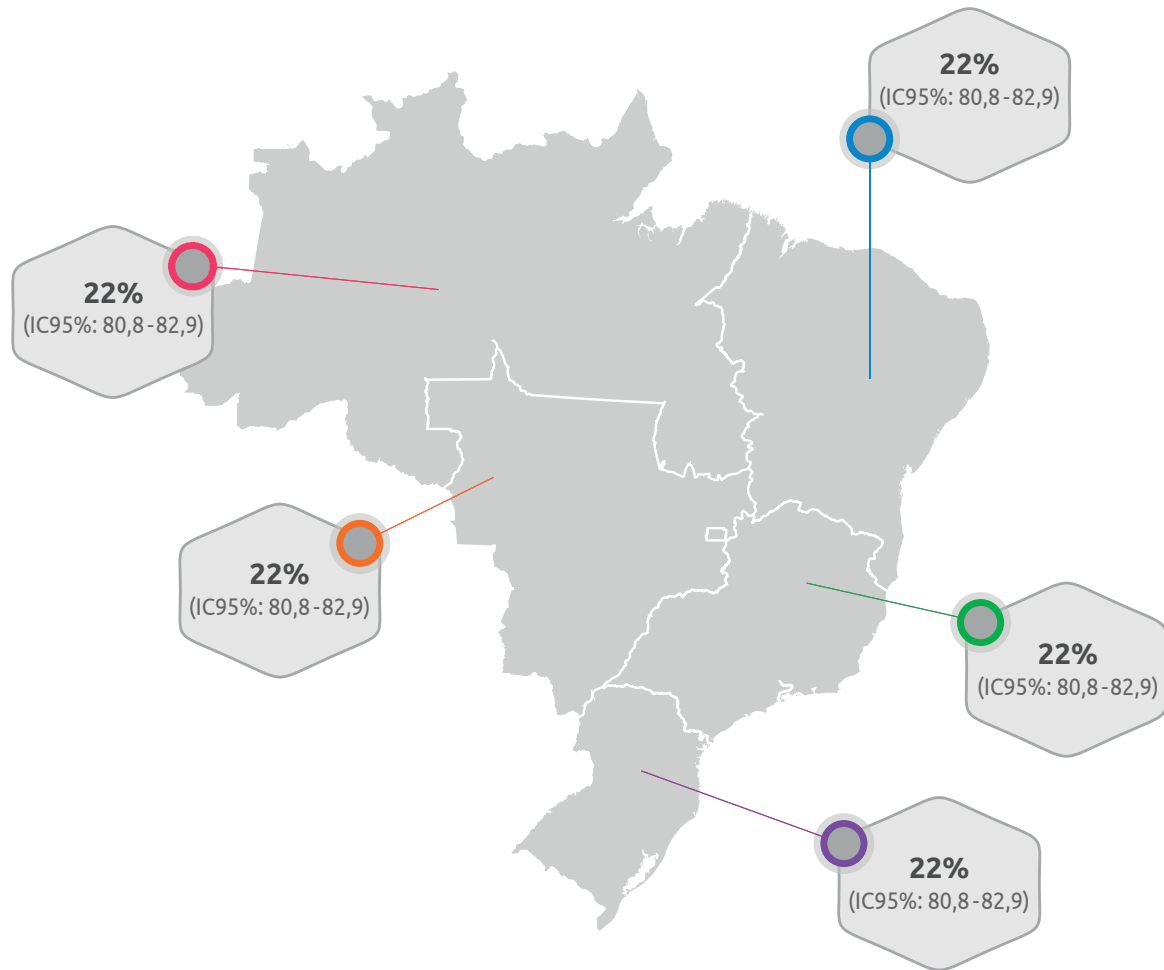


Câncer

TABELA 38 – Prevalência de câncer referido e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	0,87	0,74-1,02
	Feminino	2,06	1,80-2,35
Faixa etária	< 30 anos	0,42	0,30-0,58
	30-39 anos	1,10	0,90-1,33
	40-59 anos	1,99	1,73-2,28
	≥ 60 anos	5,85	4,26-7,97
Situação conjugal	Solteiro (a)	1,09	0,91-1,31
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	1,46	1,29-1,66
	Viúvo/desquitado/divorciado	2,61	1,86-3,64
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	1,13	0,75-1,70
	Ensino fundamental completo	0,87	0,56-1,32
	Ensino médio ou técnico completo	0,69	0,54-0,89
	Curso superior incompleto	1,18	0,89-1,56
	Curso superior completo	2,08	1,82-2,38
Número de filhos	Nenhum	0,91	0,75-1,09
	1 filho	1,54	1,28-1,83
	2 filhos	1,76	1,43-2,16
	3 filhos	1,93	1,37-2,71
	4 ou mais filhos	1,41	0,76-2,61
Acesso a plano de saúde	Não	0,77	0,60-1,00
	Sim	1,53	1,36-1,71
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	0,59	0,44-0,79
	Entre 1 e 2 anos	1,11	0,85-1,46
	Entre 2 e 5 anos	1,15	0,89-1,47
	Entre 5 e 10 anos	1,48	1,13-1,92
	Mais de 10 anos	2,32	1,98-2,72

FIGURA 43 – Prevalência de câncer referido e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

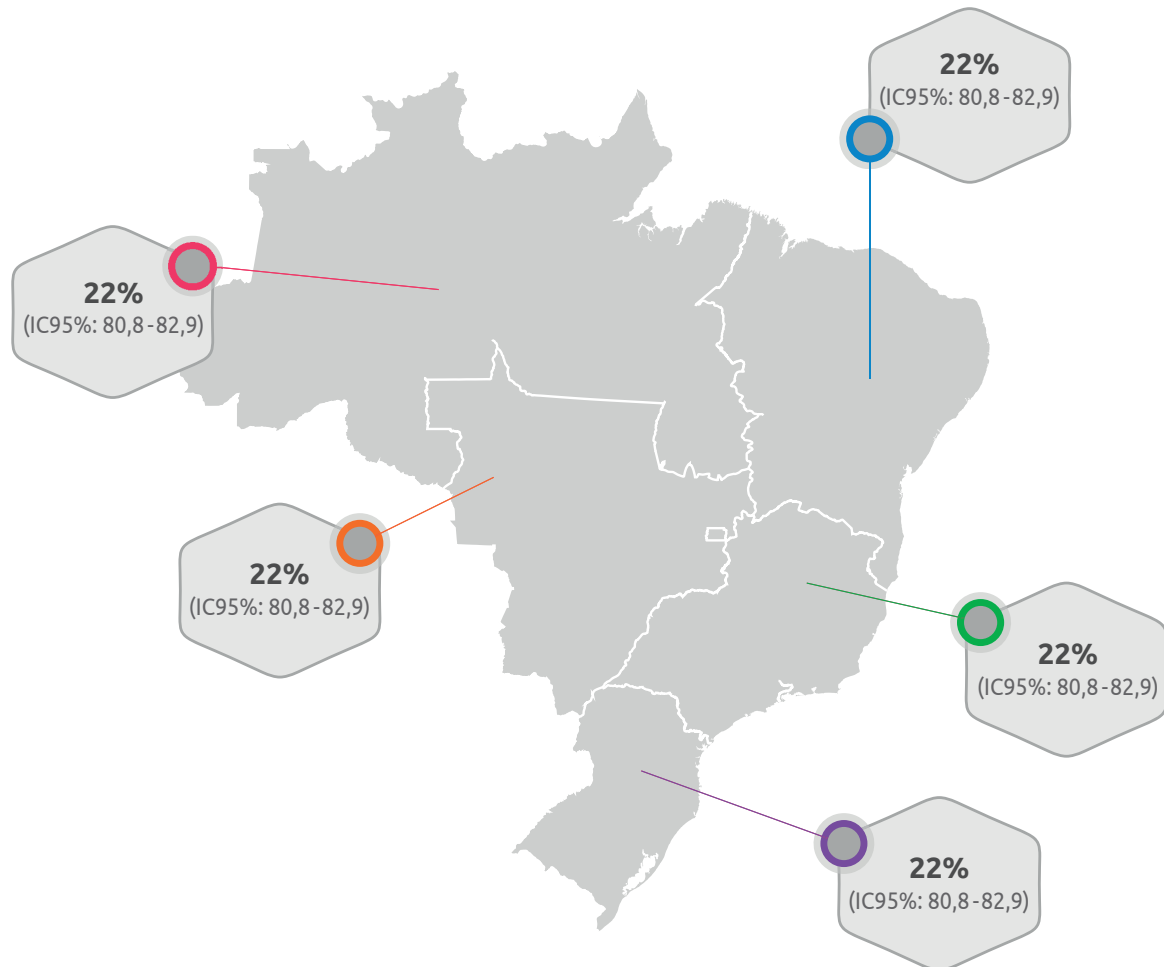


Problema crônico de coluna

TABELA 39 – Prevalência de problema crônico de coluna e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	18,7	18,1-19,2
	Feminino	23,2	22,4-24,1
Faixa etária	< 30 anos	13,9	13,2-14,7
	30-39 anos	18,3	17,5-19,1
	40-59 anos	26,6	25,8-27,5
	≥ 60 anos	37,0	33,3-40,8
Situação conjugal	Solteiro (a)	17,5	16,8-18,2
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	22,3	21,6-22,9
	Viúvo/desquitado/divorciado	26,2	23,9-28,6
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	23,4	21,6-25,2
	Ensino fundamental completo	20,5	19,0-22,2
	Ensino médio ou técnico completo	19,4	18,6-20,2
	Curso superior incompleto	18,3	17,2-19,6
	Curso superior completo	21,4	20,6-22,2
Número de filhos	Nenhum	16,7	16,0-17,3
	1 filho	21,9	21,0-22,8
	2 filhos	24,0	22,8-25,2
	3 filhos	26,1	24,1-28,3
	4 ou mais filhos	28,4	25,2-31,8
Acesso a plano de saúde	Não	18,2	17,4-19,1
	Sim	21,2	20,6-21,8
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	14,9	14,1-15,8
	Entre 1 e 2 anos	17,3	16,2-18,4
	Entre 2 e 5 anos	20,0	18,9-21,1
	Entre 5 e 10 anos	21,2	19,9-22,5
	Mais de 10 anos	28,5	27,4-29,6

FIGURA 44 – Prevalência de problema crônico de coluna e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.



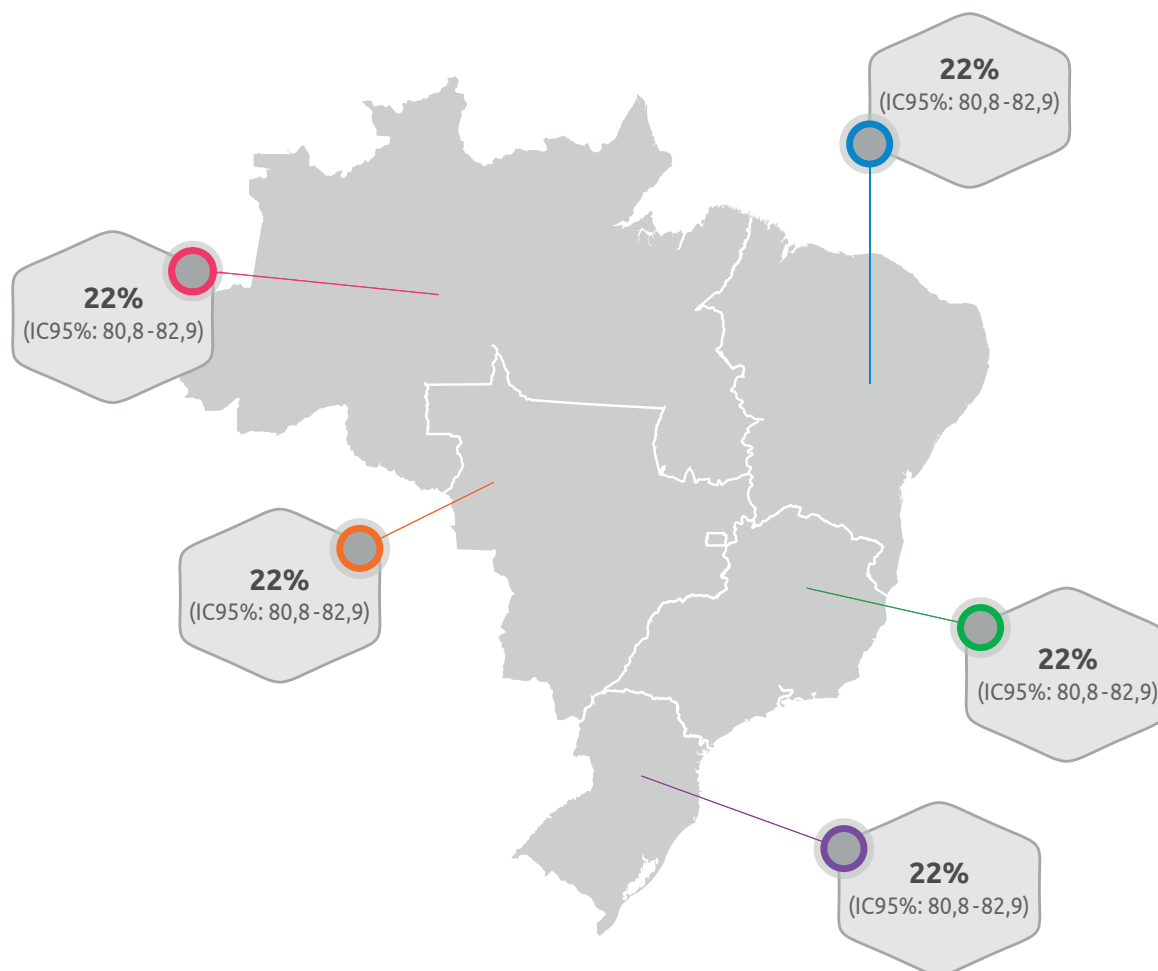
13 ANÁLISE DESCRITIVA DE INDICADORES DE PERCEPÇÃO DE SAÚDE E AUTOCUIDADO

Baixa frequência de atividades de controle de condições crônicas

TABELA 40 – Prevalência de baixa frequência de atividades de controle de condições crônicas e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	64,1	63,4-64,8
	Feminino	56,1	55,2-57,1
Faixa etária	< 30 anos	68,7	67,7-69,7
	30-39 anos	62,2	61,2-63,1
	40-59 anos	54,8	53,9-55,8
	≥ 60 anos	42,1	38,3-45,9
Situação conjugal	Solteiro (a)	63,9	63,0-64,9
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	60,2	59,5-60,9
	Viúvo/desquitado/divorciado	52,5	49,8-55,1
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	66,7	64,6-68,6
	Ensino fundamental completo	70,4	68,5-72,2
	Ensino médio ou técnico completo	67,0	66,1-67,9
	Curso superior incompleto	64,9	63,5-66,3
	Curso superior completo	50,7	49,8-51,7
Número de filhos	Nenhum	62,0	61,2-62,9
	1 filho	61,0	60,0-62,1
	2 filhos	59,0	57,7-60,3
	3 filhos	59,6	57,3-62,0
	4 ou mais filhos	64,5	60,9-67,8
Acesso a plano de saúde	Não	70,8	69,8-71,8
	Sim	57,4	56,7-58,1
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	66,5	65,4-67,5
	Entre 1 e 2 anos	65,8	64,5-67,1
	Entre 2 e 5 anos	61,4	60,1-62,7
	Entre 5 e 10 anos	58,4	56,8-59,9
	Mais de 10 anos	53,1	51,9-54,3

FIGURA 45 – Prevalência de baixa frequência de atividades de controle de condições crônicas e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

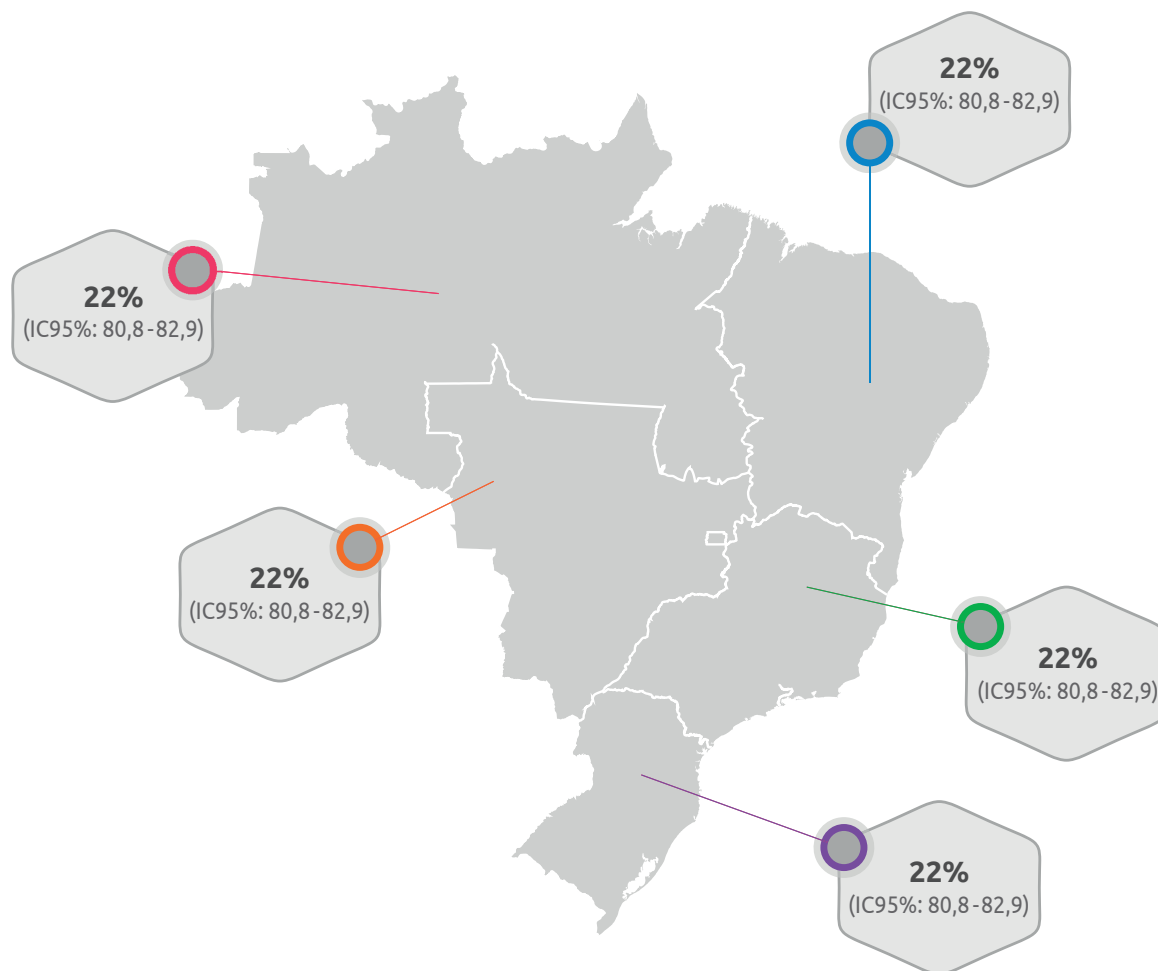


Percepção negativa de saúde

TABELA 41 – Prevalência de percepção negativa de saúde e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	29,5	
	Feminino	39,7	
Faixa etária	< 30 anos	37,3	
	30-39 anos	33,8	
	40-59 anos	29,9	
	≥ 60 anos	26,9	
Situação conjugal	Solteiro (a)	35,7	
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	31,8	
	Viúvo/desquitado/divorciado	33,7	
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	30,5	
	Ensino fundamental completo	34,1	
	Ensino médio ou técnico completo	33,2	
	Curso superior incompleto	38,3	
	Curso superior completo	31,8	
Número de filhos	Nenhum	35,0	
	1 filho	31,5	
	2 filhos	31,9	
	3 filhos	33,6	
	4 ou mais filhos	33,7	
Acesso a plano de saúde	Não	35,8	
	Sim	32,4	
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	32,4	
	Entre 1 e 2 anos	37,2	
	Entre 2 e 5 anos	35,1	
	Entre 5 e 10 anos	32,5	
	Mais de 10 anos	30,5	

FIGURA 46 – Prevalência de percepção negativa de saúde e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

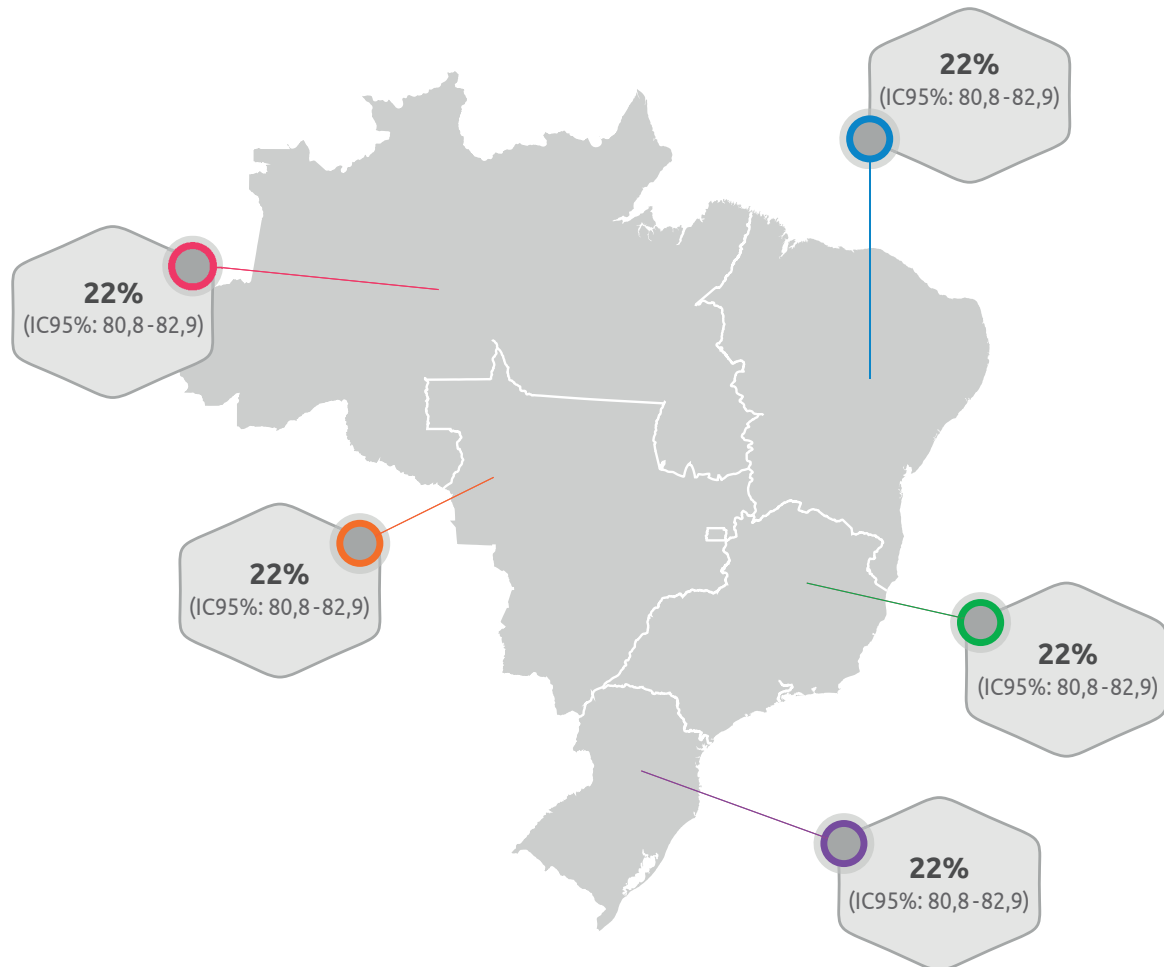


Percepção negativa de saúde bucal

TABELA 42 – Prevalência de percepção negativa de saúde bucal e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	32,8	32,1-33,5
	Feminino	27,9	27,0-28,7
Faixa etária	< 30 anos	31,0	30,1-32,0
	30-39 anos	31,4	30,5-32,4
	40-59 anos	30,4	29,5-31,3
	≥ 60 anos	30,9	27,5-34,5
Situação conjugal	Solteiro (a)	30,9	30,1-31,7
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	31,0	30,3-31,7
	Viúvo/desquitado/divorciado	30,6	28,2-33,2
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	41,7	39,7-43,8
	Ensino fundamental completo	39,7	37,8-41,6
	Ensino médio ou técnico completo	34,7	33,8-35,7
	Curso superior incompleto	31,0	29,6-32,3
	Curso superior completo	23,0	22,2-23,8
Número de filhos	Nenhum	28,7	27,9-29,5
	1 filho	31,2	30,2-32,2
	2 filhos	31,9	30,7-33,2
	3 filhos	38,6	36,3-40,9
	4 ou mais filhos	42,6	39,1-46,1
Acesso a plano de saúde	Não	39,1	38,0-40,1
	Sim	27,7	27,1-28,3
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	32,0	31,0-33,1
	Entre 1 e 2 anos	33,5	32,3-34,9
	Entre 2 e 5 anos	31,6	30,4-32,9
	Entre 5 e 10 anos	29,1	27,7-30,6
	Mais de 10 anos	28,2	27,2-29,3

FIGURA 47 – Prevalência de percepção negativa de saúde bucal e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

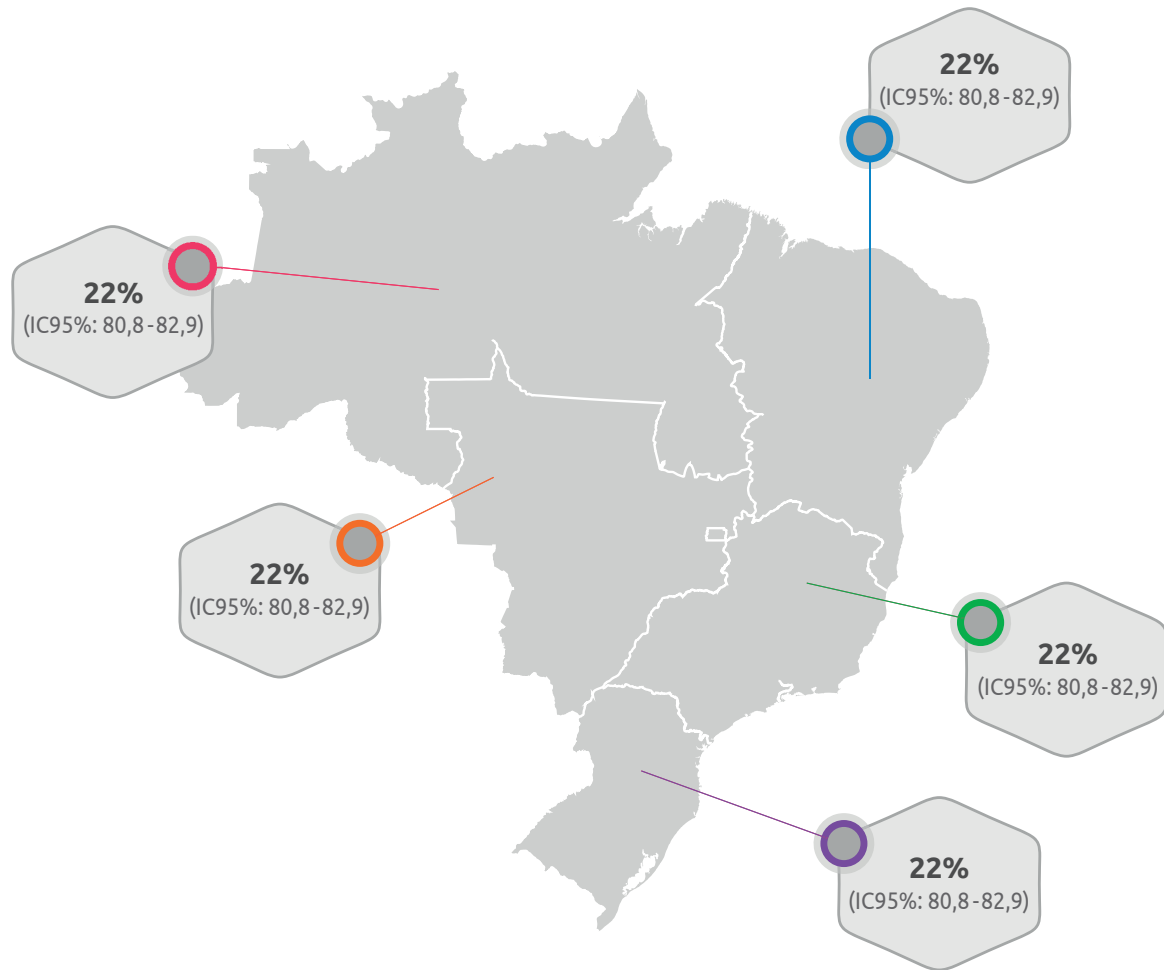


Atitude negativa em relação ao autocuidado

TABELA 43 – Prevalência de atitude negativa em relação ao autocuidado e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	29,8	29,2-30,5
	Feminino	24,3	23,5-25,2
Faixa etária	< 30 anos	31,1	30,1-32,1
	30-39 anos	27,9	27,0-28,8
	40-59 anos	25,5	24,6-26,3
	≥ 60 anos	18,8	16,0-22,0
Situação conjugal	Solteiro (a)	29,5	28,6-30,4
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	27,2	26,6-27,9
	Viúvo/desquitado/divorciado	22,6	20,5-25,0
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	40,9	38,8-43,0
	Ensino fundamental completo	39,2	37,3-41,2
	Ensino médio ou técnico completo	31,9	31,0-32,8
	Curso superior incompleto	28,5	27,1-29,8
	Curso superior completo	18,3	17,6-19,1
Número de filhos	Nenhum	26,8	26,1-27,6
	1 filho	28,4	27,5-29,4
	2 filhos	26,8	25,6-28,0
	3 filhos	31,3	29,2-33,6
	4 ou mais filhos	36,6	33,2-40,1
Acesso a plano de saúde	Não	37,9	36,8-38,9
	Sim	23,9	23,3-24,5
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	30,0	29,0-31,1
	Entre 1 e 2 anos	30,9	29,6-32,2
	Entre 2 e 5 anos	27,8	26,6-29,0
	Entre 5 e 10 anos	27,0	25,6-28,4
	Mais de 10 anos	23,5	22,5-24,5

FIGURA 48 – Prevalência de atitude negativa em relação ao autocuidado e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.



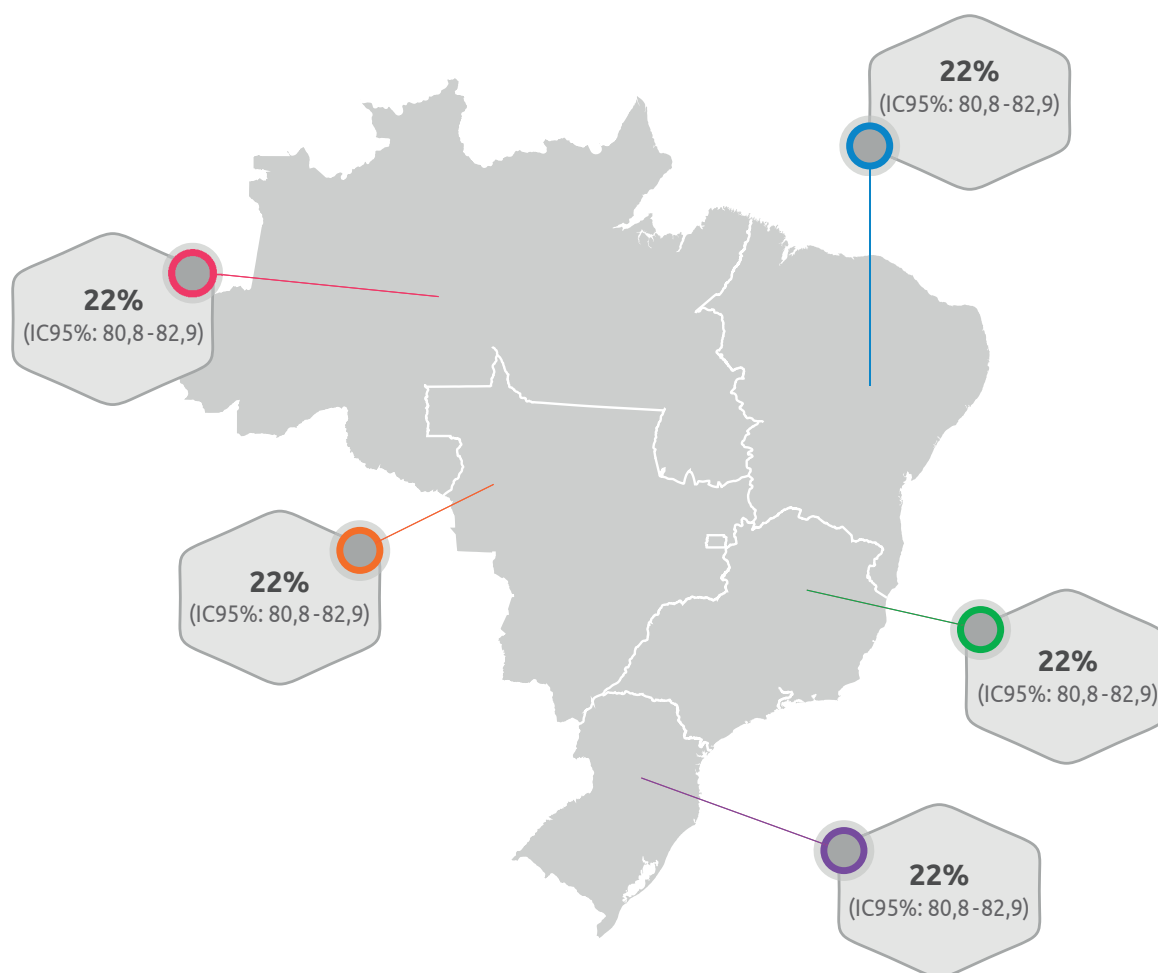
14 ANÁLISE DESCRITIVA DE FATORES DE REDUÇÃO DA PRODUTIVIDADE

Faltas por motivos de saúde

TABELA 44 – Prevalência de 3+ dias de faltas ao trabalho por motivo de saúde nos últimos 30 dias e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	5,0	4,7-5,3
	Feminino	7,5	7,0-8,0
Faixa etária	< 30 anos	6,4	5,9-6,9
	30-39 anos	5,5	5,0-6,0
	40-59 anos	5,8	5,4-6,3
	≥ 60 anos	6,7	5,1-8,9
Situação conjugal	Solteiro (a)	6,4	5,9-6,8
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	5,6	5,3-6,0
	Viúvo/desquitado/divorciado	8,1	6,8-9,7
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	8,0	6,9-9,2
	Ensino fundamental completo	7,3	6,3-8,3
	Ensino médio ou técnico completo	6,0	5,6-6,5
	Curso superior incompleto	5,9	5,3-6,7
	Curso superior completo	5,0	4,6-5,5
Número de filhos	Nenhum	5,3	4,9-5,7
	1 filho	6,2	5,7-6,7
	2 filhos	6,2	5,6-6,9
	3 filhos	6,9	5,8-8,1
	4 ou mais filhos	8,9	7,0-11,1
Acesso a plano de saúde	Não	5,9	5,4-6,4
	Sim	5,9	5,6-6,2
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	5,0	4,5-5,5
	Entre 1 e 2 anos	7,5	6,8-8,2
	Entre 2 e 5 anos	6,4	5,8-7,1
	Entre 5 e 10 anos	5,2	4,5-5,9
	Mais de 10 anos	5,8	5,3-6,4

FIGURA 49 – Prevalência de 3+ dias de faltas ao trabalho por motivo de saúde nos últimos 30 dias e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

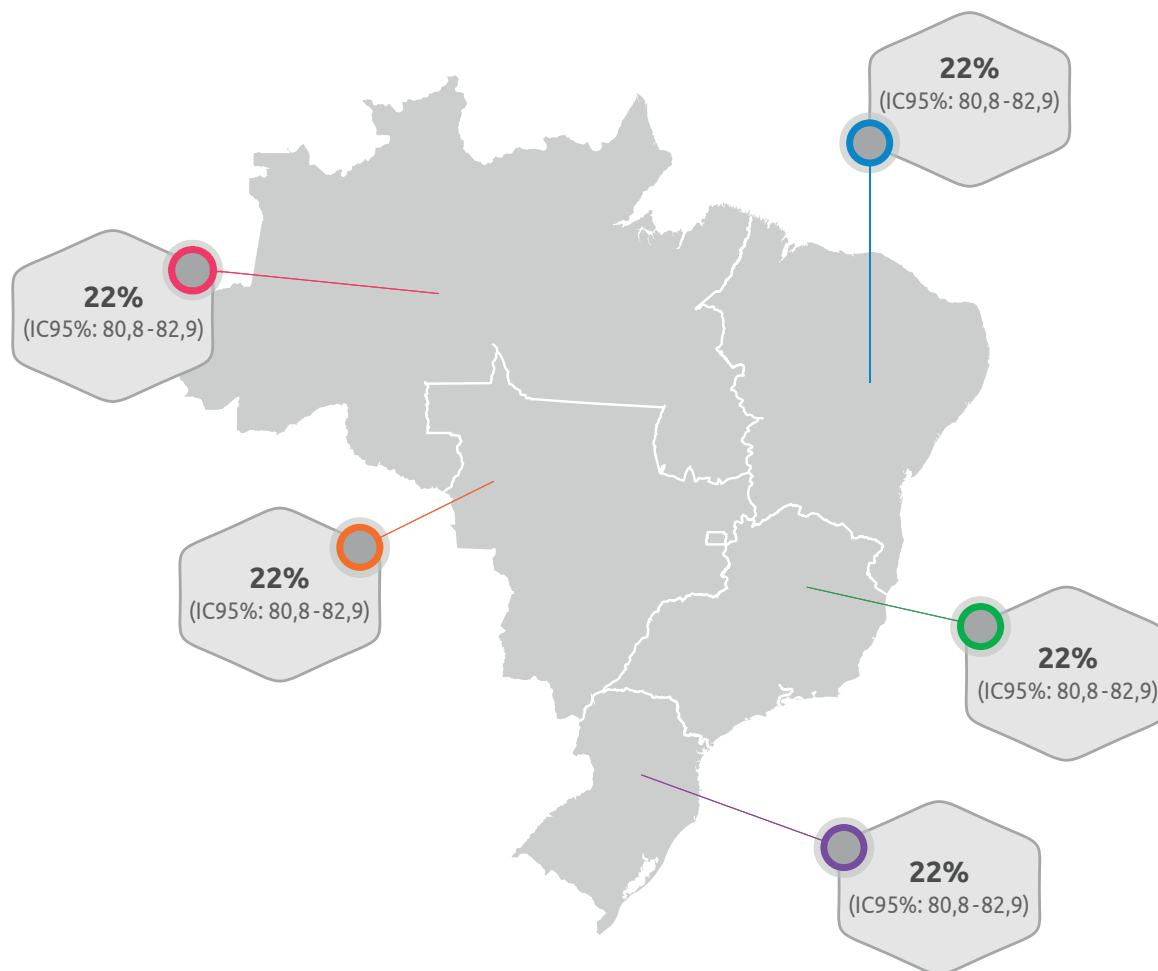


Falta de vontade de vir ao trabalho

TABELA 45 – Prevalência de 3+ dias de falta de vontade de vir ao trabalho nos últimos 30 dias e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	12,0	11,5-12,4
	Feminino	18,7	18,0-19,5
Faixa etária	< 30 anos	20,7	19,9-21,5
	30-39 anos	14,6	13,9-15,3
	40-59 anos	9,5	9,0-10,1
	≥ 60 anos	4,9	3,5-6,9
Situação conjugal	Solteiro (a)	17,3	16,6-18,0
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	12,6	12,2-13,1
	Viúvo/desquitado/divorciado	13,7	12,0-15,7
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	7,5	6,4-8,6
	Ensino fundamental completo	11,2	10,1-12,5
	Ensino médio ou técnico completo	13,7	13,1-14,4
	Curso superior incompleto	18,6	17,5-19,7
	Curso superior completo	15,7	15,0-16,4
Número de filhos	Nenhum	18,6	17,9-19,3
	1 filho	11,5	10,8-12,2
	2 filhos	10,9	10,1-11,8
	3 filhos	10,3	9,0-11,9
	4 ou mais filhos	9,8	7,9-12,1
Acesso a plano de saúde	Não	14,3	13,5-15,0
	Sim	14,6	14,1-15,1
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	11,4	10,7-12,1
	Entre 1 e 2 anos	17,6	16,6-18,7
	Entre 2 e 5 anos	18,0	17,0-19,1
	Entre 5 e 10 anos	15,2	14,1-16,4
	Mais de 10 anos	12,4	11,6-13,2

FIGURA 50 – Prevalência de 3+ dias de falta de vontade de vir ao trabalho nos últimos 30 dias e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

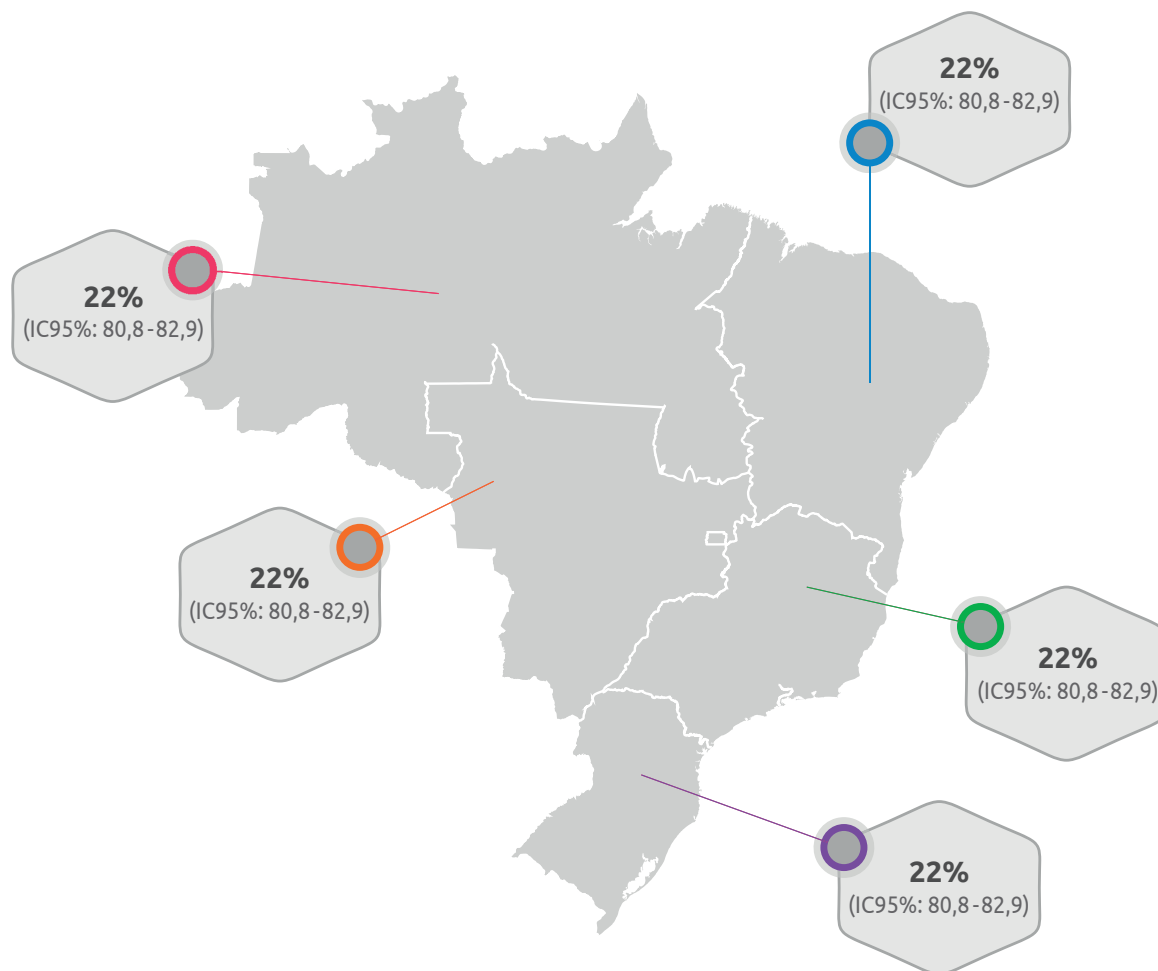


Falta de disposição (ânimo ou energia)

TABELA 46 – Prevalência de 3+ dias de falta de disposição (ânimo ou energia) nos últimos 30 dias e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	12,7	12,2-13,1
	Feminino	21,5	20,8-22,3
Faixa etária	< 30 anos	22,9	22,0-23,8
	30-39 anos	16,0	15,3-16,7
	40-59 anos	10,6	10,0-11,2
	≥ 60 anos	3,9	2,7-5,6
Situação conjugal	Solteiro (a)	19,3	18,6-20,0
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	13,8	13,3-14,3
	Viúvo/desquitado/divorciado	16,1	14,2-18,2
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	6,7	5,7-7,8
	Ensino fundamental completo	12,9	11,6-14,2
	Ensino médio ou técnico completo	13,8	13,2-14,5
	Curso superior incompleto	21,4	20,3-22,7
	Curso superior completo	18,3	17,6-19,1
Número de filhos	Nenhum	20,8	20,1-21,5
	1 filho	12,8	12,1-13,5
	2 filhos	11,3	10,5-12,2
	3 filhos	10,6	9,3-12,2
	4 ou mais filhos	10,6	8,6-12,9
Acesso a plano de saúde	Não	14,6	13,8-15,3
	Sim	16,5	16,0-17,0
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	13,5	12,8-14,3
	Entre 1 e 2 anos	19,7	18,6-20,8
	Entre 2 e 5 anos	19,0	18,0-20,1
	Entre 5 e 10 anos	16,1	15,0-17,3
	Mais de 10 anos	13,5	12,7-14,3

FIGURA 51 – Prevalência de 3+ dias de falta de disposição (ânimo ou energia) nos últimos 30 dias e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

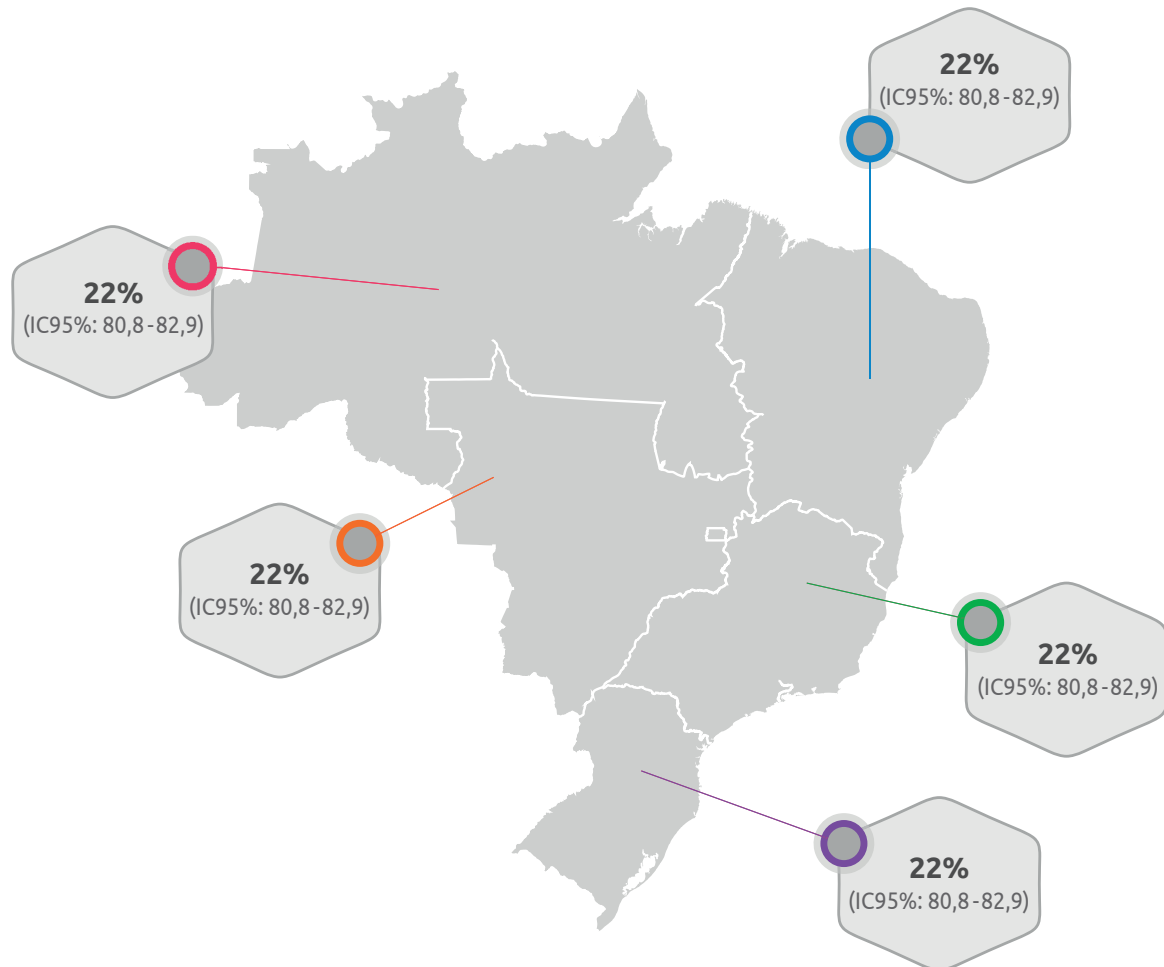


Dificuldade para se concentrar

TABELA 47 – Prevalência de 3+ dias de dificuldade para se concentrar no trabalho nos últimos 30 dias e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	10,0	9,5-10,4
	Feminino	17,3	16,6-18,1
Faixa etária	< 30 anos	16,6	15,9-17,4
	30-39 anos	13,5	12,8-14,2
	40-59 anos	9,2	8,7-9,8
	≥ 60 anos	3,0	1,9-4,6
Situação conjugal	Solteiro (a)	14,8	14,2-15,4
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	11,3	10,9-11,8
	Viúvo/desquitado/divorciado	13,0	11,3-14,9
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	4,9	4,1-5,9
	Ensino fundamental completo	8,1	7,1-9,2
	Ensino médio ou técnico completo	8,7	8,1-9,3
	Curso superior incompleto	16,6	15,5-17,7
	Curso superior completo	17,6	16,8-18,3
Número de filhos	Nenhum	16,2	15,6-16,8
	1 filho	10,8	10,1-11,5
	2 filhos	9,3	8,6-10,1
	3 filhos	7,7	6,6-9,1
	4 ou mais filhos	8,6	6,8-10,8
Acesso a plano de saúde	Não	10,1	9,5-10,8
	Sim	13,7	13,3-14,2
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	10,6	9,9-11,3
	Entre 1 e 2 anos	15,1	14,1-16,1
	Entre 2 e 5 anos	15,1	14,2-16,1
	Entre 5 e 10 anos	12,6	11,6-13,7
	Mais de 10 anos	11,6	10,8-12,4

FIGURA 52 – Prevalência de 3+ dias de dificuldade para se concentrar no trabalho nos últimos 30 dias e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

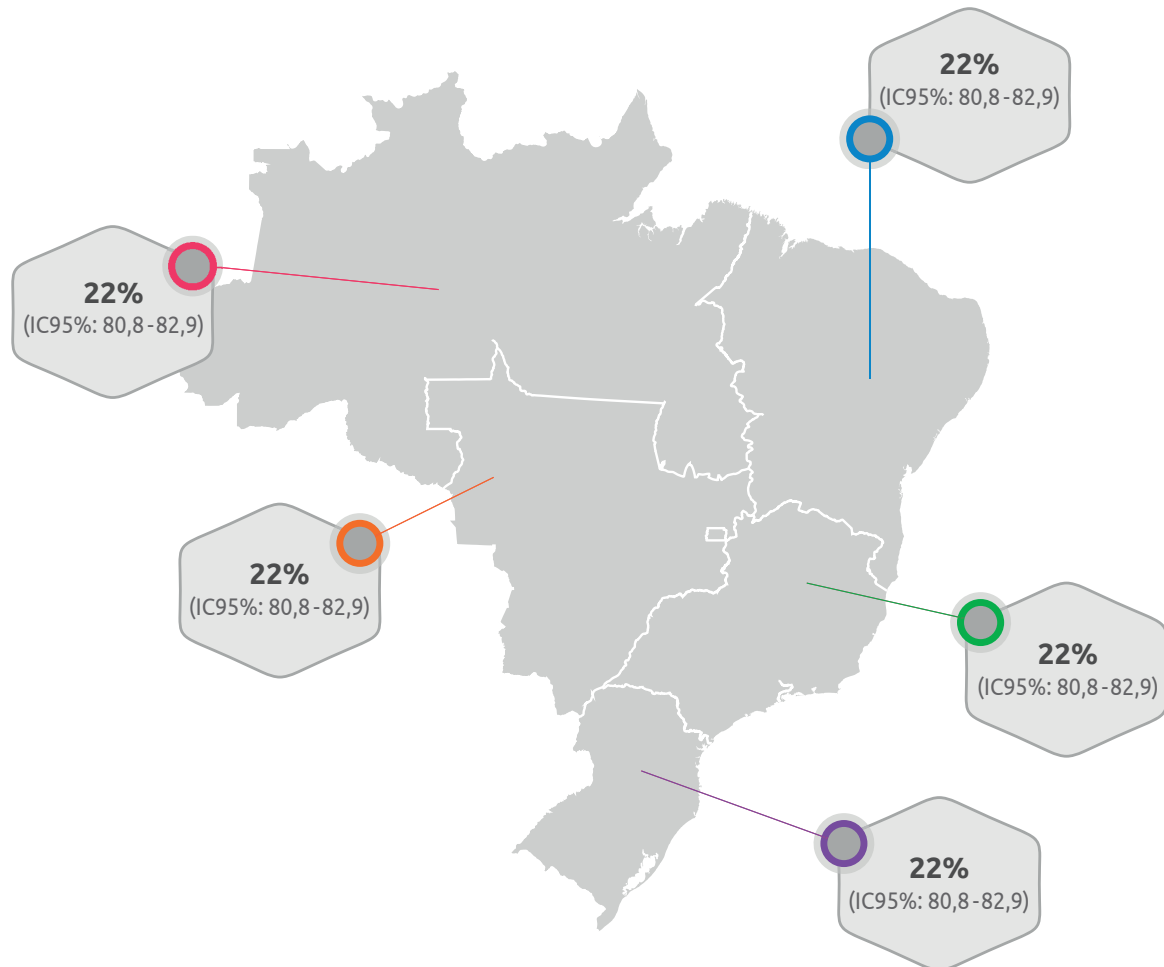


Dores/desconforto na realização de tarefas

TABELA 48 – Prevalência de 3+ dias de dores/desconforto na realização de tarefas nos últimos 30 dias e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	12,0	11,5-12,4
	Feminino	15,4	14,7-16,1
Faixa etária	< 30 anos	14,5	13,8-15,3
	30-39 anos	12,3	11,6-12,9
	40-59 anos	13,1	12,5-13,8
	≥ 60 anos	11,2	9,0-13,8
Situação conjugal	Solteiro (a)	13,6	13,0-14,2
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	13,0	12,5-13,5
	Viúvo/desquitado/divorciado	14,3	12,5-16,3
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	14,2	12,8-15,7
	Ensino fundamental completo	15,8	14,5-17,3
	Ensino médio ou técnico completo	15,1	14,4-15,8
	Curso superior incompleto	13,4	12,4-14,4
	Curso superior completo	10,6	10,0-11,2
Número de filhos	Nenhum	13,7	13,1-14,2
	1 filho	11,9	11,2-12,6
	2 filhos	13,4	12,5-14,3
	3 filhos	14,4	12,8-16,1
	4 ou mais filhos	16,8	14,3-19,6
Acesso a plano de saúde	Não	15,1	14,3-15,9
	Sim	12,5	12,1-12,9
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	11,0	10,3-11,7
	Entre 1 e 2 anos	14,1	13,1-15,1
	Entre 2 e 5 anos	15,1	14,2-16,0
	Entre 5 e 10 anos	13,4	12,3-14,5
	Mais de 10 anos	13,6	12,8-14,4

FIGURA 53 – Prevalência de 3+ dias de dores/desconforto na realização de tarefas nos últimos 30 dias e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.



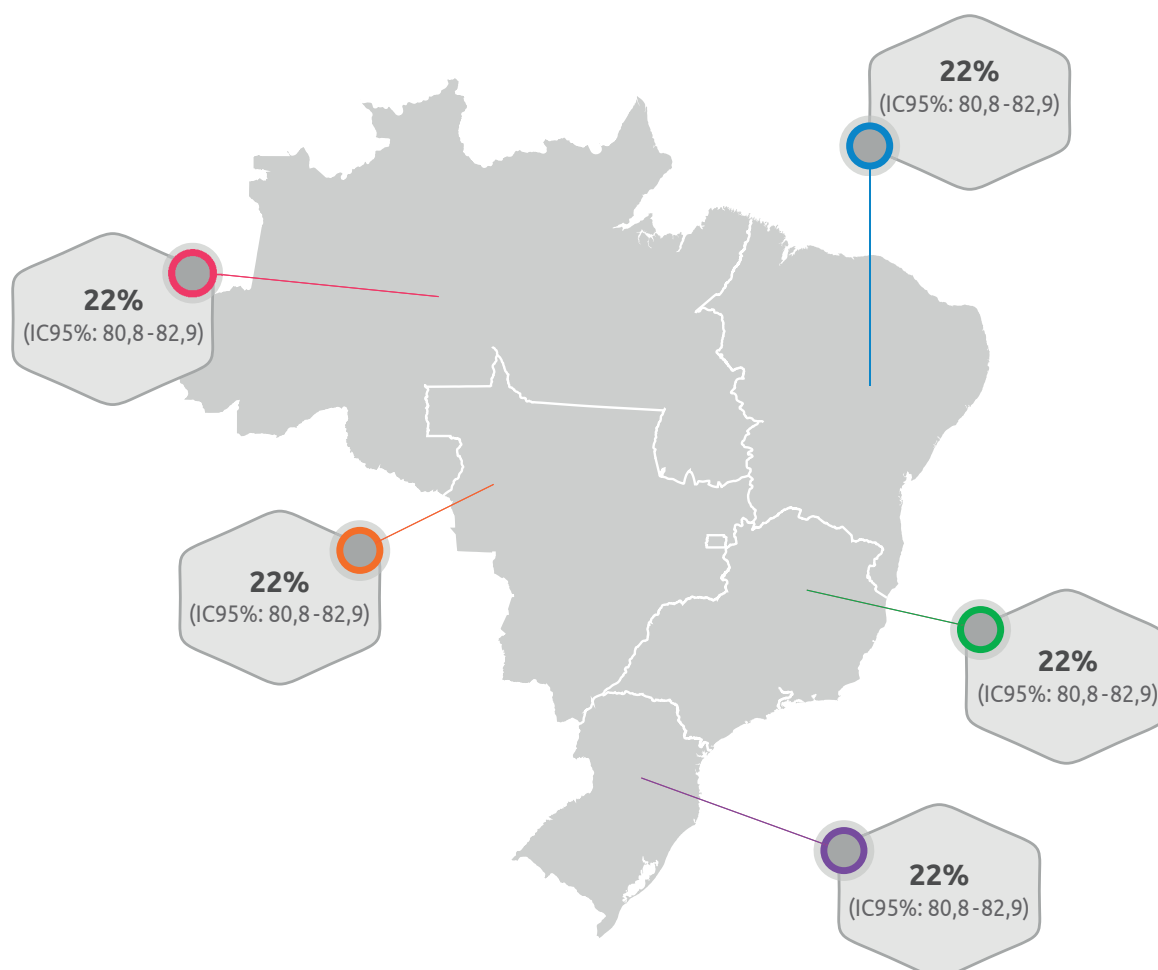
15 ANÁLISE DESCRITIVA DE INDICADORES DE CULTURA DE SEGURANÇA

Segurança e prevenção de acidentes são importantes para a empresa

TABELA 49 – Prevalência do indicador “segurança e prevenção de acidentes são importantes para a empresa” e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	91,8	91,3-92,3
	Feminino	93,2	92,6-93,8
Faixa etária	< 30 anos	92,6	91,8-93,2
	30-39 anos	92,0	91,3-92,6
	40-59 anos	92,3	91,7-92,9
	≥ 60 anos	92,0	89,2-94,1
Situação conjugal	Solteiro (a)	91,5	90,9-92,2
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	92,7	92,3-93,2
	Viúvo/desquitado/divorciado	-	-
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	88,4	86,7-89,9
	Ensino fundamental completo	89,6	88,1-91,0
	Ensino médio ou técnico completo	91,8	91,1-92,4
	Curso superior incompleto	93,1	92,1-93,9
	Curso superior completo	94,0	93,4-94,6
Número de filhos	Nenhum	92,4	91,9-93,0
	1 filho	92,3	91,6-93,0
	2 filhos	92,0	91,1-92,8
	3 filhos	92,3	90,7-93,6
	4 ou mais filhos	91,5	88,9-93,5
Acesso a plano de saúde	Não	88,3	87,4-89,1
	Sim	93,8	93,3-94,1
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	93,1	92,3-93,7
	Entre 1 e 2 anos	90,6	89,6-91,6
	Entre 2 e 5 anos	92,1	91,2-93,0
	Entre 5 e 10 anos	92,9	91,8-93,8
	Mais de 10 anos	92,3	91,5-93,0

FIGURA 54 – Prevalência do indicador “segurança e prevenção de acidentes são importantes para a empresa” e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

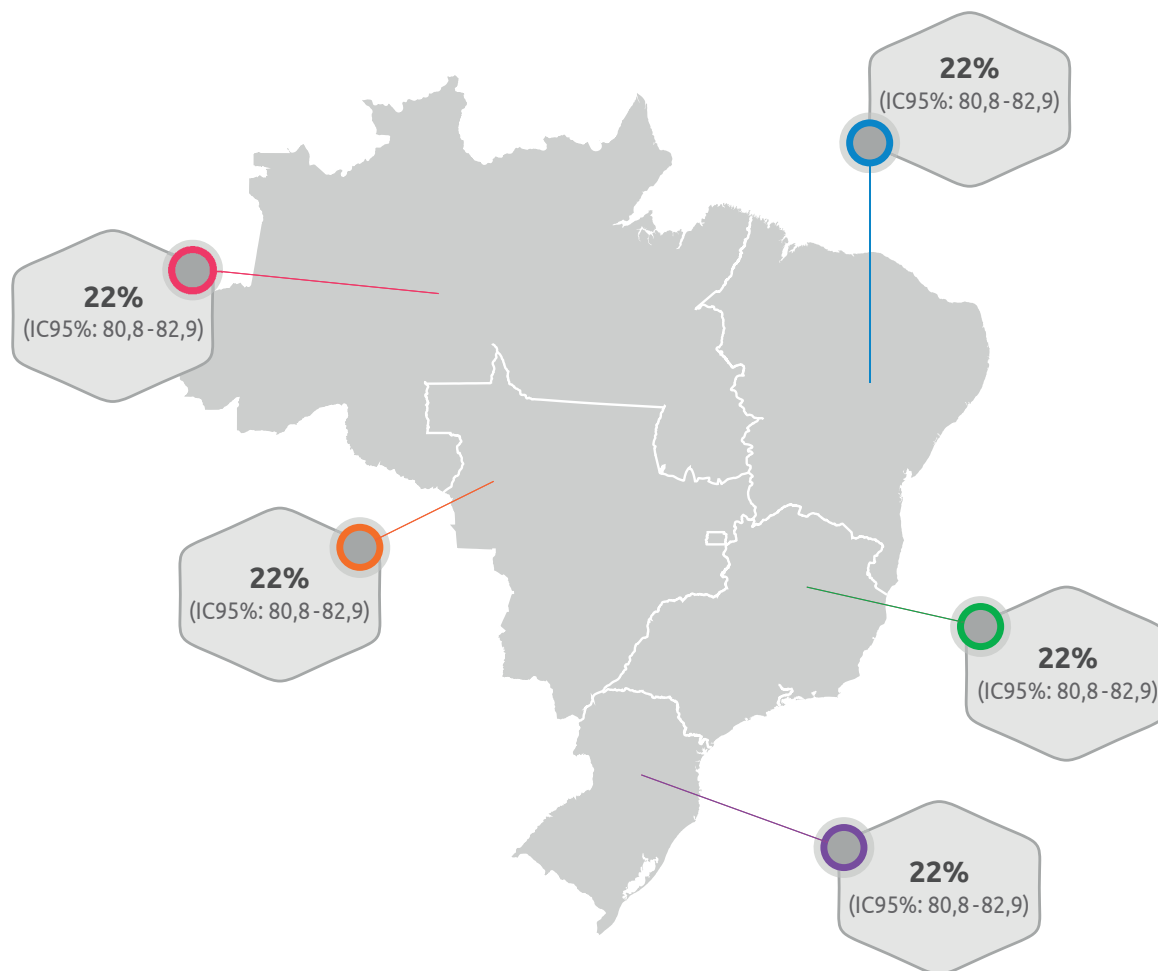


Ambiente de trabalho seguro

TABELA 50 – Prevalência do indicador “ambiente de trabalho seguro” e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	88,3	87,7-88,9
	Feminino	89,8	89,0-90,5
Faixa etária	< 30 anos	88,4	87,5-89,2
	30-39 anos	88,4	87,6-89,2
	40-59 anos	89,3	88,5-90,0
	≥ 60 anos	91,4	88,5-93,6
Situação conjugal	Solteiro (a)	87,9	87,2-88,7
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	89,4	88,8-89,9
	Viúvo/desquitado/divorciado		
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	87,0	85,3-88,6
	Ensino fundamental completo	88,2	86,6-89,6
	Ensino médio ou técnico completo	87,9	87,1-88,7
	Curso superior incompleto	89,1	87,9-90,2
	Curso superior completo	90,1	89,4-90,8
Número de filhos	Nenhum	88,4	87,6-89,0
	1 filho	89,4	88,5-90,2
	2 filhos	89,0	87,9-89,9
	3 filhos	88,9	87,1-90,5
	4 ou mais filhos	89,0	86,2-91,3
Acesso a plano de saúde	Não	85,6	84,6-86,6
	Sim	90,0	89,5-90,5
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	89,8	88,9-90,6
	Entre 1 e 2 anos	87,7	86,5-88,8
	Entre 2 e 5 anos	88,1	87,0-89,1
	Entre 5 e 10 anos	90,1	88,8-91,1
	Mais de 10 anos	88,5	87,5-89,3

FIGURA 55 – Prevalência do indicador “ambiente de trabalho seguro” e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

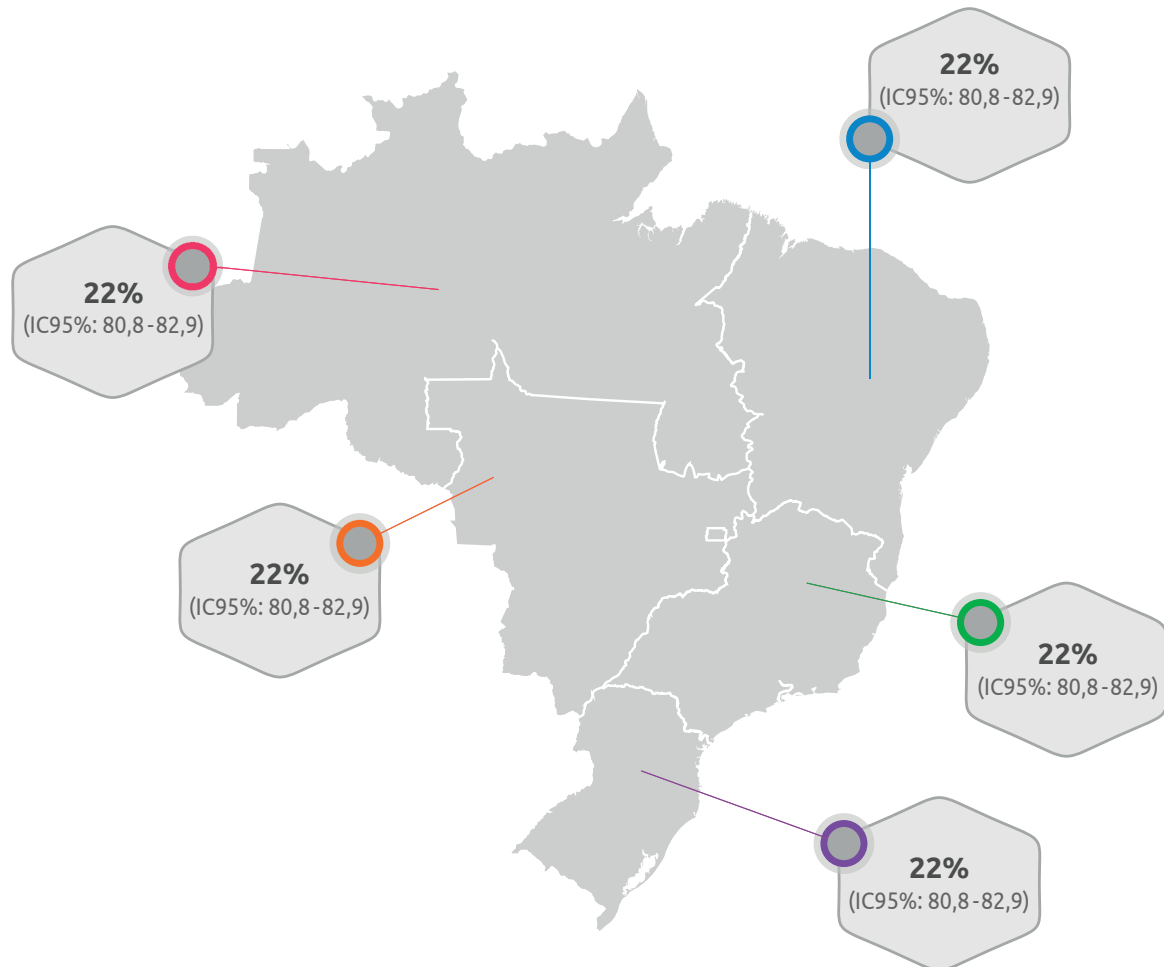


Liderança obedece e encoraja obediência às normas de segurança

TABELA 51 – Prevalência do indicador “liderança obedece e encoraja obediência às normas de segurança” e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	91,4	90,9-91,9
	Feminino	92,6	91,9-93,2
Faixa etária	< 30 anos	92,1	91,3-92,8
	30-39 anos	91,8	91,1-92,5
	40-59 anos	91,7	91,1-92,3
	≥ 60 anos	91,0	88,0-93,2
Situação conjugal	Solteiro (a)	91,1	90,5-91,8
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	92,3	91,8-92,7
	Viúvo/desquitado/divorciado	-	-
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	89,2	87,6-90,6
	Ensino fundamental completo	90,0	88,5-91,3
	Ensino médio ou técnico completo	90,9	90,1-91,5
	Curso superior incompleto	93,1	92,2-94,0
	Curso superior completo	93,3	92,7-93,9
Número de filhos	Nenhum	92,0	91,4-92,5
	1 filho	92,3	91,5-93,0
	2 filhos	91,5	90,6-92,4
	3 filhos	90,2	88,5-91,8
	4 ou mais filhos	91,5	88,9-93,5
Acesso a plano de saúde	Não	89,1	88,2-89,9
	Sim	92,9	92,4-93,3
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	93,5	92,8-94,1
	Entre 1 e 2 anos	91,1	90,1-92,0
	Entre 2 e 5 anos	90,9	89,9-91,8
	Entre 5 e 10 anos	91,9	90,8-92,9
	Mais de 10 anos	91,2	90,4-92,0

FIGURA 56 – Prevalência do indicador “liderança obedece e encoraja obediência às normas de segurança” e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

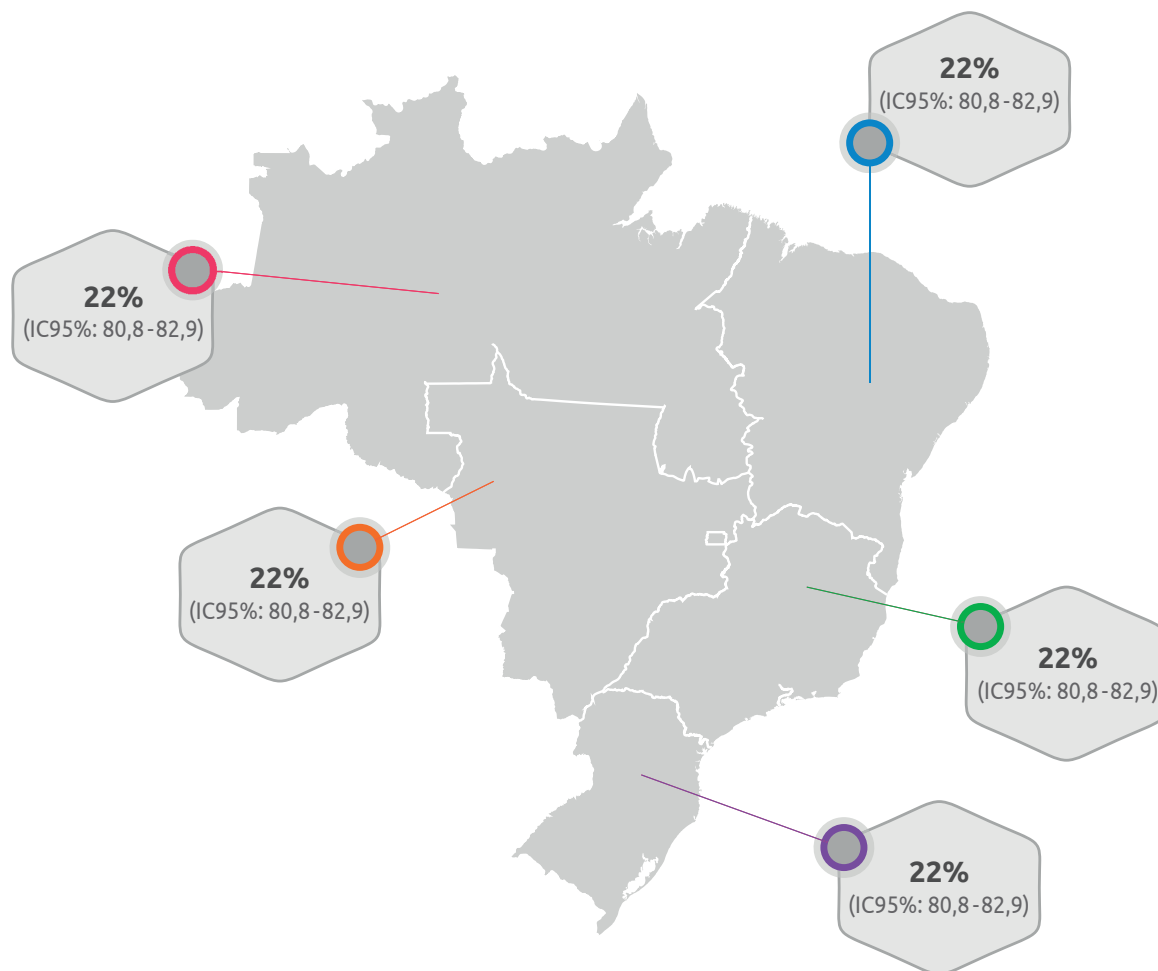


Empresa prioriza e realiza esforços suficientes para prevenção de acidentes

TABELA 52 – Prevalência do indicador “empresa prioriza e realiza esforços suficientes para prevenção de acidentes” e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	88,4	87,8-88,9
	Feminino	85,7	84,8-86,5
Faixa etária	< 30 anos	88,3	87,4-89,1
	30-39 anos	87,1	86,2-87,9
	40-59 anos	87,2	86,4-87,9
	≥ 60 anos	86,1	82,7-89,0
Situação conjugal	Solteiro (a)	87,3	86,5-88,0
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	87,6	87,0-88,1
	Viúvo/desquitado/divorciado	-	-
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	89,7	88,1-91,1
	Ensino fundamental completo	89,9	88,4-91,2
	Ensino médio ou técnico completo	88,8	88,0-89,6
	Curso superior incompleto	87,8	86,6-89,0
	Curso superior completo	84,8	83,9-85,6
Número de filhos	Nenhum	87,4	86,6-88,1
	1 filho	88,3	87,4-89,1
	2 filhos	86,8	85,6-87,8
	3 filhos	86,1	84,1-87,9
	4 ou mais filhos	87,6	84,7-90,1
Acesso a plano de saúde	Não	85,0	84,0-85,9
	Sim	88,4	87,8-88,9
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	90,5	89,6-91,2
	Entre 1 e 2 anos	86,4	85,2-87,6
	Entre 2 e 5 anos	85,8	84,7-86,9
	Entre 5 e 10 anos	87,5	86,1-88,7
	Mais de 10 anos	86,2	85,2-87,1

FIGURA 57 – Prevalência do indicador “empresa prioriza e realiza esforços suficientes para prevenção de acidentes” e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

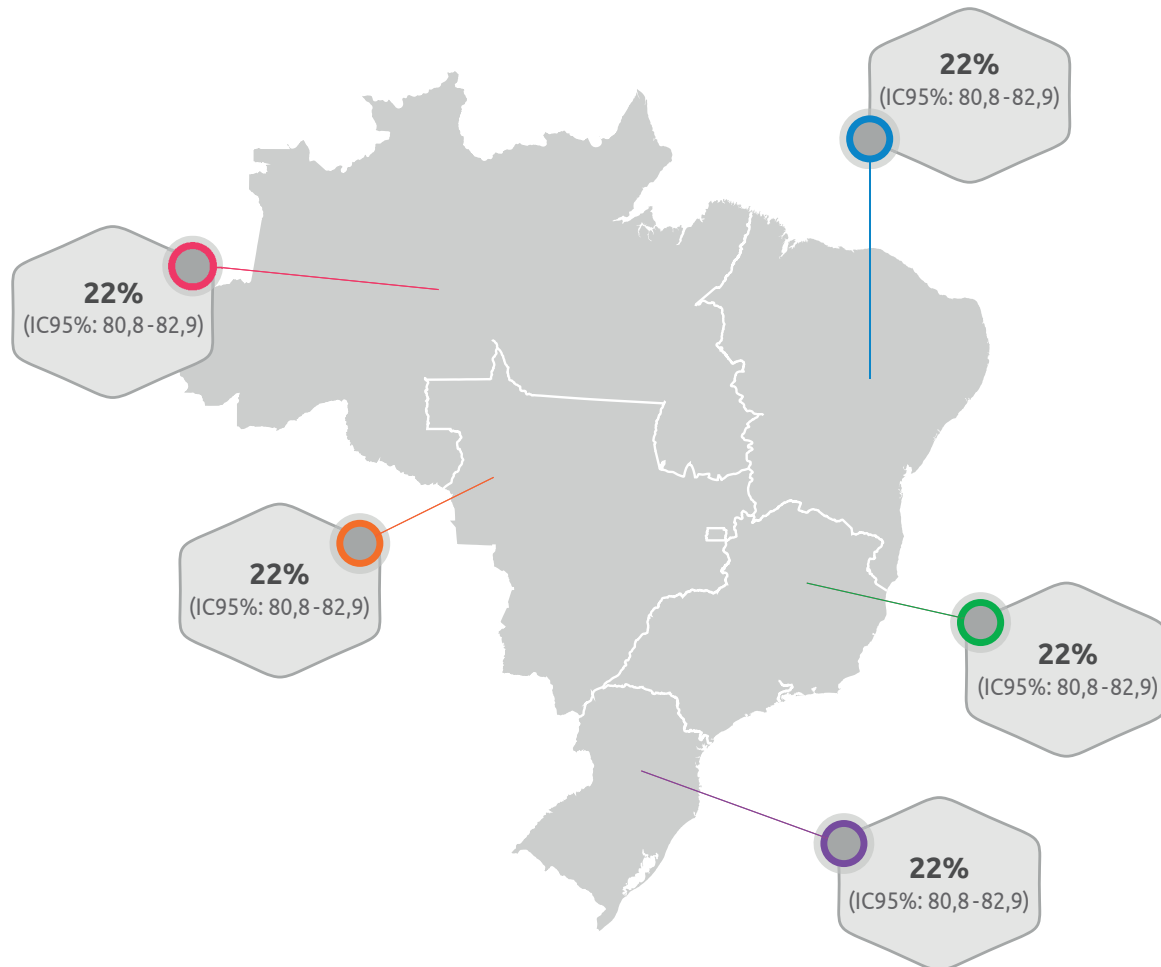


Trabalhadores recebem treinamento para emergências e prevenção de acidentes

TABELA 53 – Prevalência do indicador “trabalhadores recebem treinamento para emergências e prevenção de acidentes” e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	88,6	88,1-89,2
	Feminino	86,1	85,2-86,9
Faixa etária	< 30 anos	87,6	86,7-88,5
	30-39 anos	87,9	87,0-88,6
	40-59 anos	87,9	87,1-88,7
	≥ 60 anos	84,7	81,1-87,6
Situação conjugal	Solteiro (a)	86,5	85,7-87,3
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	88,5	87,9-89,0
	Viúvo/desquitado/divorciado	-	-
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	87,1	85,4-88,7
	Ensino fundamental completo	88,1	86,5-89,5
	Ensino médio ou técnico completo	89,9	89,1-90,6
	Curso superior incompleto	88,0	86,8-89,2
	Curso superior completo	85,6	84,8-86,5
Número de filhos	Nenhum	87,1	86,4-87,8
	1 filho	89,0	88,1-89,8
	2 filhos	87,7	86,6-88,7
	3 filhos	87,0	85,0-88,8
	4 ou mais filhos	86,2	83,1-88,8
Acesso a plano de saúde	Não	83,6	82,6-84,6
	Sim	89,3	88,7-89,8
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	87,9	87,0-88,8
	Entre 1 e 2 anos	85,4	84,1-86,6
	Entre 2 e 5 anos	87,8	86,7-88,8
	Entre 5 e 10 anos	89,6	88,3-90,7
	Mais de 10 anos	88,1	87,1-89,0

FIGURA 58 – Prevalência do indicador “trabalhadores recebem treinamento para emergências e prevenção de acidentes” e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.

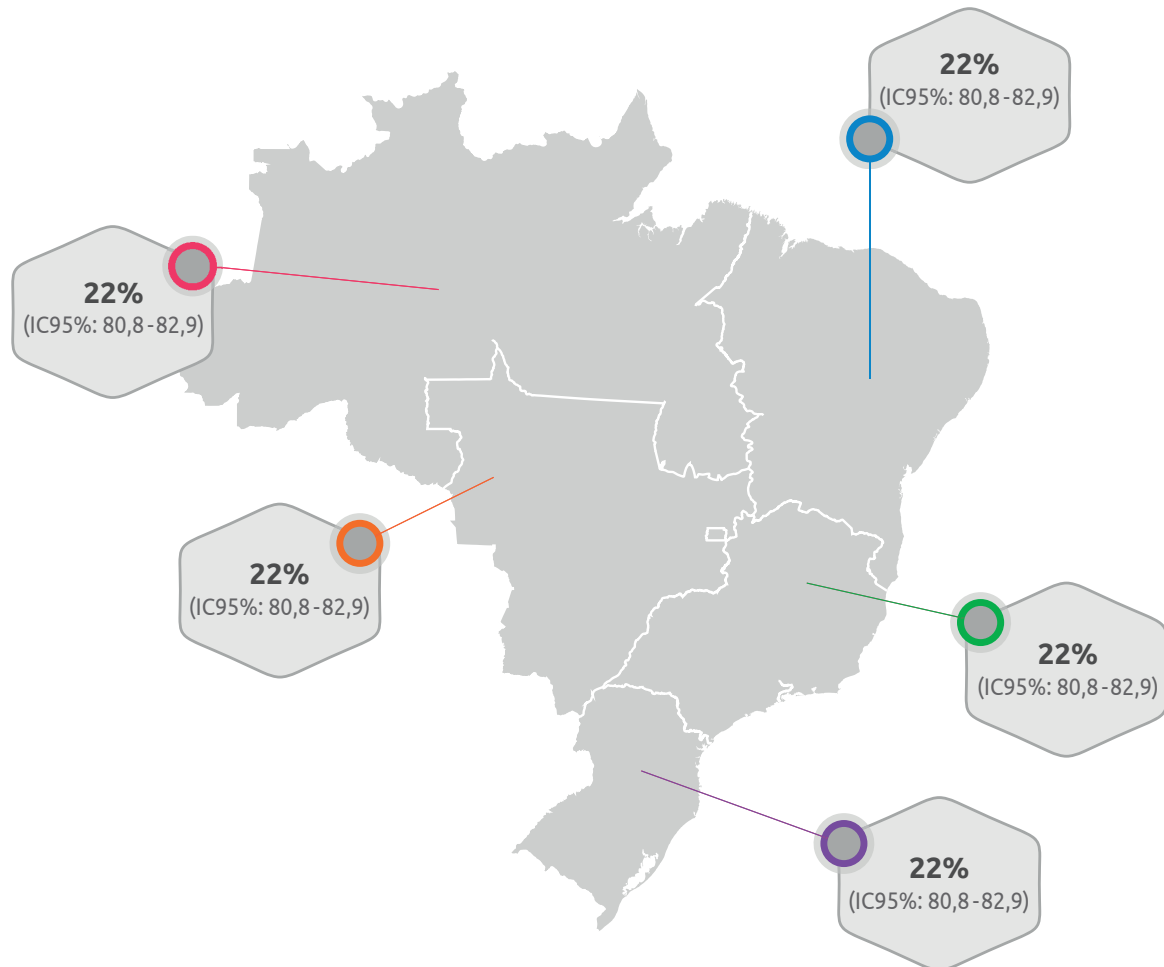


Comunicação suficiente e adequada sobre prevenção de acidentes

TABELA 54 – Prevalência do indicador “comunicação suficiente e adequada sobre prevenção de acidentes” e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial. Brasil, 2024.

Variáveis	Categorias	Prevalência %	IC95%
Sexo	Masculino	85,4	84,7-86,0
	Feminino	82,9	81,9-83,8
Faixa etária	< 30 anos	84,8	83,8-85,7
	30-39 anos	84,6	83,7-85,5
	40-59 anos	84,3	83,5-85,2
	≥ 60 anos	81,5	77,8-84,8
Situação conjugal	Solteiro (a)	83,8	82,9-84,6
	Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)	84,9	84,3-85,6
	Viúvo/desquitado/divorciado	-	-
Escolaridade	Ensino fundamental incompleto	84,1	82,2-85,8
	Ensino fundamental completo	85,2	83,5-86,8
	Ensino médio ou técnico completo	86,2	85,3-87,0
	Curso superior incompleto	85,0	83,7-86,3
	Curso superior completo	82,6	81,6-83,5
Número de filhos	Nenhum	84,4	83,6-85,2
	1 filho	85,1	84,1-86,0
	2 filhos	83,7	82,5-84,9
	3 filhos	84,2	82,1-86,1
	4 ou mais filhos	85,3	82,2-88,0
Acesso a plano de saúde	Não	80,1	79,0-81,1
	Sim	86,1	85,5-86,7
Tempo de trabalho na empresa	Há menos de 1 ano	86,4	85,5-87,3
	Entre 1 e 2 anos	82,9	81,6-84,2
	Entre 2 e 5 anos	83,8	82,5-84,9
	Entre 5 e 10 anos	86,5	85,1-87,7
	Mais de 10 anos	82,9	81,8-84,0

FIGURA 59 – Prevalência do indicador “comunicação suficiente e adequada sobre prevenção de acidentes” e respectivo intervalo de confiança (IC95%) em trabalhadores do setor industrial, por região geográfica. Brasil, 2024.



16 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório detalhou os resultados da Avaliação de Saúde e Segurança de Trabalhadores da Indústria (ASSTI) de 2024, oferecendo um panorama abrangente sobre as condições de saúde, segurança e bem-estar dos colaboradores. A análise dos dados de mais de 29 mil trabalhadores permitiu a identificação de perfis e fatores críticos que influenciam diretamente a qualidade de vida e a produtividade no setor industrial. Este conhecimento é fundamental para a tomada de decisões estratégicas e para o planejamento de intervenções mais efetivas.

O perfil demográfico revelou uma força de trabalho majoritariamente masculina e com um nível de escolaridade superior à média da população brasileira em geral. Observou-se também que alguns indicadores sugerem haver ainda considerável rotatividade de mão de obra, com uma parcela expressiva de trabalhadores possuindo menos de dois anos na empresa atual. Tais características demográficas são essenciais para contextualizar os demais achados de saúde e segurança, indicando um público com qualificações específicas, mas inserido num cenário de possível instabilidade no emprego.

Um dos achados mais significativos foi a associação entre o acesso a planos de saúde e melhores indicadores gerais. Trabalhadores sem acesso a este benefício apresentaram maior exposição a fatores de risco comportamentais, piores indicadores de bem-estar mental e uma percepção mais frágil da cultura de segurança. Isso evidencia que o plano de saúde funciona não apenas como um benefício, mas como um divisor no perfil de saúde e vulnerabilidade do trabalhador.

No que tange às condições crônicas, a obesidade, a hipercolesterolemia e os problemas de coluna surgem como as enfermidades de maior prevalência. Paradoxalmente, os dados indicam que a presença de múltiplas morbidades está associada a uma menor frequência de práticas de autocuidado, especialmente entre as mulheres. Este paradoxo sugere que, apesar da necessidade, existem barreiras importantes que impedem os trabalhadores de gerir ativamente a própria saúde.

A análise da produtividade desmistificou a crença de que trabalhadores mais velhos são menos produtivos, com os dados mostrando exatamente o contrário. Os principais fatores associados à redução da produtividade foram os indicadores de presenteísmo e a “insatisfação com as condições de trabalho”, que impactaram negativamente o desempenho. Indicadores como falta de ânimo e dificuldade de concentração foram, inclusive, mais prevalentes em faixas etárias mais jovens.

Os comportamentos sedentários, como o tempo excessivo de tela e de TV, foram correlacionados a um perfil de saúde de maior risco e a índices mais baixos de bem-estar e produtividade. Este é um desafio emergente que transcende o ambiente de trabalho, mas que possui repercussões diretas sobre ele. A atenção a estes novos hábitos de vida é crucial para a promoção da saúde integral do trabalhador.

Diante do exposto, recomenda-se que as empresas invistam em programas de saúde e bem-estar mais robustos e integrados. As ações devem ser focadas na prevenção e controle das condições crônicas mais prevalentes, como a obesidade e problemas de coluna, além de promover hábitos de vida mais saudáveis. É crucial que tais programas considerem as barreiras que dificultam o autocuidado pelos trabalhadores.

Por fim, sugere-se o desenvolvimento de intervenções direcionadas aos grupos mais vulneráveis, em especial aqueles sem acesso a planos de saúde, visando reduzir as desigualdades observadas. O fortalecimento de uma cultura de segurança positiva e a melhoria do ambiente psicossocial no trabalho são estratégias essenciais. Investir nestas frentes não apenas eleva a qualidade de vida, mas também se reverte em ganhos de produtividade e competitividade para a indústria.

REFERÊNCIAS

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA – SESI. Sistema ASSTI: avaliação de saúde e segurança em trabalhadores da indústria. Brasília: SESI/DN, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Demográfico 2022: primeiros resultados de população e domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html?=&t=resultados>. Acesso em: 22 jul. 2025.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA –CNI

Antonio Ricardo Alvarez Alban
Presidente

SESI/DN

Antonio Ricardo Alvarez Alban
Diretor

Paulo Mol Junior
Diretor Superintendente

Superintendência de Saúde

Emmanuel de Souza Lacerda
Superintendente de Saúde

Gerência de Saúde Integral

Thiago Yhudi Taho
Gerente de Saúde Integral

Ana Marcilia dos Stevanato
Geórgia Antony Gomes de Matos
Guíliã Natalia Santos Mendonça
Gabriela Camelo de Andrade
Heloysa Araújo Silva

Gerência de Segurança e Saúde no Trabalho

Katyana Aragão Menescal
Gerente de Segurança e Saúde no Trabalho

Gabriella Tanajura Vieira

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO

André Nascimento Curvello
Diretor de Comunicação

Superintendência de Publicidade e Mídias Sociais

Mariana Caetano Flores Pinto
Superintendente de Publicidade e Mídias Sociais

Sueny Chrystye da Mota Hernandez
William Homero Rufino da Silva - FSB Comunicação
Produção Editorial

DIRETORIA CORPORATIVA

Cid Carvalho Vianna
Diretor Corporativo

Superintendência de Desenvolvimento Humano

Renato Paiva
Superintendente de Desenvolvimento Humano

Gerência de Educação Corporativa

Priscila Lopes Cavichioli
Gerente de Educação Corporativa

Alberto Nemoto Yamaguti
Normalização

Universidade De Pernambuco
Mauro V. G. de Barros
Fernanda Cunha Soares
Caroline Ramos de Moura Silva

Grupo de Pesquisa em Estilos de Vida e Saúde

Fênix Editorial
Projeto Gráfico e Diagramação

www.sesi.portaldaindustria.com.br

[/SESiNacional](https://www.facebook.com/SESiNacional)

[@sesi_saude](https://www.instagram.com/sesi_saude)

[sesi-nacional](https://www.linkedin.com/company/sesi-nacional)

